

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

**TRAIÇÃO LINGÜÍSTICA E LEALDADE CULTURAL
A ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO NO DISCURSO BILÍNGÜE**

AUTORA: ISABELLA MOZZILLO DE MOURA

ORIENTADOR: DR. HILÁRIO INÁCIO BOHN

Pelotas
1997

Ao professor Dr. Hilário Inácio Bohn
por sua segura orientação e extremo profissionalismo
e à professora Dra. Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena
por sua amizade e constante apoio,
a minha gratidão.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS - ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

TÍTULO : **Traição lingüística e lealdade cultural - A alternância de código no discurso bilíngüe**

AUTORA : Isabella Mozzillo de Moura - ORIENTADOR : Dr. Hilário Inácio Bohn

177 páginas - 1997

RESUMO

O presente estudo investiga o padrão de interação familiar da própria pesquisadora - equilíngüe português/espanhol - durante conversações domésticas com seu marido - bilíngüe desequilibrado das mesmas línguas - de modo a determinar quais as motivações que a impelem a se utilizar do mecanismo do code-switching ou alternância de código lingüístico. Para detectar e elencar tais motivações foram gravados diálogos cotidianos dos falantes, os quais, transcritos e analisados, permitiram o exame e a posterior descrição de cinquenta e duas vinhetas onde ocorrem diversos episódios do fenômeno em questão. Além das motivações levantadas pela literatura especializada tais como as do tipo lingüístico, sociolingüístico, estilístico, cognitivo, emocional, ambiental, de preferência pessoal, de disponibilidade na memória, de solidariedade, de demonstração de poder, de fidelidade cultural e de mudança de tópico, são apresentadas motivações não tratadas em pesquisas anteriores, quais sejam, as que consideram a alternância como marcação discursiva, as que demonstram ser o code-switching, por vezes, justamente fator mantenedor do código utilizado e as do tipo digressivo. A partir desta pesquisa, foi possível concluir que, embora haja ocasiões em que o equilíngüe cometa traições lingüísticas, existem variadas forças

discursivas atuando no sentido de permitir a preservação da lealdade à sua identidade bicultural.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO - Descrição de um caso de eqüilingüismo.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	
2.1 Definição de bilingüismo e de indivíduo bilíngüe	29
2.2 Tipos de bilíngüe	32
2.3 Graus e funções do bilingüismo	40
2.3.1 Fatores externos	42
2.3.2 Fatores internos	46
2.4 Desenvolvimento do bilingüismo	50
2.4.1 O desenvolvimento e a manutenção do bilingüismo	50
2.4.2 O “período crítico para a aquisição de línguas”	52
2.5 Relação bilingüismo X inteligência	55
2.5.1 Bilingüismo e desvantagens cognitivas	56
2.5.2 Bilingüismo e vantagens cognitivas	

.....	57
2.5.3 Conclusão da polêmica?	
.....	59
2.6 Diglossia	60
2.7 Representação dos sistemas lingüísticos no cérebro e padrões de recuperação das línguas por parte do bilíngüe afásico	
.....	63
2.7.1 Representação cerebral	
.....	63
2.7.2 Padrões de recuperação das línguas por parte do bilíngüe afásico.	69
2.8 Implicações diferenciais dos dois hemisférios cerebrais	
.....	72
2.9 Fatores determinantes na escolha das línguas	
.....	75
2.9.1 Participantes	76
2.9.2 Situação	77
2.9.3 Conteúdo do discurso	
.....	78
2.9.4 Função da interação	78
2.10 Code-switching ou alternância de código	
.....	79
2.10.1 Tipos de code-switching	
	86
2.10.2 Code-mixing ou mistura de códigos	
.....	89
2.10.3 Crítica ao mito da separação dos sistemas lingüísticos no code-switching	
.....	90

3 METODOLOGIA	94
4 ANÁLISE DE DADOS	
4.1 Code-switching intra-sentencial	
101	
4.1.1 Code-switching intra-sentencial unitário	
101	
4.1.2 Code-switching intra-sentencial segmental	
121	
4.2 Code-switching intersentencial	
137	
4.3 Code-switching entre enunciados	
146	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
6 REFERÊNCIAS	BIBLIOGRÁFICAS
.....166	
7 ANEXO.....	171

1 INTRODUÇÃO - Descrição de um caso de eqüilingüismo

Sendo o objetivo do presente estudo a análise do comportamento lingüístico da própria pesquisadora, eqüilíngüe português-espanhol, quando interage com seu marido, bilíngüe desequilibrado nestas línguas, faz-se necessária uma descrição detalhada da história de tais falantes no que se refere à aquisição e ao emprego de seus idiomas.

É consenso na literatura especializada, conforme afirma De Heredia (1987: 183)¹, que bilíngüe precoce equilibrado ou eqüilíngüe precoce é o indivíduo que antes de atingir a idade escolar, aproximadamente, adquire duas línguas ao mesmo tempo, as quais são, assim, consideradas “maternas” ou “línguas 1”.

Se a criança as adquire exatamente ao mesmo tempo, ou seja, se ela é fruto de um casal misto, por exemplo, será chamada de eqüilíngüe precoce simultânea.

Outrossim, se adquire primeiro o idioma dos pais e progressivamente - antes dos cinco anos (ou dos três anos para Köppe & Meisel, 1995: 277) - o do ambiente onde mora, por

¹ Devido ao fato de que no presente trabalho não haverá citações literais, serão fornecidas as páginas nas quais os autores referidos expõem as idéias em pauta.

intermédio de falantes nativos do lugar, será considerada também uma equilíngüe precoce simultânea.

Em ambos os casos esse falante desenvolve uma competência igual à de um monolíngüe e se desempenha como um nativo dos dois idiomas, sendo o que Bloomfield (apud De Heredia, 1987: 183) denomina o “native-like speaker” ou “verdadeiro” bilíngüe.

Devido ao fato de que possuo duas línguas nas quais posso desempenhar-me como se fosse falante nativa e devido ao fato de que entrei em contato com ambas na primeira infância, posso considerar-me como sendo equilíngüe precoce simultânea, isto é, como alguém que, uma após a outra, embora antes dos três anos de idade, adquiriu duas “línguas 1”.

Tendo nascido em Buenos Aires na Argentina mas sendo filha de pais brasileiros, desde criança falei duas línguas com desenvoltura: o português e o espanhol.

Na minha infância, a minha família era essencialmente monolíngüe já que o meu pai era funcionário da Embaixada do Brasil naquele país e portanto falava apenas português tanto no seu trabalho como em casa. Quanto à minha mãe, não trabalhava fora e usava exclusivamente a sua língua no lar (com a família e também com as empregadas - sempre brasileiras). Isso significava que eles eram falantes do espanhol somente em circunstâncias específicas.

Meus pais eram expostos a essa língua de maneira constante: ouviam-na diariamente, por óbvio, através do rádio e da televisão; contudo, utilizavam a língua do lugar onde moravam - Buenos Aires - somente em conversas com amigos argentinos, na rua - quando das compras ou atividades do tipo - ou no caso de reproduzirem diálogos e músicas, por exemplo.

Conseqüentemente, foi o português a primeira língua que ouvi em casa e a que falei desde bebê. Considero-o a minha língua materna e dominante porque falei-o todos os dias da minha vida e numa variedade maior de contextos, embora possa utilizar o espanhol - adquirido logo após - com a mesma competência, conforme relatarei a seguir.

Durante a minha primeira infância, antes mesmo de completar um ano de idade, entrei em contato com o espanhol ao conviver com outras crianças na praça do bairro onde morava. Devido à necessidade natural de me comunicar com elas, passei a desempenhar-me nesse idioma como uma nativa - o que de fato sou - embora a língua do meu lugar de nascimento tenha sido adquirida um pouco mais tarde do que o português dos meus pais.

Através do que me foi relatado posso concluir que, enquanto eu já era capaz de produzir pequenas frases com sentido em português, idioma ao qual era exposta diariamente desde meu nascimento, recém começava a dizer palavras soltas em espanhol, idioma ao qual era exposta apenas durante uma parte do dia.

De qualquer modo, como convivia muitas horas com nativos do espanhol, pude desenvolver nessa língua uma competência igual à dos falantes da minha faixa etária sem os traumas que, em situações de contato com outro ambiente lingüístico e cultural, são muitas vezes vivenciados por crianças (Hakuta, 1986: 107).

O entorno no qual passei a falar esse novo idioma não me era estranho nem hostil e nenhum argentino atribuía à língua da minha casa menor prestígio do que à dele.

Aos cinco anos de idade dominava, assim, ambas as línguas como uma nativa não tendo tido problemas de nenhum tipo ao chegar à escola para freqüentar o jardim de infância. Note-se, entretanto, que ignorava utilizar duas línguas distintas.

Para Deprez (1994: 123), a atividade reflexiva, comumente chamada de atividade metalingüística, manifesta-se na criança bilíngüe pelo ajuste de seu discurso ao interlocutor do momento, pelo julgamento de adequação do que diz e ouve, pelas autocorreções - que supõem uma idéia mais ou menos explícita sobre a qualidade da mensagem -, pela experimentação de novas palavras e pela identificação e organização categorial dos paradigmas verbais, nominais e adjetivais, por exemplo.

Afirma ainda essa autora que o bilíngüe precoce considera desde muito cedo a língua como sendo um atributo da pessoa, tal como a voz ou a cor dos olhos. “Sabe” qual a língua que deve usar para se comunicar com cada interlocutor e presente também que a mistura dos

dois códigos não é aceitável porque incompreensível para todos aqueles que são monolíngües.

Para Harding & Riley (1986: 144) os “mestres” mais importantes para a criança bilíngüe são, além dos pais, as outras crianças pequenas que encontra nas praças ou na creche e com as quais pode interagir e ter contatos regulares. Esses autores relatam casos de bilíngües precoces que, não tendo oportunidade de usufruir da fala de outras crianças, se desempenham em uma das línguas de um jeito mais “adulto” do que seria esperado na sua idade .

Béziers & Van Overbeke (1968 apud Deprez, 1986: 124) pensam que a criança não distingue línguas autônomas mas sim formas de comunicação que associa a situações e a interlocutores diferentes. Tal distinção é indireta pois não há consciência de que um indivíduo fala determinada língua e que, portanto, ela deve dirigir-se a ele nessa língua. Trata-se de um saber prático e aplicado que só mais tarde torna-se abstrato.

O falante precoce de mais de um código lingüístico demora alguns anos antes de ter a capacidade de atribuir uma língua a um enunciado e de saber nomear os idiomas que fala e entende, especialmente se os mesmos forem semelhantes e apresentarem apenas diferenças sutis. Entretanto, tal característica do par de línguas exige que a criança lhes preste mais atenção do que se fosse o caso de sistemas completamente desvinculados entre si.

No meu caso particular, apesar do fato de desde cedo usar as duas línguas de forma apropriada e consistente segundo o interlocutor, tomei realmente consciência de que dominava duas línguas separadas no momento em que houve um “erro”, uma inadequação no uso de uma delas com um interlocutor que apenas dominava a outra.

Não tive consciência, por conseguinte, de que possuía dois códigos distintos até a ocasião em que, aos seis anos, usei “inapropriadamente” o português enquanto brincava com uma amiga argentina na sua casa. Brincávamos “em espanhol” mas, de repente, após uma pausa em que tínhamos ficado caladas, eu disse alguma coisa que surpreendeu a menina: com vergonha percebi que tinha falado “como lá em casa”, isto é, que, pela primeira vez, tinha quebrado algum tipo de código.

Até esse momento nunca tinha realmente percebido que usava duas formas de falar e que eram diferentes, embora provavelmente já tivesse infringido, sem me dar conta, a proibição tácita de falar a língua indevida com a pessoa incorreta.

Falar e entender duas línguas era tão natural para mim como é possuir um único código para um monolíngüe e eu acreditava que elas constituíam um só sistema. Grosjean (1982: 170) relata casos parecidos ao meu, afirmando ser muito comum o fato de a criança não imaginar que fala mais de uma língua até começar a frequentar a escola.

Desde os nove meses visitava anualmente o Brasil e me comunicava com minha família em Pelotas apenas em português. Em Buenos Aires, por outro lado, alternava as línguas

conforme estivesse em casa ou na escola, sendo importante ressaltar que, mesmo na rua, eu me dirigia exclusivamente em português aos meus pais ou às empregadas já que constituía um código familiar o fato de somente falarmos português em casa e entre nós.

Antes mesmo do meu nascimento já existia essa regra na minha casa: rodeados de brasileiros que viviam durante anos na Argentina e que, tanto por desinteresse em manter raízes quanto pela proximidade das duas línguas, acabavam “perdendo” o português, meus pais temiam que eu viesse a não adquirir ou a falar mal a língua deles.

Devido a esse “temor” não me foi permitido falar-lhes em espanhol até uma certa idade - fato que não recordo e que me foi relatado mais tarde. No caso de alguma pergunta ou comentário que não fosse em português, fingiam não compreender, o qual me obrigava a trocar de código.

Quando tiveram certeza de que eu já dominava bem os dois idiomas não mais impediram que eu falasse em espanhol em casa. No entanto, não tinha o hábito de fazê-lo a não ser nos casos específicos em que desejava imitar alguém ou me divertir. Diante de visitas argentinas falávamos espanhol, embora eu jamais tenha podido dirigir-me a eles como “papá” e “mamá”. Mesmo falando espanhol, os vocativos foram sempre “pai” e “mãe”. Uma frase como “mãe, voy a salir” pode ser dada como exemplo dessa única transgressão ao código “da rua”. O português é parte integrante da imagem que formei dos meus pais, sendo artificial e até mesmo impossível para mim dissociá-los dessa língua.

É sabido que as crianças não gostam de se sentir “diferentes” nem alvo de curiosos. Esse era o motivo pelo qual não me sentia inteiramente à vontade diante de monolíngües argentinos que me viam falar português ou diante de monolíngües brasileiros que me viam falar espanhol.

Durante toda a minha infância senti grande desconforto quando, ao explicar na escola que em casa não se falava espanhol, pediam-me que o demonstrasse dizendo “alguma coisa” em português. Do mesmo modo, sentia forte irritação quando, durante as minhas férias no Brasil ou diante de brasileiros na Argentina, era solicitada a mostrar “como se fala em espanhol”, fatos que me levavam a permanecer em silêncio ou então a responder com uma frase pronta: “¿Qué querés que te diga ?” ou sua correspondente em português, conforme fosse a língua a ser “exibida”. No entanto, foi esse o único inconveniente advindo do fato de ser falante de dois idiomas.

Por algum tempo, até os nove anos aproximadamente, tinha o costume de ocultar de estranhos o fato de falar uma outra língua que não a deles e freqüentemente me sentia envergonhada quando era obrigada a responder em português aos meus pais em público. Tal obrigação não provinha senão do hábito de falar-lhes apenas na sua língua e do fato de que, se me dirigisse a eles em espanhol, seria artificial para todos nós.

Entretanto, o processo de leitura e escrita ocorreu de forma absolutamente natural: transferi ao português as habilidades que havia adquirido primeiramente em espanhol.

Tendo sido alfabetizada nessa língua na escola, aos seis anos, escrevia cartas aos meus parentes no Brasil, com quem oralmente me comunicava exclusivamente em português, no idioma do meu país, isto é, da Argentina. Eles respondiam, obviamente, em português e suas cartas eram lidas por mim de maneira singular: em voz baixa e com a pronúncia “mental” do espanhol. Essa era para mim a língua que eu relacionava com o código escrito e não tinha ainda percebido que “toda” língua era passível de ser transcrita por meio de letras.

Entretanto, percebendo que a pronúncia não correspondia à estrutura do que estava escrito, passava a tentar lê-las da maneira correta. Essa falta de correspondência entre o que eu “dizia mentalmente” e o que realmente estava escrito nas cartas que provinham do Brasil ou nos livros e revistas infantis em português com os quais começava a ter contato era o que despertava a minha curiosidade e o que me fazia pedir à minha mãe os esclarecimentos pertinentes.

Não lembro de explicações detalhadas ou formais, embora minha mãe fosse alfabetizadora, mas apenas de indicações leves que me permitiam compreender as contradições que percebia ao tentar “encaixar” o português que eu dominava oralmente à forma escrita do espanhol que eu dominava tanto oral quanto graficamente.

Dessa maneira vim a descobrir acentos e letras inexistentes em espanhol tais como o til ou o “ç”. Ao ler a palavra “maçã” por exemplo, pronunciava mentalmente “maca” e, além de estranhar os símbolos gráficos diferentes, pressentia que não fazia sentido com o restante do

texto, sentido esse que, muitas vezes, me fazia inferir regras e desvendar mistérios tais como, entre outros, o de que os sons [tʃi] e [dʒi] - parte do meu idioleto por ser eu filha de falantes da cidade de Pelotas - eram escritos como “te” e “de”.

Note-se que em espanhol “te” e “de” pronunciavam-se respectivamente como [te] e [de], já que não existe o fenômeno da elevação vocálica de [e] para [i] nem tampouco o da palatalização.

Do mesmo modo, pude compreender a função do til sobre o “a” e sobre o “o” ao ler palavras como “leão” ou “melões” e verificar a impossibilidade de que se pudessem pronunciar [leao] e [meloes], inexistentes em português e em desacordo total com o que eu produzia: [liã̃] e [melõ̃s]. Tais detalhes contribuíam para mais confusões no momento da leitura silenciosa em português.

De posse das informações dadas por minha mãe, bem como das minhas próprias descobertas, aprendi a ler sozinha em português, o mesmo podendo ser dito em relação à escrita. Aos sete anos, aproximadamente, deixei de ler “mentalmente” o português segundo a pronúncia do espanhol.

Tendo adquirido primeiro o português e em seguida o espanhol no que se refere às habilidades orais, posso considerar a aquisição das habilidades escritas como tendo ocorrido na ordem

inversa: primeiramente a língua utilizada na escola e mais tarde aquela empregada familiarmente.

Cummins, (apud Hamers & Blanc, 1989: 78) após fazer estudos comparativos sobre a proficiência lingüística em duas línguas, conclui que existe uma dimensão interlingüística ou capacidade comum subjacente que se reflete em ambas. O bilíngüe desenvolve uma proficiência referente à leitura que é comum aos dois idiomas já que estes são interdependentes nos níveis profundos de processamento.

Foram calcadas na ortografia do espanhol as minhas primeiras produções escritas - cartas a amiguinhas que não entenderiam, ao contrário do que ocorria no caso da minha família, se eu lhes escrevesse em espanhol.

Datam dos meus sete ou oito anos palavras assim escritas: “sesta fera” por “sexta-feira” (não tinha ainda percebido que o “x” representava vários sons e que o ditongo -ei sofria monotongação na fala), “otra” por “outra” (não conhecia tampouco a monotongação oral de -ou), “dise” por “disse” (não tinha percebido que, havendo dois fonemas distintos /s/ e /z/, o português os representava diferentemente), “façer” por “fazer” (não sabendo qual letra correspondia ao som [z], inexistente em espanhol, escrevia-o com “ç”, já que essa letra também não existe nesse idioma), “falarão” por “falaram” (não fazia diferença entre as terminações do futuro e do passado, já que ouvia os mesmos sons), “María” e “Mario” por

“Maria” e “Mário” (desconhecia as regras de acentuação gráfica do português, por vezes exatamente contrárias às do espanhol).

Tais problemas foram sendo resolvidos à medida que fui tomando cada vez mais contato com livros e revistinhas em português. O fato de seguir escrevendo cartas para Pelotas auxiliou-me a dominar a escrita ao ponto de não sentir a menor diferença no momento de expressar-me por escrito aos quinze anos, quando passei um ano letivo no Brasil, mesmo sem ter jamais estudado formalmente essa língua.

Paradis (1994: 15) afirma que, nos casos de falantes bilíngües, a quantidade de conhecimento metalingüístico a respeito da língua empregada nos meios escolares costuma ser bem maior do que aquilo que o sujeito sabe sobre a língua empregada no lar.

Entretanto, por serem as estruturas das duas línguas em questão extremamente semelhantes, tampouco tive nenhuma dificuldade com a aprendizagem de análises gramaticais formais, por exemplo. E rapidamente aprendi as nomenclaturas e as particularidades do que não era comum a ambos os códigos.

É interessante observar que, até hoje, quando devo ler - silenciosamente ou não - algo em outra língua desconhecida, faço-o seguindo a pronúncia do espanhol. E o que foi aprendido na escola geralmente me vem à memória nessa língua: é nesse idioma que pronuncio

mentalmente o alfabeto no momento de consultar o dicionário ou que digo as taboadas de multiplicação quando devo realizar alguma conta.

Para Weinreich (1953: 75), isso se deve ao fato de que memorizei tais elementos como textos verbais em espanhol. Embora tenha perfeitas condições de transferir esses conhecimentos para o português, não é essa a língua que utilizo porque os tópicos em questão foram adquiridos e utilizados repetida e exclusivamente no único idioma que me era útil na escola.

No caso de ter de contar ou fazer contas diante de brasileiros, faço-o em português embora estando sozinha utilize invariavelmente o espanhol. O mesmo ocorre quando preciso recitar fórmulas ou orações religiosas: conheço as rezas em português mas preciso rememorar-las conscientemente.

Durante as fases da puberdade e adolescência deixei de lado qualquer sentimento de desconforto ocasionado por ter mais de uma língua e passei a me comportar exatamente ao contrário do que sempre tinha feito, ou seja, passei a me orgulhar imensamente da minha dupla nacionalidade e da minha dupla cultura, valorizando sobremaneira o fato de ser diferente dos meus amigos tanto argentinos quanto brasileiros.

Para Esteva Fabregat (1978: 26), quando as culturas do bilíngüe são relativamente próximas do ponto de vista histórico, o processo de biculturalismo costuma ser relativamente fácil. Conforme se apresentarem os sistemas políticos e sociais dos países onde se falam os

idiomas do indivíduo, este pode criar uma dupla configuração cultural capaz de ser usada indistintamente quando em situação de socialização com integrantes de um ou outro grupo.

No início da minha adolescência compreendi finalmente que eu era bicultural, que pertencia a duas culturas que, se bem fossem muito próximas, diferenciavam-se em determinados traços essenciais. Senti, desse modo, que eu tinha a habilidade de transitar por ambas com grande facilidade e rapidez.

De acordo com Siguan (1978: 283), cada língua expressa uma cultura, implica uma organização da realidade e um sistema de atitudes e de valores. Estando o bilíngüe integrado ao mesmo tempo a duas culturas, apresenta dois sistemas diversos de organizar e vivenciar a realidade. Pessoalmente, percebi também nessa época que, por serem as minhas culturas valorizadas da mesma forma, só poderia ser-me vantajoso o fato de possuir dois ângulos de visão do mundo.

Contudo, alguns aspectos da minha vida eram marcados pelas diferenças. Como os únicos integrantes da minha família que moravam fora do Brasil eram os meus pais, eu lamentava não ter origem argentina nas ocasiões em que conhecer hábitos locais mostrava-se extremamente necessário.

Exemplo disso eram as épocas de festejos nacionais durante os quais meus pais precisavam ser informados em detalhe a respeito das roupas típicas ou dos enfeites que eu deveria

apresentar na escola. Não ter avós ou tios argentinos que me contassem histórias ou me cantassem em espanhol era também sentido por mim como uma falha.

Do mesmo modo, sentia-me contrariada quando precisava pesquisar algum fato histórico argentino nas enciclopédias antigas dos pais dos meus colegas porque as que havia em minha casa ou eram brasileiras ou eram modernas demais.

Também sentia não pertencer totalmente ao grupo dos meus colegas quando, por exemplo, visitava suas casas e presenciava a elaboração de comidas específicas daquela cultura. Nas vezes em que a minha casa era visitada por amigos sentia a diferença no momento de apresentar-lhes comidas brasileiras, de mostrar-lhes discos e livros em português ou de falar-lhes sobre a terra dos meus pais.

Nenhum desses detalhes impedia que me sentisse totalmente integrada à cultura do país onde morava, apenas me faziam lembrar que minhas origens eram outras.

Por outro lado, quando visitava o Brasil sentia também não ser completamente igual aos meus primos e amigos e ter características e gostos mais de acordo com os da Argentina. Muitas das referências que ouvia sobre novelas, contos ou personagens não me eram compreensíveis devido ao fato de que não morava neste país e apenas convivía diretamente com a sua cultura poucos meses por ano. Porém, sempre me considerei tanto brasileira quanto argentina.

Como todo adolescente, passei, nessa etapa da minha vida, a me interessar justamente em chamar a atenção dos demais e comecei a querer demonstrar o meu bilingüismo. Costumava falar alto em público numa língua que não a da comunidade e sentia grande prazer em falar português com a minha mãe, por exemplo, diante de colegas argentinos, os quais faziam perguntas e ficavam impressionados com tal “habilidade”.

O Brasil sempre foi alvo de admiração, simpatia e curiosidade por parte dos argentinos, assim como a Argentina é vista pelos brasileiros como um país culturalmente desenvolvido.

Esse mútuo prestígio auxiliou fortemente o desenvolvimento, nessa época, de hábitos de caráter metalingüístico que já tinha iniciado na infância, a saber: o de pensar ludicamente sobre as línguas, o de traduzir oralmente textos literários para amigos monolíngües, o de falar uma língua utilizando propositalmente os sons da outra, o de testar - como forma de diversão - estruturas de uma na outra, o de comparar constantemente seus vocabulários para detectar os chamados falsos cognatos, o de atribuir terminações de uma língua a radicais da outra, o de - explicitamente - inventar palavras inexistentes, o de examinar o desempenho de outros falantes bilíngües para detectar possíveis inadequações etc.

Deprez (1994: 130) esclarece que os jogos lingüísticos levados a cabo após a descoberta da existência de um repertório com dois códigos distintos constituem indubitavelmente uma das maiores vantagens que os bilíngües precoces apresentam no plano cognitivo. A capacidade de diferenciar as estruturas relaciona-se grandemente com a habilidade de criação lexical,

assim como a flexibilidade em reconhecer e aceitar desde cedo o caráter arbitrário do signo lingüístico deve-se à facilidade de comparar os idiomas e ao hábito de passar constantemente de um sistema simbólico ao outro.

Talvez sendo bilíngüe, conforme afirmam Harding & Riley (1986: 131), apreciei estudar outras línguas desde pequena por ter uma atitude positiva diante da existência de outras formas de descrever o mundo, recortar a realidade e observar as coisas.

Assim, aprendi inglês e francês cedo e apreciei também, desde criança, ensinar línguas: na minha escola dava “aulas” de português com material criado por mim mesma, traduzia, explicava e resolvia dúvidas a respeito das outras línguas sempre que possível e costumava fazer comparações entre elas e o espanhol.

Provavelmente devo ao fato de ser eqüilíngüe o meu interesse e a minha facilidade em relação a línguas e à lingüística em geral. Embora seja evidente que nem todo sujeito bilíngüe deva ter necessariamente esses pendores, atribuo muito da minha aptidão nesse campo à minha experiência pessoal.

Observe-se que de algum modo conservei os costumes que descrevi acima: minha profissão é a de professora de francês, publiquei conjunto didático destinado a ensinar a língua espanhola a crianças brasileiras, realizei tradução de obra literária do português para o espanhol e me dedico a analisar neste trabalho o meu uso efetivo das “duas línguas 1” .

Deixei a Argentina aos dezoito anos e meio e, por algum tempo, não mais utilizei diariamente o espanhol para me comunicar, apenas o exercitei ao escrever cartas, ao ouvir música, ao ler e ao cantar ou ao falar com minha mãe em tom de brincadeira ou em ocasiões nas quais queremos fazer comentários a respeito de algo ou de alguém sem sermos compreendidas. Em viagens a Buenos Aires e com falantes nativos de espanhol que eventualmente encontrava em Pelotas tinha, então, às vezes, oportunidade de falá-lo.

Aos vinte e um anos, quando conheci o meu marido, que é brasileiro e que fala inglês e francês, comecei a lhe falar em espanhol e a lhe explicar certas regras de funcionamento desse idioma, o qual não apresenta maiores dificuldades para quem é nativo de outro tão parecido e para quem, tendo aptidão para as línguas, tem interesse especial em aprendê-lo.

Posso considerá-lo um falante com excelente desempenho nessa língua, ele a domina com grande desembaraço e a fala com grande precisão, embora, obviamente, o faça com certo “sotaque” e cometa erros de variada natureza devido ao fato de tê-la aprendido tardiamente e de maneira peculiar.

Desde que passei a conviver com ele, há nove anos, tenho falado diariamente o espanhol alternando-o com o português durante as nossas interações.

O fato de ter passado a minha adolescência na Argentina e de ter desenvolvido com amigos os laços de afetividade peculiares a essa etapa da vida utilizando o espanhol determinou, de

alguma maneira, que para mim seja muito mais fácil e prazeroso expressar certos sentimentos justamente nessa língua.

Grosjean (1982: 278) observa ser comum o fato de bilíngües sentirem a necessidade de que seus parceiros dominem também ambas as línguas para poderem expressar melhor seus sentimentos.

Observo que, na atualidade, o meu espanhol continua tendo a mesma fluência e precisão de outras épocas, o que me faz passar certamente por uma falante nativa cada vez que me comunico com outras pessoas que também o são.

Em algumas ocasiões, andando pela rua, por exemplo, me surpreendo ao ouvir alguém falando português. Sinto, então, que, mesmo estando no Brasil, por alguma razão me transporto à minha outra língua e passo a pensar, a falar interiormente em espanhol. O idioma local se torna tão distante de mim, às vezes, que escutá-lo parece ser totalmente inesperado naquele momento.

Porém, apesar de a língua do meu país de nascimento seguir tão viva em mim, observo também que cometo “deslizes” de vez em quando, principalmente no que diz respeito ao vocabulário: utilizo sem ter premeditado expressões ou palavras que não empregaria se estivesse em contato com falantes exclusivos do espanhol, se não lembro de algum termo específico, adapto do português algo parecido e encaixo a palavra na frase em espanhol, por exemplo.

É possível que o espanhol tenha perdido um pouco o espaço que ocupava na minha vida porque não me é mais tão necessário como quando vivia entre falantes dessa língua. Exemplo disso pode ser a perda da dominância no que diz respeito à língua escrita formal: até vir estudar no Brasil, aos dezoito anos, era em espanhol que eu escrevia na maior parte das vezes e em variados contextos. Desde então, tendo estudado e passado a trabalhar longe de um ambiente propício para a manutenção de tal habilidade, apenas emprego a escrita em espanhol para escrever cartas informais a amigos argentinos. Assim, a escrita de cartas formais exige de minha parte maior esforço consciente do que me era necessário antigamente.

Entretanto, apesar das “traições” que creio cometer de vez em quando, tenho o firme propósito de preservá-lo por uma questão principalmente afetiva: não posso ser eu mesma falando apenas uma das minhas línguas e preciso ser leal a ambas para conservar a minha integridade emocional.

Tendo em vista que durante a minha vida na Argentina mantive minhas línguas separadas por não poder falar português com meus amigos argentinos pela evidente razão de que não seria compreendida e por não ter sido incentivada a empregar o espanhol no ambiente doméstico, local onde meus pais não tinham o costume nem o desejo de usar tal idioma, o fato de ter a possibilidade de alternar entre tais sistemas lingüísticos ao falar com meu marido, morando no Brasil e depois de adulta, constitui para mim uma situação nova e muito interessante.

Caberia sintetizar minha caracterização pessoal dentro do quadro a ser exposto no próximo capítulo afirmando que, dentre as classificações pertinentes ao meu caso particular, sou um indivíduo cujo bilingüismo é *equilibrado, precoce, simultâneo, aditivo e bicultural*.

O objetivo do presente estudo será, portanto, o de analisar as situações comunicativas existentes entre uma eqüilíngüe com as características acima descritas e um bilíngüe desequilibrado português-espanhol, respectivamente eu mesma e meu marido, de forma a detectar as preferências conscientes ou as exigências lingüísticas, sociolingüísticas e/ou emocionais determinantes de minha escolha por uma ou outra língua durante nossas interações verbais.

Serão examinados os mecanismos desencadeadores das trocas de código, bem como a correspondência entre a prática real e os estereótipos e preconceitos que possuo a respeito do meu próprio desempenho e a respeito do valor funcional das duas línguas que domino como uma nativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo serão descritos alguns aspectos considerados relevantes para a compreensão geral do fenômeno em estudo. Primeiramente, serão apresentados os tópicos relativos à

definição de bilingüismo e de indivíduo bilíngüe, à tipologia, aos graus e funções, bem como ao desenvolvimento e manutenção do bilingüismo. Em segundo lugar, serão feitas observações a respeito da relação entre bilingüismo e inteligência, assim como sobre o fenômeno da diglossia. A seguir, a representação das duas línguas no mesmo cérebro e suas implicações serão comentadas. Por último, serão examinados os fatores que determinam a escolha das línguas por parte do sujeito bilíngüe e o fenômeno do code-switching ou alternância de códigos lingüísticos.

2.1 Definição de bilingüismo e de indivíduo bilíngüe

O conceito de bilingüismo é, ainda hoje, algo inteiramente relativo e controvertido dentro da literatura e, conforme o clássico artigo de Mackey (1968: 555), constitui-se, em seu sentido lato, no uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo.

No entanto, não apenas as línguas naturais podem compôr o repertório do sujeito bilíngüe mas também outros tipos de linguagens. Há pessoas com variado grau de domínio simultâneo do português e da linguagem dos surdos-mudos, por exemplo, que, por não empregarem em suas vidas apenas um código, não podem ser consideradas monolíngües.

O indivíduo bilíngüe, segundo Grosjean (1995: 259), não é a soma de dois monolíngües, mas sim alguém que possui a configuração lingüística específica de um falante-ouvinte que utiliza

suas línguas até onde tem condições conforme suas necessidades e as do ambiente. Seus idiomas são utilizados separadamente ou não, de acordo com diferentes propósitos, em distintos contextos de vida e segundo os interlocutores com que se comunica. O domínio de cada um depende das situações de comunicação nas quais são empregados.

O que caracteriza o sujeito bilíngüe é a utilização de suas linguagens para interagir com o mundo (Grosjean, 1982: passim). Por conseguinte, encontra-se de acordo com essa definição a afirmação de que bilíngüe é quem tem a capacidade de usar funcionalmente, seja em que grau for, mais de uma língua.

A literatura considera como sendo bilíngües variados tipos de indivíduos: desde aquele nativo de uma língua que não é completamente monolíngüe, que se desempenha, ainda que minimamente, em uma das quatro habilidades lingüísticas (fala, entende, lê ou escreve) em outro sistema até o extremo daquele que é eqüilíngüe, ou seja, que passa por nativo em mais de um idioma.

Nesse continuum que parte dos monolíngües para chegar aos eqüilíngües situam-se todos os sujeitos consideráveis como bilíngües, os quais, segundo consenso geral, constituem mais da metade da população mundial.

O fenômeno em estudo encontra-se presente, por via de consequência, em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias e em todos os países. Mesmo em países essencialmente monolíngües existem indivíduos e grupos bilíngües.

Pertencem, portanto, à categoria dos bilíngües os aprendizes recentes de outra língua (bilíngües incipientes) assim como aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que, por razões de competência ou por razões de ordem estratégico-afetiva não querem ou não conseguem falar outra língua apesar de poder bem compreendê-la (bilíngües passivos ou receptivos).

São também bilíngües os falantes que desenvolvem todas as habilidades, com vários graus de domínio, em outra língua, e que, mesmo atingindo grande fluência e precisão, não passam por nativos ao serem julgados por quem o seja realmente.

Selinker (1974: 116) afirma que somente 5% dos que estudam línguas estrangeiras chegam ao completo domínio de um segundo idioma.

Por fim, existem indivíduos equilíngües, pessoas que são reconhecidas por falantes nativos dos seus dois idiomas como pertencentes a ambos os grupos. Embora dificilmente sejam verdadeiramente equilibrados porque não se desempenham nas duas línguas nos mesmos contextos, impressionam por ter, do ponto de vista dos interlocutores, idêntico domínio das línguas, constituindo-se no que, classicamente, se denominava “ bilíngües perfeitos”.

A amplidão do conceito de bilingüismo deve-se à dificuldade em definir um fenômeno tão multidimensional. Não se deve levar em conta apenas o aspecto do grau de proficiência atingido pelo sujeito nas suas duas línguas mas também dimensões não lingüísticas.

Considerando o acima exposto, Hamers & Blanc (1989: 8) definem como sendo relevantes para o estudo do bilingüismo as seguintes dimensões: competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição, exogeneidade, status sócio-cultural e identidade cultural do falante.

2.2 Tipos de bilíngües

Segundo tais autores, existem, pois, diversas tipologias de bilíngües conforme as dimensões psicológicas citadas acima, a saber :

a) conforme a competência desenvolvida em ambas as línguas, o indivíduo poderá ser um *bilíngüe equilibrado* ou *equilíngüe* ou então um *bilíngüe desequilibrado*.

Será um *equilíngüe*, *bilíngüe equilibrado* ou *bilíngüe em sentido estrito* se possuir a mesma competência nas duas línguas, ainda que as empregue com interlocutores distintos, em contextos diferenciados e com diferentes funções. Será um *bilíngüe desequilibrado* quando um dos dois sistemas for mais dominante do que o outro, isto é, quando um deles for mais desenvolvido do que o outro, podendo inclusive influenciar e interferir no mais fraco.

Tanto o equilíbrio quanto o desequilíbrio dos idiomas não se distribuem da mesma maneira no que diz respeito a todas as funções lingüísticas, sendo que cada pessoa possui sua própria configuração de dominância. Esta constatação estaria contradizendo, de alguma maneira, o próprio conceito de bilingüismo equilibrado se não fosse pelo fato de que, quando um indivíduo é considerado como equilíngüe significa, na verdade, que, do ponto de vista dos interlocutores nativos de seus dois idiomas, ele se desempenha exatamente como o faria um nativo de cada um deles.

Para Seliger (1989: 175) existem várias configurações de dominância entre as línguas faladas pelo bilíngüe. Tais configurações são descritas na tabela abaixo.

1. L1 > < L2

2. L1 > L2

3. L1 < L2

4. -L1 < L2

1. As duas línguas coexistem e o sujeito mantém fluência igual à dos nativos em ambas. Trata-se do bilingüismo equilibrado.
2. A língua 1 permanece dominante e a língua 2 é relegada a funções claramente definidas, ainda que o falante adquira um alto nível de proficiência.
3. A língua 2 torna-se dominante e influencia a língua 1 do ponto de vista da fonologia, do léxico e da sintaxe. Embora a habilidade de compreensão na

língua 1 não diminua, o indivíduo pode perder a capacidade de julgar a gramaticalidade de enunciados proferidos nessa língua.

4. A língua 2 toma o lugar da língua 1 a tal ponto que pouca ou nenhuma habilidade resta nesta última. Esse fenômeno pode ocorrer com crianças que perdem o contato com falantes da língua 1.

b) conforme sua organização cognitiva, o falante será um *bilíngüe composto* quando a aquisição de dois códigos der lugar a uma representação mental comum a ambos ou um *bilíngüe coordenado* quando a aquisição dos mesmos conduzir a duas representações distintas, uma para cada um.

Weinreich (1953: 9) foi o mentor de tal distinção ao afirmar que um bilíngüe pode conceber apenas um conceito para dois significantes diferentes, possuir dois significados distintos para dois significantes equivalentes nas duas línguas ou, também, considerar os referentes dos signos de uma língua aprendida como equivalentes aos da língua já dominada.

Os três casos são representados por esse autor da seguinte maneira :

composto		coordenado		subordinado
“livro”	“book”	“livro” =	“book”	{“ <u>livro</u> ”}
				/livro/
/livro/	/buk/	/livro/	/buk/	
				/buk/

Posteriormente, em 1954, Ervin & Osgood (apud Macnamara, 1970: 28) passaram a considerar o terceiro tipo como sendo integrante do conceito de bilingüismo composto e a associar tais tipologias à forma como as línguas são adquiridas. Compostos seriam os falantes que aprenderam um idioma através do outro - em salas de aula tradicionais - ou, se equilíngües, no mesmo contexto - em casa. Os coordenados ou “verdadeiros bilíngües” seriam aqueles que adquiriram as duas línguas em contextos diferenciados, tais como em casa e na escola - através de metodologias “diretas” - ou, se equilíngües, em casa e na rua.

Hamers & Blanc (1989: 8) afirmam que tal distinção tem sido interpretada de diversas maneiras na literatura mas que apenas se refere, na sua origem, a uma diferença no que diz respeito à organização cognitiva. Não possui nenhuma relação com grau de competência nas línguas nem tampouco com idade ou contexto de aquisição.

Para eles, existem ainda outras dimensões psicológicas de bilingüismo:

c) conforme a idade de aquisição de seus sistemas, o indivíduo pode classificar-se como *bilíngüe precoce*, como *adolescente bilíngüe* ou como *adulto bilíngüe*.

Considera-se que o sujeito é um *bilíngüe precoce* quando adquire seus dois sistemas antes da idade de 10 anos. Será *bilíngüe precoce simultâneo* no caso em que suas duas línguas sejam adquiridas antes dos três anos, tanto porque é exposto a elas desde o nascimento por ser fruto de um casal misto, por exemplo, quanto porque é exposto a uma delas tempo depois

da primeira, vide o caso de crianças que entram em contato com o idioma do país em que vivem - em locais como creches, praças, jardins de infância - após terem tido contato com o da família em casa.

Por outro lado, será *bilíngüe precoce sucessivo* aquele indivíduo que adquire outro código durante a infância, porém o faz após ter ocorrido a aquisição básica de sua primeira língua. Tal aquisição tanto pode advir de situações informais - no momento em que a criança passa a morar em outra comunidade lingüística, por exemplo - quanto de aprendizado formal e intencional - nos casos de determinados programas educacionais bilíngües antes dos onze anos de idade.

Em ambas as situações poderá o resultado ser o de equilingüismo ou bilingüismo equilibrado em especial em se tratando da aquisição simultânea antes dos três anos. Contudo, se a entrada em contato com o outro código ocorrer em situação artificial - aulas em escola onde os professores não são nativos, por exemplo - a criança não atingirá um desempenho que permita que ela seja julgada como sendo nativa do mesmo.

Adolescente bilíngüe é o falante que adquire seu segundo sistema lingüístico entre os onze e os dezessete anos aproximadamente. *Adulto bilíngüe* é o indivíduo possuidor de mais de uma linguagem, tendo aprendido uma delas após os dezessete anos de idade.

Na maior parte dos casos o desempenho varia desde o grau mínimo - precária capacidade de expressão e/ou compreensão - até o grau máximo - ponto em que existe boa fluência, grande

correção gramatical, ótima adequação pragmática, bem como pronúncia e entoação aceitáveis e próximas das do falante nativo.

Entretanto, nas duas situações acima - sujeitos que se tornaram bilíngües durante a adolescência ou já adultos - dificilmente são alcançados níveis de proficiência equivalentes ao de falantes nativos da segunda língua, dificilmente é conseguida uma total desativação da primeira (Grosjean, 1995: 262).

Aquilo que impede um sujeito altamente competente em outro idioma além do seu de ser confundido com um nativo, o que o faz ser facilmente detectado como estrangeiro, mesmo quando em todos os aspectos funciona perfeitamente, é o aspecto fonético, o que o nativo denomina “sotaque” e que será analisado adiante.

Contudo, segundo Snow (1987: 194), a literatura registra exemplos de falantes que contradizem tal regra. Genesee (1988: 102) afirma que existem pessoas com o mesmo desempenho de um nativo apesar de terem adquirido a língua tardiamente e/ou em situação artificial. Pode-se afirmar, entretanto, que tais indivíduos não seguem o padrão e que constituem, indubitavelmente, caso aparte.

d) conforme a presença ou a ausência da segunda língua no ambiente do falante, este poderá ser um *bilíngüe endógeno* ou um *bilíngüe exógeno*.

Será *endógeno* no caso em que seus dois sistemas se encontrem presentes na comunidade em que vive, podendo ou não serem utilizados para fins institucionais. Será *exógeno* quando um de seus idiomas for empregado como língua exclusiva para a instrução e para usos oficiais em entidades políticas onde não exista nenhuma comunidade de fala que o utilize. Como exemplo dessa situação poderiam ser citados os casos dos países do oeste, do centro e do leste africanos, nos quais o inglês ou o francês ocupam postos de idiomas oficiais mesmo sem que haja, na atualidade, grupos que os empreguem como línguas maternas.

e) conforme o status relativo gozado pelos sistemas lingüísticos que detém, o indivíduo será um *bilíngüe aditivo* ou um *bilíngüe subtrativo*.

Será um *bilíngüe aditivo* quando seus idiomas forem valorizados igualmente no ambiente em que vive, “possuindo o mesmo status sócio-econômico e desempenhando papéis harmonicamente complementares” segundo as palavras de De Heredia (1987: 187). Quanto mais a língua falada no ambiente familiar for valorizada, mais será aceita a do ambiente externo, o que fará com que ambas se integrem sem problemas na vida do sujeito. Havendo uma boa atitude em relação aos dois países representados simbolicamente pelos idiomas em questão, o desenvolvimento cognitivo do falante tira o máximo partido da experiência bilíngüe, conduzindo-o a uma grande flexibilidade cognitiva.

Por outro lado, o sujeito será um *bilíngüe subtrativo* quando uma das línguas for valorizada em detrimento da outra. Na maioria dos casos, é a língua familiar de falantes migrantes a que

sofre desprestígio, o qual pode causar impossibilidade e mesmo recusa de falar ou compreendê-la. Esse *bilingüismo passivo* ou *receptivo* pode também originar problemas emocionais e cognitivos de variada ordem.

e) conforme a partilha ou não da identidade cultural com membros das comunidades onde se falam suas línguas, a pessoa será um *bilíngüe bicultural*, um *bilíngüe monocultural*, um *bilíngüe aculturado* ou um *bilíngüe deculturado*.

Bilíngüe bicultural é o indivíduo que se identifica positivamente com membros dos dois grupos culturais que falam suas línguas, os quais, ao mesmo tempo, reconhecem-no como sendo integrante de cada um deles.

O sujeito é considerado um *bilíngüe monocultural* quando, ainda que atinja alto grau de fluência na segunda língua, não apresenta nenhuma identificação significativa com a cultura veiculada pela mesma.

Quando renuncia à sua própria cultura e adota aquela à qual pertence a sua segunda língua o indivíduo torna-se um *bilíngüe aculturado*.

Finalmente, quando a própria identidade cultural do sujeito é abandonada e, no entanto, tampouco há, de sua parte, adoção plena da outra, surge, assim, um *bilíngüe deculturado*, o que constitui um típico caso de ambigüidade cultural e de semilingüismo.

Complementando a tipologia de Hamers & Blanc descrita até aqui, é necessário citar mais uma dimensão recolhida por Dabène & Moore (1995: 37), a saber :

f) conforme o comportamento existente dentro do contexto familiar, o indivíduo será um *bilíngüe funcional* ou um *bilíngüe complementar*.

Será um *bilíngüe funcional* quando, por pertencer à geração mais nova, tende a empregar elementos dos dois códigos como uma estratégia discursiva que permite dar conta de diferenças estilísticas ou pragmáticas.

Contrariamente, o falante será um *bilíngüe complementar* quando, fazendo parte da geração mais velha, utilizar elementos de ambos os sistemas, de modo a compensar a insuficiência de domínio de qualquer um dos mesmos.

2.3 Graus e funções do bilingüismo

Mackey (1968: 554) afirma que o fenômeno do bilingüismo não pertence ao domínio da língua mas ao da fala, considerando-se a dicotomia saussuriana. Tal fenômeno ocorre, pois, ao existir um falante que emprega mais de uma linguagem, sendo, desse modo, “propriedade do indivíduo”.

Para que seja possível analisá-lo, é preciso verificar várias facetas do conceito em questão. Para o autor acima, deve-se investigar a questão do *grau* - de modo a compreender até que ponto o falante domina as linguagens que usa, a questão da *função* - para identificar os usos que faz das mesmas e para descobrir o papel desempenhado por elas no seu padrão de comportamento geral, a questão da *alternância* - de forma a determinar a extensão do uso alternado dos seus idiomas bem como a maneira como realiza a passagem entre eles e, por último, a questão da *interferência* - para explicitar o modo como consegue apartar seus códigos, a forma que emprega para fundi-los, assim como a maneira como um influencia o outro.

No que diz respeito ao *grau* de bilingüismo, é necessário esclarecer que o domínio dos dois códigos lingüísticos raramente ocorre com o mesma proficiência em todas as áreas. O sujeito bilíngüe pode possuir alta competência lexical e baixa competência gramatical, por exemplo. Cada um apresentará graus diferenciados de proficiência nas diversas habilidades nas duas línguas. Os níveis fonológico/gráfico, gramatical, lexical, semântico, estilístico e pragmático geralmente não são correspondentes em ambas, podendo variar conforme o assunto, o interlocutor, o ambiente, entre outros fatores.

Através de testes de variados tipos tentou-se determinar o limite até onde vai a destreza dos falantes desde que, no início do século, começaram a proliferar os estudos científicos referentes ao bilingüismo (Hakuta, 1986: passim).

Quanto à *função* exercida pelo bilingüismo, alguém será mais ou menos dominante em uma língua segundo o uso que atribui à mesma e segundo as condições sob as quais a emprega. As funções podem ser de ordem externa ou interna.

2.3.1 Fatores externos

Mackey (1968: 557) refere que as funções externas são determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação de cada uma delas enquanto duração, freqüência e pressão. Por outro lado, as funções internas não são empregadas para uso comunicativo, sendo, por exemplo, a fala interior e a expressão de aptidões intrínsecas.

Entende-se como área de contato os meios através dos quais ambos os sistemas lingüísticos foram adquiridos e utilizados - casa, comunidade, escola ou meios de comunicação de massa. A influência exercida por cada um desses elementos nos hábitos do falante bilíngüe - tanto na compreensão quanto na produção - dependerá da duração, da freqüência e da pressão do contato. A drástica diminuição do contato com um dos sistemas pode acarretar a sua perda, especialmente no que concerne à produção oral e escrita.

A primeira e mais evidente área de contato lingüístico que pode ter um indivíduo bilíngüe é a sua *casa*. Nela poderá compreender e/ou falar uma ou mais línguas segundo o modelo familiar: os membros podem ser monolíngües ou não, todos podem partilhar o mesmo código

ou não, os pais podem utilizar línguas diferentes com os filhos e entre si ou não, aqueles que são bilíngües podem se comportar exclusivamente como monolíngües ou não. Existem diversas modalidades de comportamento lingüístico doméstico, as quais obedecem a critérios de necessidade ou de livre escolha das línguas.

A *comunidade* desempenha importante papel no estabelecimento das funções que cumpre uma língua para o falante. O *bairro* ou *vizinhança* onde se encontra inserido o sujeito tem, por vezes, maior influência no seu falar do que teria qualquer outro ambiente em que se movimenta.

O *grupo étnico* ao qual pertence o indivíduo é também importante fator de manutenção lingüística, bem como a *igreja* que frequenta, a qual pode ou não coincidir com a mesma do seu grupo étnico. O fato de prezar sua raça e/ou nacionalidade contribui fortemente para, em solidariedade com os pares, desejar manter um dos seus idiomas.

O *grupo ocupacional* pode obrigar o falante a usar um idioma distinto do que emprega normalmente em casa, no bairro ou, até mesmo, na rua.

O *grupo de lazer* pode desempenhar papel semelhante ao de trabalho na medida em que, para entrar em contato com seus parceiros de esporte ou de outras atividades, o bilíngüe é obrigado a empregar um código determinado.

A *escola* constitui um meio de indiscutível importância tanto no que diz respeito ao aprendizado de línguas quanto no que tange a manutenção das mesmas. O contato possível com os idiomas ocorre ou através de ensino formal ou mediante seu emprego como meio de instrução. Se o estabelecimento adota duas línguas como oficialmente passíveis de funcionar como transmissoras de conhecimento ou se apenas uma delas desempenha tal função, sendo a outra apenas objeto de estudo, isso terá evidente influência no domínio que delas virá a ter o sujeito bilíngüe quando precisar evocar conhecimentos escolares.

Cummins (1988: 148) relata que a educação bilíngüe não é algo aceito por todos os setores das diferentes sociedades sendo um assunto bastante controverso pois que constitui um ponto essencial no que tange a idéias preconceituosas a respeito da formação de culturas multirraciais.

O ensino particular de idiomas tem também assegurado seu papel como mantenedor do bilingüismo, tanto em locais monolíngües quanto em locais onde existem grupos lingüísticos diversos. É também relativamente comum a procura por ensino privado quando o falante não domina o código escrito ou o dialeto culto padrão da língua que fala em sua casa, por exemplo.

O *rádio*, a *televisão*, o *cinema*, *gravações*, bem como *jornais*, *livros* e *revistas* são meios poderosos que contribuem no sentido de manter e/ou desenvolver o domínio de uma outra língua por parte do sujeito. Pode-se afirmar o mesmo a respeito da *correspondência* familiar

ou profissional que contribui inegavelmente para manter em funcionamento as línguas do indivíduo.

Para Mackey (1968: 558) o grau da influência exercida por cada área de contato no bilingüismo de alguém dependerá da *duração* desse contato. Entretanto a *duração* nada significa a menos que se possa identificar a *freqüência* do mesmo. A dominância de uma língua sobre a outra relaciona-se quase sempre com a quantidade de tempo durante o qual o sujeito fica exposto a ela, bem como com a questão de se o faz seguidamente ou não.

Em cada uma das áreas de contato é necessário que existam *pressões* de diversos tipos de modo a influenciar o emprego, por parte do bilíngüe, de um dos seus idiomas em detrimento do outro.

Considerando-se que o bilingüismo é um fenômeno presente nos mais diversos contextos sociais e que em algumas sociedades atinge grande importância política e social, é fundamental compreender que as duas línguas em pauta freqüentemente representam diferentes redes sociais às quais associam-se sistemas de valores. A escolha da língua por parte do sujeito auxilia, dessa forma, a simbolizar sua identificação cultural com cada sistema (Hakuta, 1986: 233).

Portanto, as pressões descritas podem ser *econômicas, administrativas, culturais, políticas, militares, históricas, religiosas* ou *demográficas*.

Razões econômicas podem obrigar o indivíduo a utilizar um idioma distinto do do seu lar, um que tenha maior prestígio na comunidade onde trabalha, por exemplo. Da mesma maneira, trabalhadores da administração de certos países podem ter a necessidade ou a obrigação oficial de dominar mais de uma língua.

Conforme o país ou a profissão exercida, torna-se imperiosa a fluência em mais de um código, especialmente em aqueles através dos quais cultura e tecnologia são normalmente veiculadas. Pertencer a forças armadas localizadas no exterior, servir em um país onde a língua não é a mesma falada no lar, ocupar regiões estrangeiras são razões fortes para que alguém exercite outro idioma.

A posição exata das línguas que convivem em um mesmo espaço físico depende, na maioria das vezes, do papel exercido por cada uma delas historicamente. O papel desempenhado pela mais forte é atribuível, geralmente, a razões de domínio político ou cultural ocorridas historicamente e influencia, assim, sua utilização por parte dos falantes.

A religião exerce, outrossim, grande poder no que diz respeito à utilização dos idiomas, já que alguém pode se tornar fluente em um idioma por motivos puramente religiosos.

Por último, o número de falantes de uma determinada língua com os quais o sujeito entra em contato poderá delimitar a dominância de uma ou de outra das que são por ele empregadas.

2.3.2 Fatores internos

O bilingüismo, tal como já visto, não se relaciona apenas a fatores de ordem externa. Fatores de ordem interna também influenciam a existência e a manutenção desse fenômeno.

Aquilo que o indivíduo bilíngüe realiza com suas línguas internamente, sem função comunicativa, contribui para determinar a função exata de cada uma delas. Atividades mentais que necessitam da linguagem, tais como contar, recitar taboadas de multiplicação, dizer o alfabeto de memória, fazer anotações pessoais, escrever diários íntimos, rezar em voz baixa, dizer palavras ou sonhar podem ser realizadas em ambas as línguas pelo sujeito ou apenas em uma. Pode ocorrer que o falante utilize um código para algumas delas e outro para outras. Nem sempre é no idioma dominante que se realizam tais comunicações internas.

Weinreich (1953: 75) explica a atribuição de uma determinada língua a determinada tarefa do tipo descrito acima afirmando que, muitas vezes, existem elementos que são memorizados como textos verbais e que dificilmente conseguem ser ativados em um idioma outro, salvo através de esforço consciente.

É relevante determinar também quais são os fatores que podem influenciar a aptidão do bilíngüe no que diz respeito ao uso efetivo de seus códigos lingüísticos, assim como aqueles que podem ser influenciados por ela.

Dentre tais fatores é preciso considerar a *atitude* demonstrada pelo sujeito em relação às suas línguas e aos falantes da mesma. De acordo com a forma como os conceber, esses elementos exercerão maior ou menor impacto no seu comportamento nas diferentes áreas de contato.

É possível, por conseguinte, que o conceito emitido por nativos de sua língua não dominante motivem o sujeito a utilizá-la no futuro ou então, que o inibam de fazê-lo. Outrossim, uma rejeição social de sua primeira língua por parte dos falantes da língua mais prestigiada poderá originar sentimentos de desprezo e recusa em falá-la.

A estigmatização sofrida por falantes de línguas minoritárias tanto pode levar o indivíduo a rejeitar a sua língua buscando não ser reconhecido como membro de um grupo desprestigiado quanto, pelo contrário, fazer com que surja, justamente, um sentimento de lealdade, orgulho e solidariedade com seus pares.

A atitude pode ter profundos efeitos na vida e nas línguas de um bilíngüe. É possível afirmar, assim, que dependerão da atitude do falante e da sociedade o aprendizado, o emprego e a preferência por um ou outro idioma.

A *motivação* constitui-se também em fator primordial na aquisição e/ou manutenção do bilingüismo. A necessidade de desempenhar-se em mais de um idioma obedece a razões de variada ordem, desde a exigência que sente a criança exposta a mais de um código de se comunicar em ambos, até o adulto que, por diversos motivos, preza a situação de dominar mais de um sistema lingüístico.

A necessidade ou o desejo de ser identificado com o grupo falante de um idioma podem se transformar em uma espécie de aculturação positiva na medida em que, para se desempenhar razoável ou perfeitamente nesse sistema, o sujeito precisa ver o mundo do ponto de vista de uma cultura distinta daquela veiculada por sua outra língua.

Por outro lado, é fundamental que seu desejo de dominar mais de um código lingüístico se coadune com a tolerância a algum grau de estresse psicológico derivado do fato de funcionar em mais de um ambiente cultural.

A *idade* e a *inteligência* dos sujeitos influenciam seu bilingüismo na medida em que são determinantes de algum tipo de desenvolvimento lingüístico diferenciado.

O grau e o tipo de desempenho de alguém em mais de uma língua corresponderá, na maior parte das vezes, à idade na qual se tornou bilíngüe.

Tradicionalmente, tem sido considerado como “perfeito” o duplo desempenho apresentado por pessoas que adquiriram seus idiomas precocemente. Se tal aquisição ocorre ao mesmo tempo dentro do lar ou se o contato com uma das línguas se estabelece um pouco mais tarde,

embora antes do que é denominado por Halliday, McIntosh & Stevens (1968: 142) de idade de instrução - três a cinco anos -, a criança tornar-se-á um equilíngüe e terá duas “línguas 1”.

Para Grosjean (1995: 262), a habilidade demonstrada pelos equilíngües, desde os primeiros anos de vida, no sentido de desativar completamente uma das línguas ao empregar a outra é um dos maiores sinais da alta competência em ambas.

No entanto, alguns sujeitos equilíngües ou bilíngües equilibrados podem não considerar seus idiomas como sendo duas “línguas 1”: tendo imitado nativos durante a infância, tais sujeitos desempenham-se como se fossem um deles, embora funcionalmente existam grandes limitações de uso.

Vale ressaltar que todo equilíngüe, mesmo aquele que possui duas “línguas 1”, não domina ambos os códigos em igual grau. Como raramente os emprega exatamente nos mesmos atos de fala ou com os mesmos interlocutores, muitas vezes sente dificuldade de funcionar numa língua em situações determinadas.

Raros são os casos de equilíngües que, mesmo podendo empregar suas línguas quando e da maneira que desejam, não restringem sua utilização a certos momentos de vida, a certos interlocutores - bilíngües ou não -, a assuntos nos quais um idioma os faz sentir mais à vontade.

Ao restringir o emprego de uma de suas línguas a certas situações de comunicação devido ao fato de não ter vivenciado experiências equivalentes em ambas e de não ser, na maioria dos casos, totalmente bicultural, o indivíduo tende a especializá-la para tais áreas de uso.

2.4 Desenvolvimento do bilingüismo

2.4.1 Desenvolvimento e manutenção do bilingüismo

Nem toda criança que tenha entrado em contato com mais de um sistema lingüístico na primeira infância continuará a empregá-los durante a sua vida, o qual significa que uma das suas línguas poderá se tornar fraca ou, até mesmo, se perder.

Mackey (1968: 566) relata casos de crianças que apenas são bilíngües durante um período de transição entre uma língua 1 e outra língua de igual categoria. A grande capacidade de transitar nas línguas com as quais entra em contato por diferentes razões permite que a criança esqueça rapidamente até mesmo a sua língua materna se não mais a necessitar.

Hyltenstam & Obler (1989: 3) descrevem a trajetória do bilingüismo durante a vida de um falante afirmando que, muitas vezes, a variação de comportamento lingüístico através dos anos é quase que espetacular.

A idade em que o sujeito adquiriu suas línguas - antes dos três anos ou não -, o ambiente em que teve contato com as mesmas - natural ou artificial como no caso em que tenha aprendido uma delas em sala de aula -, a maneira como as empregou durante a infância - em casa, na rua, na escola, apenas com nativos, apenas com não nativos -, a modalidade de bilingüismo familiar - nos casos em que ocorre -, a freqüência de seu emprego nos diferentes períodos de sua história pessoal, a existência ou inexistência de etapas nas quais um de seus idiomas deixou de ser utilizado - por não ser necessário, por não ser possível fazê-lo ou ainda por não ser prudente ou conveniente o seu uso social - constituem fatores que auxiliam a determinar o status das línguas do bilíngüe em certo momento de sua existência.

Muitas vezes, por motivos de variada ordem, um dos códigos lingüísticos do indivíduo perde sua utilidade enquanto sistema complexo de comunicação passando apenas a servi-lo em modalidades específicas tais como a compreensão auditiva ou escrita. Os graus de fluência oral e escrita, por outro lado, também dependem da utilização ou do abandono sofrido pela língua e, conforme a área de emprego, podem ser alvo de fossilização.

Após acidentes nos quais determinadas áreas do cérebro são atingidas é possível que se verifique a perda de uma ou de todas as línguas conhecidas em variado grau pelo indivíduo. Deixa-se também de ser bilíngüe, por conseguinte, devido a fatores patológicos. Tais casos de afasia serão relatados mais adiante.

A grande maioria dos adolescentes e adultos que aprendem uma segunda língua em situações artificiais - em sala de aula em locais onde esta não é falada correntemente - ou até mesmo em

situações naturais - em contato direto com nativos em casos de imersão lingüística - param antes de atingir o nível de proficiência dos nativos por razões ainda discutidas mas que, provavelmente, não obedecem a imperativos de ordem biológica e sim a fatores de ordem social ou psicológica (Snow, 1987: 177).

2.4.2 O “período crítico para a aquisição de línguas”

Se, contrariamente ao afirmado pela autora acima, as motivações para a impossibilidade de que níveis de proficiência iguais aos de nativos sejam alcançados forem biológicas, tal fato poderia ser atribuído à entrada em contato com o segundo idioma após o final do que tem sido denominado “período crítico para a aquisição de línguas”.

Existe uma grande controvérsia a respeito de tal período, o qual iria, aproximadamente, do primeiro ano de vida até a puberdade, momento em que a maior parte dos parâmetros de maturação cerebral alcança níveis adultos (Lenneberg, 1967 apud Snow, 1987: 186).

Lenneberg formulou sua teoria da especialização hemisférica ou dominância cerebral a partir de evidências que apontavam no sentido de que existe uma fase durante a qual o organismo é especialmente propenso a receber e armazenar insumos lingüísticos oriundos do ambiente.

Considerou que, terminada tal fase, os mesmos insumos não mais conseguem obter iguais resultados e levou em consideração o fato de que aquilo que é aprendido durante essa fase torna-se estável sem que a fase subsequente o possa reverter.

Descobriu, adicionalmente, que esse período controlado por maturação biológica e responsável pelo aprendizado da linguagem é um fenômeno de caráter universal.

Desta maneira, Lenneberg construiu a teoria de que a especialização cerebral estabelece-se de forma completa na puberdade afirmando que, por via de consequência, antes de tal idade ela é maleável e o cérebro, dotado de equiipontecialidade.

Advindas da maleabilidade cerebral seriam, de acordo com a teoria em pauta, as condições que têm as crianças para adquirir sua língua materna, adquirir simultaneamente uma outra, recuperar a linguagem após traumas cerebrais de variada ordem que conduzam à afasia, bem como aprender línguas estrangeiras.

Constitui o maior argumento desse autor o fato de que é a plasticidade do cérebro infantil o que faculta a aprendizagem de vários idiomas de maneira rápida e perfeita.

Contudo, apesar de sua teoria ser largamente estudada e aceita, há evidências de que já a partir do momento de seu nascimento estão presentes no indivíduo a dominância cerebral e a especialização do hemisfério esquerdo necessárias para a o tipo de processamento sequencial que é essencial no que diz respeito à linguagem.

Estudos realizados a respeito das implicações das diferenças individuais na aprendizagem de línguas, em especial as atribuíveis à idade dos sujeitos não comprovaram a idéia de que exista

um período na infância durante o qual haja maior rapidez e sucesso juntamente com um menor esforço no sentido de adquiri-las. Tampouco foi comprovada a existência de diferenças significativas no que se refere à forma como se processa tal aprendizagem.

Pelo contrário, estudos demonstram que aprendizes de qualquer faixa etária percorrem aproximadamente o mesmo caminho quando se trata de absorver uma outra língua. O tipo de erros cometidos, as estratégias empregadas e a ordem de aquisição seguida são muito semelhantes.

No que diz respeito à pronúncia, contudo, a idade do indivíduo parece ter alta relevância, sendo primordialmente nesse campo onde ocorrem as grandes diferenças ao final do processo de aprendizado. Para Snow (1987: 195), tais fenômenos não se devem a motivos biológicos, à chegada do aprendiz à fase da puberdade, mas sim a razões sócio-cognitivas, já que, de qualquer forma, existem casos de crianças que retêm seus sotaques e casos de adultos que os perdem completamente.

Hakuta (1986: 232) confirma a inexistência de um período crítico determinado biologicamente para adquirir uma segunda língua, exceto no que tange ao sotaque. O desenvolvimento gramatical de crianças e adultos é similar, sendo que, durante a fase inicial de aprendizado, adultos e crianças mais velhas aprendem mais rapidamente do que crianças mais novas.

No geral do processo, entretanto, os mais jovens demonstram ser aprendizes mais bem sucedidos não por causas biológicas mas devido, provavelmente, a fatores de cunho motivacional e situacional e devido às suas atitudes em relação à língua e ao próprio aprendizado. A criança, valendo-se de sua vantagem fonética e do fato de que é mais fácil atingir o nível lingüístico dos da sua idade, integra-se, após um período de mutismo, ao grupo ao qual não pertence por meio da apropriação da língua.

2.5 Relação bilingüismo X inteligência

Para analisar as relações estabelecidas entre bilingüismo e inteligência é necessário descrever as concepções existentes sobre tal matéria desde o começo do século .

Segundo Hakuta (1986: 15), a análise das centenas das pesquisas cujo objetivo era o de estabelecer comparações entre monolíngües e bilíngües quanto à inteligência revelam que a questão que as guiava era a dúvida sobre os efeitos positivos ou negativos da coexistência de duas línguas no mesmo cérebro.

2.5.1 Bilingüismo e desvantagens cognitivas

Até a primeira metade do século supunha-se que ser bilíngüe era negativo para o indivíduo. Acreditava-se que falar dois idiomas equivalia a não falar nenhum com propriedade. Eram

investigados - mediante testes de variada ordem - sujeitos que detinham dois idiomas mas que eram, na maior parte dos casos, imigrantes europeus recentemente chegados aos Estados Unidos. Dessa forma, o bilingüismo não era visto como um plus mas como a falta de capacidade para bem falar o inglês.

Muitos cientistas, por outro lado, atribuíam os resultados de suas investigações a fatores raciais ou étnicos, concluindo, assim, que problemas no desempenho lingüístico eram derivados de fatores genéticos.

A partir de tais conclusões houve vários posicionamentos de cientistas e educadores no sentido de que não era desejável deter mais de um idioma, já que isso poderia ser causa e consequência de problemas cognitivos e psicológicos.

Najab (1987: 237) relata que, segundo pesquisas lingüísticas realizadas nas décadas de 20 e 30, o fato de o sujeito dominar dois sistemas no mesmo grau diminuía a inteligência em geral e as atividades criativas, causava cansaço mental e confusão intelectual.

2.5.2 Bilingüismo e vantagens cognitivas

As pesquisas levadas a cabo a partir dos anos 50, por outra parte, objetivavam demonstrar exatamente a tese contrária. Os resultados obtidos até então pelas primeiras investigações

foram rejeitados com o argumento de que só podiam ser falhos ao desconsiderar o fato de que os sujeitos monolíngües e bilíngües estudados e comparados entre si provinham de diferentes meios sócio-econômicos.

Em muitos casos o que ocorria era a comparação entre bilíngües oriundos de meios desprivilegiados e monolíngües de classes sociais mais elevadas. Tais estudos tampouco levavam em conta o tipo de bilingüismo e o grau do domínio das línguas.

Os novos estudiosos sugerem em seus estudos exatamente o contrário do que afirmavam seus antecessores: comparando-se um grupo de bilíngües aproximadamente equivalentes nas suas habilidades nas duas línguas com um grupo de monolíngües do mesmo grupo sócio-econômico e da mesma idade e grau de instrução e utilizando qualquer medida de flexibilidade cognitiva, os resultados beneficiarão invariavelmente os indivíduos bilíngües.

Najab (1987: 237) considera que o indivíduo equilíngüe está dotado de maior flexibilidade ou agilidade de pensamento do que o monolíngüe, já que desenvolveu o hábito de mudar de perspectiva cada vez que troca de código lingüístico. Tal sujeito apresenta também maior sensibilidade aos aspectos semânticos das palavras e ao caráter arbitrário dos significantes, além de possuir maior consciência metalingüística.

Desta forma, os cientistas aconselham justamente o estímulo ao bilingüismo doméstico e à educação bilíngüe por estarem convictos de que o bilíngüe é mais desenvolvido do que o

monolíngüe para as relações e os conceitos abstratos já que conceitua os acontecimentos que o rodeiam em termos de propriedades gerais sem ligação com os símbolos lingüísticos.

Hamers & Blanc (1989: 49) elencam uma série de pesquisas levadas a cabo por diversos cientistas em distintas partes do mundo cujos resultados são coincidentes no referente às vantagens gozadas por bilíngües.

De acordo com essas investigações, pessoas que dominam mais de um código lingüístico têm realmente uma flexibilidade mental diferenciada e uma maior facilidade para formar conceitos devido à sua habilidade para manipular dois sistemas simbólicos.

Possuem, outrossim, grande capacidade de reconstrução de situações perceptuais, maior inteligência verbal e não verbal, assim como uma sensibilidade mais apurada para inferir relações semânticas entre palavras.

Bilíngües atingem um desempenho superior aos monolíngües em tarefas de natureza variada tais como naquelas mensuradas através de testes dos seguintes tipos: de originalidade verbal, de descoberta de regras gramaticais, de transformação verbal, de substituição simbólica, de criatividade, de reorganização de informação, de análise de ambigüidades, entre outros.

2.5.3 Conclusão da polêmica ?

Contudo, apesar de ser atualmente aceita a idéia de que ser bilíngüe significa possuir vantagens cognitivas de todo tipo, Hakuta (1986: 43) cita Fishman (1977), o qual afirma serem duvidosos os experimentos controlados que nem sempre explicam realmente os fenômenos.

Para tal autor, a tarefa do pesquisador não seria a de analisar se existe uma relação entre a inteligência e o bilingüismo mas sim a de estabelecer quais são os contextos sócio-pedagógicos originários dos diversos tipos de relação (positiva, negativa, forte, fraca, neutra etc).

Deve-se considerar que, quando o bilingüismo é associado às classes sociais mais privilegiadas, quando as línguas são igualmente valorizadas pelos indivíduos e pela sociedade como um todo, há uma forte correlação entre o mesmo e o alto desempenho escolar.

Por outro lado, o contrário ocorre nos casos em que a tal fenômeno são associadas idéias de cunho negativo, quando um dos idiomas dominados é considerado inferior. Pode haver, então, forte relação entre o fato de se possuir uma língua socialmente desprezada e o fraco desempenho escolar.

Hakuta (1986: 231) acredita concluir parcialmente a polêmica afirmando que o bilingüismo, estando todas as variáveis igualmente controladas - situação bastante rara no momento da

elaboração e da aplicação dos testes -, não exerce nenhuma influência ou então carrega apenas parte de responsabilidade no relativo às habilidades intelectuais gerais mensuradas nas crianças. Se há efeitos positivos, estes restringem-se às habilidades metalingüísticas.

2.6 Diglossia

No momento em que é possível estabelecer algum grau - ainda que sutil - de hierarquia entre as línguas de um sujeito, passa-se a tratar do fenômeno da *diglossia*. Existem, desse modo uma língua A, que é dominante e cujo status é elevado, e uma ou várias línguas B, que são dominadas e consideradas como línguas de solidariedade entre falantes do mesmo grupo.

A característica do funcionamento diglósico, para Gardès-Madray & Brès (1987: 155), é a de ocultar a origem da dominância da língua A para substituir tal idéia pela de complementaridade de direito na consciência dos usuários em que a língua B apenas convive à margem da mais importante.

Os autores citados referem-se ao lingüista Ninyoles, o qual ressalta que a língua considerada como “alta”, A, é empregada em relações “formais” (vida pública, ensino, meios de comunicação...), enquanto que a língua B, considerada como “baixa”, é utilizada em situações “informais” (na família, durante brincadeiras, com animais de estimação...).

Como consequência de tal fenômeno, os indivíduos cujos idiomas estão enquadrados nesse tipo de categoria experienciam, na maioria das vezes, sentimentos contraditórios em relação àquele socialmente desprestigiado. Simultaneamente o odeiam e o superestimam como forma de compensação.

Em muitas ocasiões, a língua B, através da qual se exprimem os sentimentos por ser a que se fala no ambiente familiar, é objeto de vergonha em oposição à língua A, a qual fica associada ao progresso e à ascensão social por ser aquela falada fora de casa, no ambiente de estudo ou de trabalho.

Segundo Tabouret-Keller (1987: 251), as situações de diglossia entre a língua da casa e a da escola, por exemplo, causam o abandono da primeira por parte dos pais estrangeiros ou pertencentes a minorias lingüísticas e tornam as crianças seres devotados apenas à “outra” cultura, aquela veiculada pela língua mais poderosa.

A situação de diglossia pode, entretanto, ser transformada. Hamers & Blanc (1989: 175) descrevem casos de diglossia estáveis que evoluíram e se modificaram.

Quando um dos idiomas encampa as funções anteriormente reservadas ao outro, há mudanças nas relações de poder entre os grupos. O resultado de tal transformação poderá tanto ser um novo idioma como consequência da mescla de A e B (se forem estruturalmente similares), quanto ser a substituição de um pelo outro (se forem estruturalmente diversos).

Antes de que uma mudança tão radical se torne possível, a língua do grupo subordinado passa a ser influenciada por aquela que é dominante e, ao mesmo tempo, afeta esta última. Nos lugares em que existe uma diglossia estável a comunidade bilíngüe mantém seus diferentes idiomas reservando cada um para determinadas áreas, papéis e funções.

Para que isso seja possível é preciso que as relações entre os grupos gozem de relativa estabilidade. Entretanto, quando tais relações se modificam e um grupo começa a ser assimilado ao outro, a manutenção das línguas começa a se tornar problemática. Os membros pertencentes a esse grupo iniciam o uso da língua dominante para áreas, papéis e funções até então reservadas para sua primeira língua.

A língua dominada passa a ser, por via de consequência, paulatinamente afetada por aquela mais poderosa até o momento em que é abandonada completamente em prol de um desejado unilingüismo social.

No momento em que o idioma de um grupo deixa de ser empregado em uma comunidade até então diglósica, pode-se considerar o caso de “morte lingüística”, embora o mesmo continue a existir em outros lugares e a identidade étnica do grupo sobreviva, já que a língua é apenas um dos seus valores.

2.7 Representação dos sistemas lingüísticos no cérebro e padrões de recuperação das línguas por parte do bilíngüe afásico

2.7.1 Representação cerebral

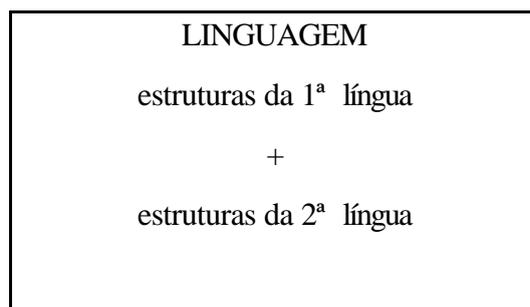
Desde que a polêmica do bilingüismo passou a interessar os estudiosos, a representação dos dois sistemas lingüísticos no cérebro do indivíduo tem sido motivo de grande controvérsia.

Paradis & Lebrun (1983: 9) confirmam a existência de quatro hipóteses que tentam dar conta de tal fenômeno, a saber :

1- A hipótese do *sistema estendido ou extenso* segundo a qual os elementos da segunda língua adicionam-se aos da primeira língua. Assim, os fonemas da segunda língua são tratados pelo cérebro como se fossem alofones e as regras sintáticas, como se fossem regras diferentes dentro da mesma língua. Trata-se de um fenômeno similar ao que ocorre com falantes monolíngües quando empregam de forma excludente ou o registro formal ou o registro familiar ou também quando optam pela voz ativa ou pela voz passiva, por exemplo.

O sujeito bilíngüe terá, se tal hipótese for confirmada, armazenado sessenta fonemas em vez de trinta e seis, por exemplo. Guardará maior número de morfemas, de estruturas sintáticas e de representações semânticas do que um monolíngüe. A representação das duas línguas é feita em comum, sem que existam diferenças entre elas.

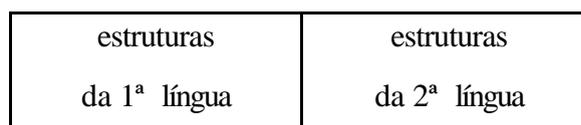
As línguas confundem-se com a linguagem, conforme o seguinte esquema elaborado por Najab (1987: 225) :



2- A hipótese do *sistema separado* segundo a qual os elementos da segunda língua são armazenados separadamente no cérebro do falante. Cada nível da estrutura lingüística possui conexões diferentes para cada língua.

Os dois sistemas lingüísticos são representados de maneira separada, seja do ponto de vista anatômico, seja entrelaçados na mesma área anatômica embora independentes do ponto de vista funcional.

O esquema abaixo ilustra esta possibilidade :



3- A hipótese do *sistema tripartido* segundo a qual os elementos idênticos nas duas línguas são representados por apenas um substrato nervoso subjacente a ambos, enquanto que os elementos distintos são representados separadamente.

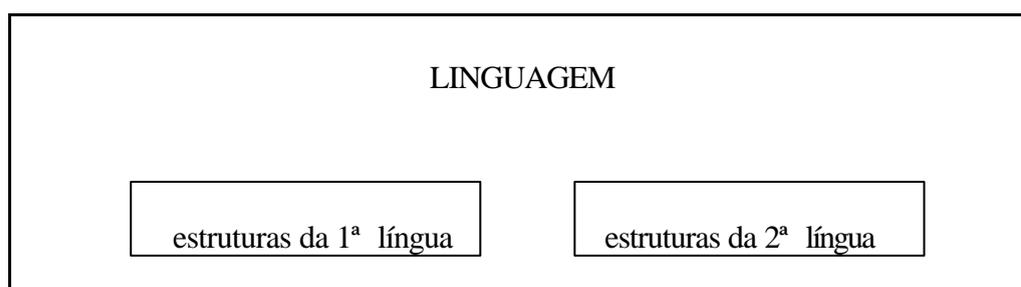
O que há em comum a ambas as línguas representa-se apenas uma vez. Aquilo que há de específico, entretanto, representa-se de forma separada tal como ilustrado a seguir :

estruturas próprias da 1ª língua	estruturas comuns à 1ª língua e à 2ª língua	estruturas próprias da 2ª língua
-------------------------------------	--	-------------------------------------

4- A hipótese do *subsistema* segundo a qual as duas línguas podem ser representadas identicamente dentro do mesmo sistema - o da linguagem, contrapondo-se a outros sistemas cognitivos - sendo que os elementos de cada uma formam uma rede de conexões e um subsistema dentro do primeiro.

Cada língua é representada de maneira independente do ponto de vista funcional. O sujeito bilíngüe é detentor, portanto, de dois subsistemas de conexões neuronais, um para cada língua e, ao mesmo tempo, possui um subsistema mais vasto, o da linguagem.

Observe-se o seguinte esquema :



Cada uma das hipóteses apresentadas acima é defendida através de forte argumentação e por parte de numerosos cientistas.

A primeira, a do sistema estendido, parece ser comprovada pela facilidade e frequência com que os bilíngües podem - voluntariamente - falar um idioma utilizando os fonemas do outro, empregar regras sintáticas de um no outro, inserir palavras e sintagmas de um no outro, acrescentar desinências de um no outro, entre outras possibilidades.

A hipótese dos sistemas separados e independentes justifica-se nos casos de afasia de pessoas detentoras de mais de uma língua que, ao recuperarem a fala, fazem-no de maneira sucessiva. Isso significa que recuperam uma das línguas somente depois de a outra ter sido totalmente restituída.

A terceira hipótese, a da repartição tripartida, é defendida por autores que experimentam a estimulação elétrica do córtex cerebral. Afirmam eles que existem pontos que são comuns às duas línguas e outros que são próprios a cada uma delas.

Finalmente, a hipótese dos subsistemas encontra sua justificativa no fato de ser possível observar que o indivíduo bilíngüe atingido pela afasia tanto pode recuperar ambas as línguas ao mesmo tempo (recuperando, assim, o sistema da linguagem como um todo) quanto pode recuperar alternadamente uma delas, apenas um dos subsistemas presentes no seu cérebro.

Paradis (1994: 17) esclarece que ainda não se sabe ao certo qual é o modo exato através do qual as duas línguas do indivíduo bilíngüe organizam-se no cérebro. No entanto, inclina-se claramente pela hipótese dos subsistemas ao considerar que tal sujeito possui duas redes lingüísticas independentes porém interconectadas e igualmente ligadas ao mesmo depósito de informação conceptual e experiencial.

Afirma Paradis (1979: 421) que pessoas bilíngües possuem apenas um conjunto de representações mentais, o qual será organizado de modo diverso conforme os pensamentos forem verbalizados em uma ou outra língua e segundo o idioma que estiverem falando ou decodificando.

Na interpretação de Grosjean (1995: 270), as redes lingüísticas são independentes na medida em que - mediante mecanismo de inibição cujo fim é o de impedir uma interferência demasiada - facultam ao falante o uso de uma só das línguas. Por outro lado, interconectam-se na medida em que a fala monolíngüe de um bilíngüe demonstra freqüentemente uma ativa interferência da língua que não está sendo utilizada naquele momento.

A capacidade de trocar de código e de fazer empréstimos lingüísticos durante conversas com outros bilíngües corrobora a tese de que ambos os idiomas estão armazenados de maneira idêntica em um só sistema cognitivo. Elementos de cada língua formam redes de conexões

separadas e constituem, desse modo, um subsistema inserido nesse sistema maior, o da linguagem.

Paradis (1989: 131) explica que a hipótese da representação das línguas no cérebro citada acima, a dos subsistemas, dá conta perfeitamente das explicações a respeito das maneiras como o bilíngüe afásico pode recuperar suas línguas, bem como das explicações referentes à capacidade de misturá-las em todos os níveis da estrutura lingüística.

Os estudos realizados por Paradis sobre a forma de recuperação das línguas por parte de bilíngües afásicos - pacientes que manifestam distúrbios de linguagem como consequência de lesões cerebrais - comprovam que os indivíduos que dominam dois idiomas têm dois conjuntos de conexões neuronais, uma para cada um, sendo que tais conjuntos podem ser ativados ou inibidos independentemente. Ao mesmo tempo, os bilíngües possuem um conjunto mais amplo do qual podem, a qualquer tempo, extrair elementos de qualquer uma das línguas.

Nos casos em que ambas as línguas se perdem paralelamente, no mesmo grau, pode-se interpretar como sendo resultado de um dano ou uma interferência ao sistema lingüístico como um todo. Se, contrariamente, houver a perda diferenciada, considera-se a existência de dano ou interferência a apenas um dos dois subsistemas.

Se cada língua, sendo um subsistema, é suscetível de sofrer uma inibição patológica seletiva no momento em que o falante sofre algum tipo de acidente, é também possível que, no momento da recuperação da mesma não siga, necessariamente, um processo padronizado. Pacientes afásicos nem sempre recuperam suas duas línguas na mesma velocidade ou na mesma medida.

2.7.2 Padrões de recuperação das línguas

A recuperação dos idiomas perdidos por parte de bilíngües afásicos pode seguir, conseqüentemente, seis padrões que são descritos por Paradis (1989: 117), a saber :

- 1- Quando ambas as línguas sofrem danos e são resgatadas na mesma velocidade, trata-se de uma recuperação *paralela*.

- 2- Considera-se *diferenciada* a recuperação de línguas naqueles casos em que há danos a cada uma em graus distintos devido ao fato de que, antes do acidente que ocasionou a afasia, o sujeito já não as dominava igualmente.

- 3- A recuperação dá-se de forma *sucessiva* quando uma delas começa a reaparecer somente após o total resgate da outra.

4- Nos casos em que uma das línguas regride à medida em que a outra progride, fala-se em recuperação *antagônica*.

5- A recuperação ocorre de forma *seletiva* quando o paciente nunca mais volta a ter domínio sobre um dos seus idiomas.

6- Denomina-se *mista* a recuperação de pacientes que misturam sistematicamente características dos dois idiomas em qualquer nível da estrutura linguística.

Os padrões acima mencionados não se excluem mutuamente, já que é possível que haja a recuperação sucessiva antes de existir antagonismo recíproco, por exemplo. Também é possível que duas línguas do paciente sejam recuperadas de modo paralelo ou antagônico ao mesmo tempo em que uma terceira seja resgatada muito mais tarde.

Existem ainda mais três padrões de recuperação dos códigos por parte de afásicos, quais sejam :

7- o do *antagonismo alternado*, nos casos em que o sujeito, durante períodos alternados, apenas tem acesso a uma de suas línguas,

8- o da *afasia diferencial*, quando cada uma das línguas apresenta um tipo de afasia com sintomas diferenciados e

9- o da *afasia seletiva*, em casos nos quais há perdas evidentes em um idioma e nenhum déficit mensurável no outro.

Há casos em que o bilíngüe recupera em primeiro lugar a língua materna e outros em que, paradoxalmente, ela reaparece por último. Pode ocorrer também que a primeira língua recobrada seja a mais familiar ou aquela na qual ele é mais fluente ou até que a primeira língua resgatada seja aquela falada no ambiente onde o paciente está. Existem casos, no entanto, em que o bilíngüe não recupera primeiro nem a língua materna, nem a mais dominante, nem a do ambiente e sim a menos empregada.

É difícil encontrar explicações para o padrão de recuperação seguido em cada caso particular. Muitas hipóteses foram formuladas para tentar dar conta de tal fenômeno sem que nenhuma possa ser considerada definitiva já que não é possível afirmar que a primeira língua recobrada seja sempre a mais importante para o falante, a mais automática, a de maior prestígio, a mais dominante, a mais estimulada ou a mais necessária.

Mesmo sendo pesquisados o grau de afetividade ligado a esse primeiro idioma recobrado, o tipo de bilingüismo apresentado antes da lesão, a severidade da afasia, o tipo de afasia e inclusive o tipo de estrutura da língua em questão, não se pode assegurar qual o fator que desencadeia a recuperação lingüística do afásico que deteve, até o momento da lesão, mais de uma língua (Paradis 1989 : 127).

Ainda no mesmo artigo, Paradis conclui que as línguas de um indivíduo são indissociáveis, que a habilidade de compreensão é dissociável da de expressão em um ou nos dois idiomas, que a capacidade de tradução dissocia-se da de utilização das línguas, que diferentes sujeitos seguem diferentes padrões de recuperação após sofrerem afasia, que, em muitos casos, a língua inacessível não se encontra destruída mas apenas inibida, e que ambas são vulneráveis a lesões no hemisfério esquerdo na mesma proporção dos monolíngües.

2.8 Implicações diferenciais dos dois hemisférios cerebrais

Todas as hipóteses anteriormente expostas a respeito da representação dos sistemas lingüísticos no cérebro ligam-se estreitamente às hipóteses que pretendem descrever a implicação diferencial dos dois hemisférios cerebrais no registro e no controle das línguas por parte do falante bilíngüe.

Existem, conforme Paradis & Lebrun (1983: 7), cinco hipóteses que trataram historicamente da representação das línguas no cérebro humano. Sucessivamente foi afirmado, portanto, que :

1- a segunda língua é representada no hemisfério direito.

2- a segunda língua é representada bilateralmente.

3- a segunda língua é menos lateralizada do que a primeira (ambas se representam no hemisfério esquerdo, porém a segunda em grau menor do que a primeira).

4- ambas as línguas são menos lateralizadas do que a única língua do falante monolíngüe.

5- ambas as línguas são representadas no hemisfério esquerdo, o que implica a inexistência de diferenças entre pessoas bilíngües, políglotas e monolíngües.

A última hipótese é aquela defendida pela maioria do cientistas contemporâneos a despeito da existência do que Paradis (1990: 576) chama de obstinação dos psicolingüistas que insistem em ver diferenças na assimetria hemisférica, entre indivíduos bilíngües e indivíduos monolíngües.

Assim, atualmente, não mais se considera que o hemisfério direito tenha participação diferenciada no que se refere à representação da linguagem no cérebro bilíngüe, isto é, no armazenamento da gramática implícita e inconsciente - competência língüística - de uma ou das duas línguas.

Paradis (1992: 536) afirma categoricamente que todas as atividades levadas a cabo pelo hemisfério direito nos monolíngües são também realizadas por tal hemisfério no caso das pessoas bilíngües.

Contudo, a questão do envolvimento do hemisfério direito do cérebro nas funções da linguagem dos indivíduos detentores de mais de um sistema lingüístico pode continuar sendo controvertida já que sempre existiu grande confusão entre conceitos como o de gramática, por um lado, e o do uso da língua, por outro.

Para Paradis (1994: 13), o aspecto gramatical (fonológico, morfológico, sintático, lexical) e os aspectos pragmáticos do uso da língua (inferência de sentido a partir de conhecimentos gerais, do contexto situacional, de gestos, de prosódia etc.) não se confundem de maneira nenhuma.

A linguagem, vista do ponto de vista gramatical definido acima, está representada em áreas específicas do hemisfério esquerdo do cérebro humano, enquanto que os aspectos pragmáticos, auxiliares na compreensão e na interpretação do sentido daquilo que é dito, estão concentrados, para a maioria das pessoas, no hemisfério direito (Paradis, 1996: 1).

Os experimentos empregados para mensurar a lateralização cerebral das funções lingüísticas do bilíngüe consistiram, quase sempre, em testes cujo estímulo eram palavras isoladas e fora de qualquer contexto.

Através de tais procedimentos eram obtidos, conseqüentemente, resultados que não podiam ser generalizados até a estrutura da língua. Por essa razão, os resultados sempre mostraram inúmeras contradições e apontaram para as posições mais díspares a respeito do assunto em pauta.

Entretanto, evidencia-se como possível a descrição de casos individuais de forma a tentar uma generalização de fenômenos a partir da comparação dos dados assim obtidos.

Não existem, por óbvio, sujeitos bilíngües que sejam iguais, o que constitui um problema quando se trata de descrever e compreender o fenômeno em estudo. Se não há dois locutores monolíngües que tenham sido expostos da mesma maneira aos mesmos ambientes lingüísticos e que possuam idêntica competência dentro de uma só comunidade - cada um detém seu idioleto, seu vocabulário ativo - com mais razão será difícil constituir grupos experimentais homogêneos para comparar bilíngües no que se refere a seus graus de competência e à área de utilização de suas línguas.

Embora toda evidência clínica aponte no sentido da igualdade de lateralização das gramáticas de indivíduos monolíngües e bilíngües - situadas no hemisfério esquerdo -, isso não significa que falantes de uma segunda língua cuja competência não seja igual à da primeira não possam se apoiar nos aspectos pragmáticos de forma a compensar sua fraqueza no que diz respeito à competência morfossintática.

No momento em que assim o fazem, estão talvez se repousando nas estratégias comandadas pelo hemisfério direito tal como ocorre às crianças durante seus primeiros anos de aquisição da língua materna.

Estando, pois, ultrapassada a questão da localização das línguas à direita ou à esquerda do cérebro, é consenso praticamente geral a participação do hemisfério direito no tratamento de certos dados lingüísticos por parte de determinados sujeitos.

2.9 Fatores determinantes na escolha das línguas²

Em se tratando de sujeitos bilíngües, vários fatores podem contribuir para a escolha de uma das línguas em detrimento da outra também partilhada pelo interlocutor no momento da comunicação.

Grosjean (1982: 135) considera que a combinação de elementos tais como os participantes, a situação, o conteúdo do discurso e a função da interação é o que determina a língua de base nas comunicações entre bilíngües.

2.9.1 Participantes

A *proficiência lingüística* do falante e de seu interlocutor são levadas em conta no momento da opção por um ou outro código, já que as limitações lingüísticas impedem, de alguma maneira, a perfeita comunicação.

² Os tópicos comentados a partir deste item até o fim do capítulo são de especial relevância para a análise levada a cabo no presente trabalho.

A *preferência* por uma ou outra língua, assim como a *história da interação* linguística entre os dois participantes é fator primordial no que diz respeito à escolha dos códigos. Geralmente, há um acordo sobre qual será a língua principal de comunicação e violações a essa regra produzem sentimentos de desconforto.

A *idade* tanto do locutor quanto do interlocutor desempenha importante papel no momento de decidir qual língua empregar em determinada situação. Exemplo disso são as comunidades diglósicas nas quais os jovens se comunicam entre si na língua mais recente mas no momento de fazê-lo com os mais velhos utilizam o idioma original.

O *status sócio-econômico* - real ou aparente - do interlocutor determina, na maior parte das vezes, a língua a ser empregada nos casos em que os idiomas passíveis de serem escolhidos estejam relacionados hierarquicamente.

A língua a ser utilizada dependerá em grande parte do *grau de intimidade* existente entre os participantes. Com pessoas próximas poderá ser usada uma língua e com estranhos ou meros conhecidos, outra.

A *pressão externa* exerce grande poder no que diz respeito à escolha do sistema linguístico a ser empregado com certos interlocutores. Havendo necessidade de transmitir uma dada língua às crianças, por exemplo, os pais podem se sentir forçados a lhes falar apenas nessa língua.

Do mesmo modo, conforme for a *atitude* em relação a uma língua e ao grupo que a utiliza, o falante quererá empregá-la ou não.

2.9.2 Situação

Para Rubin (1968: 520), a variável mais importante no que se refere a prever qual a língua a ser empregada com um interlocutor também bilíngüe é a *localização da interação*, o ambiente. As mesmas pessoas passam a falar a outra língua no momento em que saem do campo e chegam à cidade, por exemplo.

A formalidade da situação contribui também para a determinação do idioma empregado. Se o interlocutor está desempenhando alguma função considerada importante no momento da interação, a língua escolhida será, provavelmente, a que detém maior prestígio social.

Importante fator na escolha da língua a ser falada com alguém que domina ambas é a *presença de um monolíngüe*. O desejo ou a necessidade de incluir na conversa a pessoa que não compreende um dos idiomas dos bilíngües constitui motivação fundamental para decidir qual o sistema a ser empregado.

2.9.3 Conteúdo do discurso

O *conteúdo do discurso* desempenha papel fundamental quando se deve optar por um idioma. Geralmente, existem assuntos que são mais bem tratados em uma língua do que na outra tanto porque o falante aprendeu a falar sobre os mesmos em uma língua definida como porque não seria considerado apropriado tratá-los na outra (Fishman, 1965 apud Grosjean, 1982: 140).

2.9.4 Função da interação

A função ou objetivo da interação pode ser o de demonstrar *maior status*, o de criar *distância social*, o de *excluir um monolíngüe* ou o de *fazer pedidos e dar ordens*. Em qualquer das circunstâncias acima o falante saberá qual das duas línguas compartilhadas com o interlocutor bilíngüe deverá escolher.

O indivíduo bilíngüe raramente hesita no momento de decidir qual de suas línguas deve empregar devido ao fato de que a escolha lingüística, tal como o próprio ato da fala, é um comportamento muito bem dominado e complexo. Grosjean (1982: 145) afirma que a complexidade de tal fenômeno apenas vem à tona no instante em que alguma regra é quebrada, já que o sujeito normalmente não tem consciência de todos os fatores psicológicos e sociolingüísticos que interagem para que sua comunicação com outros bilíngües seja levada a bom termo.

2.10 Code-switching ou alternância de código³

Assim como o monolíngüe está dotado da habilidade de escolher variantes de sua língua ou de fazer opções estilísticas conforme a situação social, o interlocutor ou o meio através do qual irá se expressar - oral ou escrito -, também o bilíngüe detém a capacidade de fazer o mesmo quando em contato com indivíduos que falam apenas um dos seus idiomas.

Além disso, o falante bilíngüe possui também a habilidade de variar seu discurso nas ocasiões em que se encontra com sujeitos que dominam ambas as suas línguas. Grosjean (1982: 128) explica que, enquanto o sujeito monolíngüe apenas pode alternar de uma variante para outra dentro da mesma língua - passar do registro coloquial ao formal, por exemplo - aquele que é bilíngüe tem a chance de variar os registros de uma delas, passar alternadamente de um idioma para o outro ou fazer as duas coisas.

A alternância de código advinda dessa possibilidade constitui o fenômeno do *code-switching*, o qual, segundo as palavras de Milroy & Muysken (1995: 4), é um fenômeno muito mais visível do que a alternância estilística do falante monolíngüe.

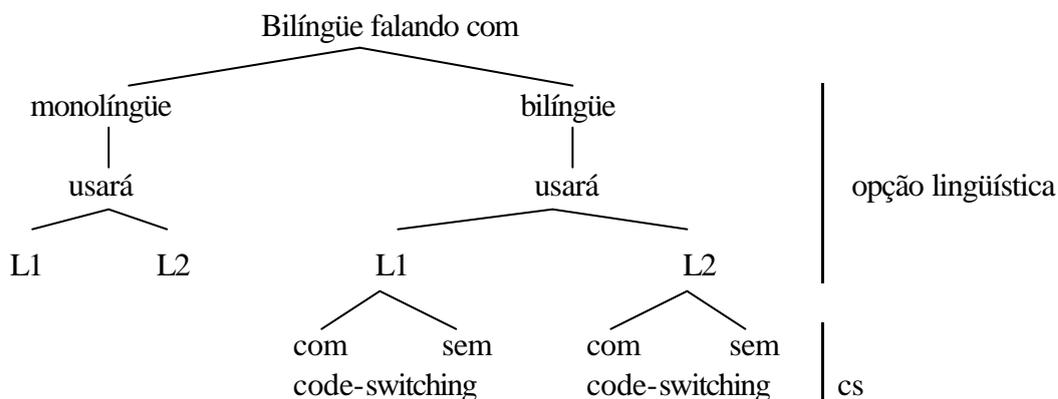
No momento em que o bilíngüe não precisa agir como se fosse um monolíngüe, na ocasião em que deixa de se comunicar com quem apenas domina um dos seus idiomas e passa a

³ Optou-se por dar prioridade à expressão em inglês para estar de acordo com a maior parte da literatura brasileira.

manter contato com outro falante que detém as suas línguas, pode optar entre o emprego de uma das duas ou das duas ao mesmo tempo.

O code-switching, normalmente não consciente, constitui um recurso comunicativo da maior importância já que ocorre quando o bilíngüe, estando em contato com alguém que domina seus dois códigos, lança mão de elementos de uma e outra língua no mesmo ato comunicativo.

O esquema abaixo demonstra a atitude do indivíduo bilíngüe no momento em que deve decidir qual será a língua de base a ser utilizada e, conforme o seu interlocutor seja também detentor de suas línguas ou não, se haverá ou não *code-switching* (Grosjean, 1982: 129).



Assim, de acordo com o ilustrado acima, em primeiro lugar o bilíngüe decide, geralmente de modo inconsciente, qual das línguas empregará e, em segundo lugar, se utilizará ou se prescindirá do code-switching.

Durante muito tempo a alternância de línguas na mesma conversa foi considerada um déficit por parte do falante, o qual, na realidade não dominaria nenhuma tendo que misturá-las a fim

de se comunicar. A maioria dos monolíngües costuma, ainda hoje, julgar o code-switching como um insulto à pureza gramatical da sua língua.

É comum também que bilíngües apresentem preconceitos do mesmo tipo e que afirmem categoricamente não fazê-lo ou fazê-lo apenas por preguiça de pensar.

O code-switching não constitui uma mistura agramatical de duas línguas não totalmente dominadas mas uma estratégia comunicativa que é sinal de habilidade lingüística e que é utilizada por bilíngües com o objetivo de transmitir informação lingüística e social.

Myers-Scotton (1993: passim) explica que a maioria dos falantes bilíngües diariamente usa as duas línguas na mesma conversa e que, com freqüência, as alterna dentro do mesmo turno e até da mesma frase. Tal fenômeno não é casual ou fortuito, o que significa que o falante passa de um idioma para o outro obedecendo a regras estritas e segundo restrições contextuais rígidas.

Os indivíduos exploram, através do seu code-switching, os valores sócio-psicológicos ligados às diferentes variantes lingüísticas presentes entre apenas dois sujeitos ou em uma comunidade de fala específica.

Não se trata, desse modo, de uma estratégia alternativa empregada por falantes que não estão capacitados para continuar a conversa no idioma com o qual esta começou. Trata-se, isso

sim, de uma habilidade para negociar mudanças no que se refere a distanciamentos e aproximações sociais entre o locutor e os interlocutores bilíngües.

Sendo que o code-switching faz parte da competência pragmática do falante bilíngüe (Meisel, 1989: 14), existem diversas razões para que ocorra.

Grosjean (1982: 152) elenca os motivos mais comuns, a saber :

- suprir uma necessidade de vocabulário, de marcador discursivo
- continuar a conversa na última língua empregada
- citar alguém
- especificar o interlocutor
- qualificar a mensagem, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase
- personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante
- marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade
- transmitir intimidade, fúria, aborrecimento
- excluir alguém da conversa
- modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe maior autoridade

Variáveis situacionais parecem afetar o tipo e a frequência do code-switching, tais como o tópico da conversação, os participantes e sua negociação, o ambiente, o aspecto afetivo da mensagem, entre outros.

Hamers & Blanc (1989: 154) afirmam que as estratégias comunicativas específicas das situações de línguas em contato surgem a partir da necessidade de contínua acomodação por parte dos sujeitos ao encontro intercultural que praticam.

Dentre tais estratégias encontram-se, por um lado, o code-switching em sentido estrito, que deixa ambos os códigos intactos. E por outro lado, fenômenos que envolvem “deformação” ou substituição de partes da gramática ou do léxico das línguas em questão (Hamers & Blanc, 1989: 148).

Quando se trata de code-switching existem duas línguas presentes no discurso, sendo que partes de uma - desde morfemas até sentenças - alternam com partes da outra. Cada parte pertence claramente a um dos sistemas, podendo este fenômeno ser assim esquematizado:

/ língua A / língua B / língua A / língua B/ ...

O uso alternado de duas línguas na mesma conversa pode começar na primeira infância, embora não corresponda exatamente ao uso alternado levado a cabo por jovens ou adultos. Segundo Lanza (1992: 655) crianças de dois anos de idade já são capazes de alternar seus códigos, ainda que sem a mesma sofisticação pragmática dos mais velhos.

À medida que a criança amadurece e forma sua identidade de bilíngüe, desenvolve suas estratégias comunicativas nas duas línguas de maneira a atingir o nível de domínio dos adultos. Desta maneira, pode-se afirmar que a habilidade de considerar o contexto no momento da escolha dos idiomas é próprio dos indivíduos bilíngües desde a infância.

Myers-Scotton (1993: 151) expõe a idéia de que tanto o locutor quanto o interlocutor pressentem, em razão de suas competências comunicativas, que a escolha de uma variante lingüística em detrimento de outra expressa significado social.

As opções por um ou outro código são explicáveis, assim, pelo princípio da negociação de identidades. Tais escolhas detêm o poder de permitir a negociação de uma identidade particular do falante em relação aos demais envolvidos no intercâmbio lingüístico. Isso implica dizer que em toda comunidade os tipos de interação são mais ou menos convencionalizados e que os indivíduos possuem alguma espécie de “esquema” que lhes indica os meios através dos quais essas interações devem ser conduzidas de uma maneira não marcada.

Utilizar as noções de marcado e não marcado implica considerar a escolha dos códigos dentro de um sistema de oposições, ainda que as mesmas não devam ser necessariamente categóricas. O princípio da marcação leva em conta as várias polaridades existentes nos diferentes sistemas lingüísticos, sendo que a parte não marcada é geralmente mais simples e, de alguma maneira, mais natural.

Dessa maneira, no momento em que o falante faz a opção pela forma não marcada de interação bilíngüe, passa a confirmar a idéia que o interlocutor tem a seu respeito e a respeito das circunstâncias nas quais ocorrerá a conversa. Se, contrariamente, optar por uma forma marcada, deverá haver negociação entre os participantes da interação, já que o ouvinte

terá que afastar qualquer idéia prévia a respeito do falante e das normas sociais que regem seu encontro.

Os sujeitos bilíngües possuem um repertório lingüístico heterogêneo, contudo, do ponto de vista funcional, bastante homogêneo. Cada um deles atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do code-switching.

Contudo, para Auer (1995: 127) nem toda comunidade onde pessoas bilíngües interagem desenvolve padrões de escolha lingüística compartilhados por todos os seus membros.

Algumas, como as que surgem atualmente na Europa devido à migração por razões de trabalho, são ainda muito incipientes e culturalmente instáveis. Em tais circunstâncias, o que determina a língua a ser empregada e o code-switching seriam primordialmente as preferências individuais, as quais, por sua vez, estariam relacionadas com competência lingüística, com o histórico pessoal do bilíngüe, bem como com sua identidade bicultural.

O autor citado acima refere também que existem casos em que a situação na qual ocorre a interação não pode ser definida claramente. Nesses casos, os falantes não apenas têm a tarefa de encontrar a língua comum mas ainda devem definir a situação mediante a escolha do código a ser compartilhado. Desse modo, observa-se que o code-switching em vez de ser

determinado pelas relações entre os falantes, passa a definir tais relações, sendo elemento fundamental na negociação interpessoal.

2.10.1 Tipos de code-switching

Segundo Dabène & Moore (1995: 30), um dos tipos de code-switching é o que pode ocorrer entre enunciados falados por um só locutor nas ocasiões em que os mesmos estejam distantes no curso de um diálogo. Este caso tende a ser considerado mais como uma mudança de código do que como uma alternância.

Tal fenômeno é condicionado frequentemente pelo enunciado que o precede e permite que o falante troque um tipo de interação por outra. As autoras acima citadas denominaram de adesão homodialetal a convergência na escolha da língua entre dois bilíngües.

Se a escolha é determinada pelo enunciado imediatamente anterior, a adesão homodialetal relaciona-se com o discurso. Por outro lado, a adesão liga-se ao participante no caso de a escolha ocorrer de acordo com quem for o interlocutor.

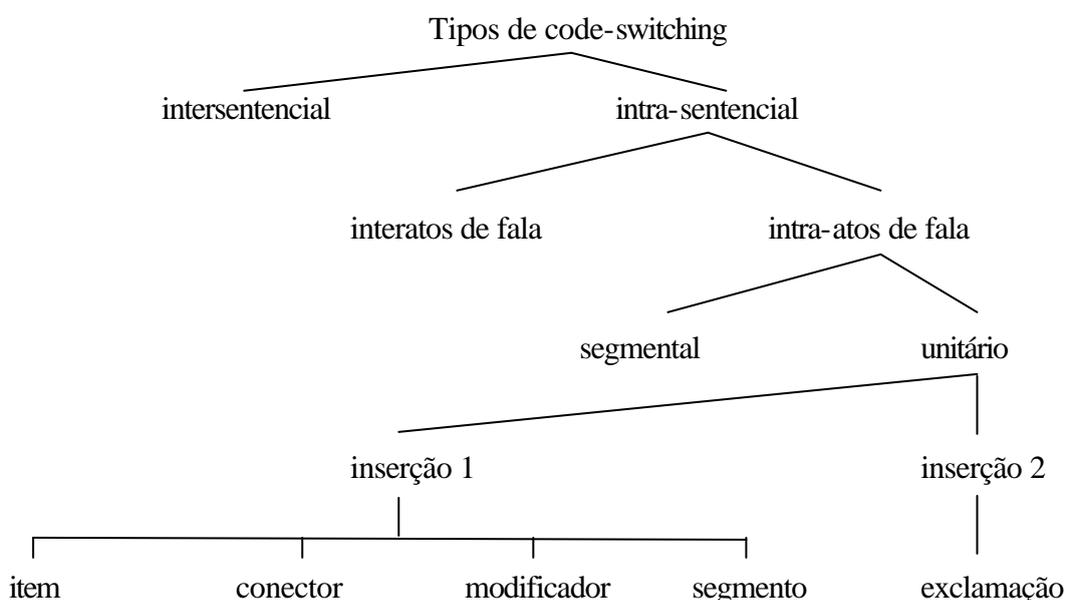
Os clássicos conceitos de code-switching *intersentencial* e *intra-sentencial* são bastante difíceis de serem observados em um corpus oral devido ao grande número de sentenças incompletas. A noção de ato de fala como unidade funcional pode ser, portanto, mais

apropriada no que se refere a analisar a alternância de códigos. Algumas vezes o code-switching separa diferentes atos verbais e indica mudanças na orientação do discurso.

Outra classificação proposta por Dabène & Moore (1995: 33) leva em conta o fato de o code-switching modificar um segmento de um enunciado ou fazê-lo em apenas um item. No primeiro caso, trata-se do code-switching *segmental*, o qual pode envolver uma frase com várias funções no enunciado ou inclusive uma cláusula inteira.

No segundo caso, denominado code-switching *unitário*, existe somente um elemento afetado. O elemento inserido - item lexical, modificador, advérbio, conector discursivo -, tanto pode ser tratado sintaticamente como pertencente à língua 1, quanto pode se inserir no enunciado da língua 1 sem desempenhar nenhuma função, salvo a fática ou exclamatória.

Observe-se o esquema seguinte adaptado de Dabène & Moore (1995: 35).



lexical pragmático adverbial fática

Segundo Hamers & Blanc (1989: 150), a alternância de uma língua para a outra não parece violar as regras gramaticais de nenhum dos dois sistemas. Tais autores citam Sankoff & Poplack (1981) para explicar dois tipos de restrições lingüísticas atuantes no code-switching, a saber :

- a do *morfema livre*, segundo a qual uma alternância não pode ocorrer entre um morfema preso e uma forma lexical a menos que esta seja integrada fonologicamente à língua à qual pertence tal morfema.
- a da *equivalência*, segundo a qual a ordem dos constituintes da sentença em posição imediatamente adjacente e a ambos os lados da alternância deve ser gramatical para as duas línguas simultaneamente.

Por tais razões, Poplack, Wheeler & Westwood (1989: 134) afirmam que em línguas tipologicamente diferentes o code-switching pode ser mais problemático em virtude da incongruência da ordem das palavras na frase e da conseqüente violação aos padrões de uma ou de ambas.

O desempenho lingüístico do bilíngüe, devendo obedecer a tais princípios, deve ser baseado no acesso simultâneo às regras gramaticais de ambos os idiomas envolvidos no code-switching. Existiria, desse modo, além de duas gramáticas monolíngües, uma gramática da alternância de códigos acessada pelo falante e que estaria composta pela combinação dos

dois vocabulários e das duas categorias gramaticais, ainda que limitados pelas restrições acima expostas.

Entretanto, segundo Hyltenstam (1995: 334), o fato de que o code-switching seja estruturado do mesmo modo em indivíduos normais, afásicos e dementes, parece desmentir a idéia de que existe uma gramática específica de alternância lingüística.

Os vários casos de sujeitos afásicos cuja ativação das línguas se dá simultaneamente e que nunca pertenceram a comunidades caracterizadas pelo code-switching atestam, portanto, que não poderiam ter adquirido a gramática da alternância particular aos seus dois sistemas durante a época anterior ao problema. Se tais indivíduos produzem enunciados onde é detectado o fenômeno sob exame é porque a maneira pela qual o code-switching é levado a termo gramaticalmente indica que é uma consequência automática do conhecimento das gramáticas dos idiomas em questão.

Embora, como se observa, a hipótese da gramática específica para o code-switching tenha sido contestada, é consenso geral o fato de que o code-switching é claramente governado por regras bastante rígidas.

2.10.2 Code-mixing ou mistura de códigos

Podendo ser englobado dentro da descrição do fenômeno do code-switching tomado em seu sentido amplo, encontra-se um outro fenômeno, o do code-mixing ou mistura de códigos.

No caso em questão, há uma transferência por parte do falante de elementos ou regras de uma língua para a outra. Tais elementos podem pertencer a todos os níveis lingüísticos - desde itens lexicais até sentenças completas. Necessariamente, uma das línguas constitui a base da comunicação, o qual permite que sejam observadas partes dessa língua em convivência com partes da outra. Entretanto, a segunda encontra-se subordinada à primeira na medida em que se adapta às suas regras.

O esquema do code-mixing seria, assim, o seguinte :

/ língua A / (língua A língua B) / língua A / (língua B língua A) / língua A /...

Tal como o code-switching *stricto sensu*, o fenômeno do code-mixing constitui uma estratégia comunicativa privativa do falante bilíngüe quando em interação com outro bilíngüe. Diferencia-se do fenômeno de empréstimo lingüístico na medida em que, para que este esteja presente, seu emprego deve ser limitado apenas a unidades lexicais e também porque monolíngües podem praticá-lo em situações variadas.

A mistura de códigos, então, tanto pode indicar um déficit de competência na língua de base, no caso de ignorar-se vocabulário, por exemplo, quanto pode apenas ser um código

específico que permite ao falante expressar atitudes, intenções, desempenhar papéis ou identificar-se com um grupo particular (Hamers & Blanc, 1989: 152).

2.10.3 Crítica ao mito da separação dos sistemas lingüísticos no code-switching

Faz-se necessário referir a posição defendida por Gardner-Chloros (1995: 68) a respeito do que ela considera um paradoxo construído na atualidade para defender o amplo emprego do code-switching por parte dos falantes bilíngües.

Explica esta autora que o grande número de estudos sobre o fenômeno em pauta deve-se à constatação por parte dos lingüistas de que se trata de algo largamente utilizado e de que o comportamento lingüístico resultante não é arbitrário ou aberrante.

Dessa forma, criou-se uma nova ortodoxia cujo objetivo é o de fazer face à antiga ortodoxia que considerava o code-switching como uma afronta à pureza das normas das línguas empregadas pelos monolíngües.

Assim, a maioria dos autores atuais define o code-switching como uma forma especial de comportamento de bilíngües altamente competentes e que, por via de consequência, não deve ser confundida com manifestações envolvendo a influência de uma língua sobre a outra.

Afirma a autora citada que esse novo tipo de falante-ouvinte ideal, cuja existência relaciona-se com a alternância de duas línguas perfeitamente distinguíveis, é tão raro como aquele monolíngüe imaginado por Chomsky.

A independência gramatical e a separação dos idiomas seriam, então, características raras e não a regra do code-switching, porquanto restritas a comunidades bilíngües estáveis ou a falantes educados e respeitadores do padrão monolíngüe de cada um dos dois sistemas envolvidos na interação.

Contudo, tal fenômeno não é privativo desses falantes e pode ser detectado em uma variedade muito ampla de contextos lingüísticos, como, por exemplo, nos casos de comunidades onde a norma é o multilingüismo e nas quais o code-switching funciona como uma forma de sobrevivência.

Tomar como base de comprovação da habilidade que os sujeitos bilíngües apresentam no momento de interagir com quem detém também seus códigos a ocorrência ou a não ocorrência de interpenetração dos idiomas alternados durante a conversa seria, para Gardner-Chloros (1995: 86), uma simplificação exagerada.

A quantidade de registros de códigos e de fenômenos intermediários tem aumentado consideravelmente e comprova que os casos nos quais o padrão monolíngüe é passível de ser

inequivocamente aplicado aos segmentos monolíngües de cada um dos sistemas existentes dentro do discurso alternado constituem a exceção em vez da regra.

Faz-se necessário esclarecer que neste trabalho não serão consideradas as diferenciações teóricas entre code-switching, code-mixing ou empréstimos, o qual implicará a globalização de todo fenômeno de alternância lingüística sob a denominação geral de code-switching.

Neste capítulo o fenômeno do bilingüismo foi definido e classificado segundo graus e funções, teve seu desenvolvimento descrito e foi relacionado com a inteligência. Nesta parte do trabalho tratou-se também da diglossia, da representação dos sistemas lingüísticos no cérebro, bem como das implicações diferenciais dos hemisférios cerebrais, dos fatores que determinam a escolha das línguas e do code-switching.

Embora o tema do bilingüismo não tenha sido absolutamente esgotado neste referencial teórico, pode-se considerar que os principais tópicos que vêm sendo estudados pelos cientistas da língua estejam aqui resumidos.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho visa investigar a maneira através da qual se organizam as situações comunicativas em uma família cuja modalidade lingüística não é a monolíngüe. Para que tal fim possa ser atingido, torna-se imprescindível examinar os mecanismos desencadeadores do emprego de cada um dos dois sistemas - o português e o espanhol -, as motivações de caráter consciente ou inconsciente, bem como as exigências lingüísticas, sociolingüísticas e emocionais responsáveis pela constante passagem de um idioma a outro por parte de ambos os falantes em estudo.

Considera-se que, durante as interações levadas a termo entre sujeitos que dominam - em maior ou menor grau - o mesmo par de línguas e nas quais está presente o fenômeno do code-switching, existe sempre mais do que uma mera alternância de códigos lingüísticos.

Gumperz (1970: 136) afirma que tal alternância está a serviço de fins claramente comunicativos, que os bilíngües não trocam de um sistema para o outro de maneira radical mas que, pelo contrário, na maioria das vezes, se apóiam, ainda que inconscientemente, na coexistência de formas lingüísticas alternadas com o objetivo de criar significados específicos.

Levando-se em conta, portanto, que o presente trabalho tem como fim precípua a análise dos atos de fala que ocorrem diariamente em dois idiomas entre a pesquisadora -equilíngüe português/espanhol - e seu marido - bilíngüe desequilibrado português/espanhol -, de maneira a detectar um padrão de comportamento lingüístico, faz-se necessário o exame detalhado de diálogos familiares.

Trata-se de um estudo do tipo etnográfico na medida em que, de acordo com Hymes (1968: 101), se almeja considerar a fala dos locutores como sendo em si uma atividade analisável no que diz respeito às situações em que ocorre, ao uso que dela fazem os falantes, às suas características e às funções desempenhadas. Pesquisas etnográficas não partem de uma formulação prévia de hipóteses a serem ou não confirmadas no momento da análise dos dados, apóiam-se, no próprio conjunto de dados, o qual dita aquilo que deve ser observado à medida que vai sendo examinado.

A metodologia escolhida para o estudo em questão foi a da observação participante, já que a pesquisadora, para investigar os mecanismos desencadeadores de suas mudanças de um código lingüístico para o outro dentro das frases, entre as mesmas e de um enunciado para outro mais distante no discurso, utilizou o recurso de gravar suas próprias conversações ocorridas no ambiente doméstico.

As gravações foram realizadas durante três meses, de maneira esporádica, sem definição prévia de dias ou horários determinados. No entanto, as primeiras foram desprezadas devido ao fato de que os diálogos, diante do gravador, resultaram altamente artificiais.

Tais gravações registraram situações variadas, a saber :

- conversas desenvolvidas pelo casal sozinho em casa
- conversas do casal sozinho, porém com outras pessoas por perto
- conversas do casal sozinho diante da filha bebê
- conversas do casal com a filha bebê, a qual tem um ano de idade e, portanto, ainda não responde verbalmente
- conversas do casal diante do televisor ligado e com comentários a respeito do programa assistido
- conversas do casal por telefone (gravadas com o auxílio do “viva voz”)
- conversas do casal por telefone com a presença de outra pessoa por perto

As gravações variaram consideravelmente no que diz respeito à duração, já que houve vezes em que não demoraram mais do que dois minutos - ao telefone especialmente - e outras em que o gravador foi deixado ligado durante trinta minutos seguidos.

O tempo total de gravação foi de três horas, o qual possibilitou a formação de um corpus considerado satisfatório para levar a cabo a análise em questão, devido ao fato de que foram

detectadas a maior parte das situações previstas na literatura especializada assim como, também, um bom número de situações não descritas na bibliografia disponível.

Com o intuito de impedir, na medida do possível, qualquer contaminação das conversas futuras com opiniões e interpretações prontas, não foram realizadas as análises pertinentes durante o período de coleta de dados.

Finalizada a fase de gravação, os diálogos, que perfizeram um total de 40 páginas, foram transcritos pela própria pesquisadora, a qual empregou para tal tarefa o sistema ortográfico padrão tendo em vista que a reprodução fiel da pronúncia e da entonação -através de símbolos fonéticos e outros sinais de marcação - não interessaram de modo específico ao estudo em pauta.

Entretanto, criaram-se símbolos especiais para indicar fatos interessantes para a análise, tais como:

1. As interações em língua espanhola são transcritas em **negrito**.
2. As interações em língua portuguesa são transcritas em *itálico*.
3. O sinal == indica o tom jocoso das falas.
4. O sinal # indica que a conversa é telefônica.
5. O sinal ° é indicador de que a filha bebê dos falantes está presente.
6. O sinal \\ indica que o televisor está ligado ao tempo da conversação.
7. O sinal ^ indica que há alguma inadequação no discurso em língua espanhola do bilíngüe desequilibrado capaz de provocar reação por parte da pesquisadora .

8. O sublinhado evidencia inserção, sem motivação aparente, de termo ou sintagma não pertencente à língua de base, idioma no qual está ocorrendo o diálogo.
9. Os colchetes indicam que a inserção do elemento de uma língua dentro da estrutura da outra ocorre de maneira consciente.

De acordo com Erickson (1991: 346), a investigação científica do tipo da observação participante, cujos dados são coletados através da gravação de interações, constitui uma pesquisa de caráter interpretativo.

Pesquisas assim caracterizadas são relatadas principalmente por meio de descrições. Dentre as descrições existentes na ciência - geral, de médio porte e específica - a que melhor dá conta dos dados em análise é a descrição específica.

Neste caso em particular, as conclusões a respeito do padrão bilíngüe de interação lingüística dos falantes sob exame resultaram de uma descrição detalhada, através de cinquenta e duas vinhetas narrativas concretas, de fatos ocorridos em ocasiões específicas de comunicação. Tais vinhetas, portanto, permitiram à analista descrever e investigar detalhes e nuances do seu discurso quando em situação de contato com um interlocutor não monolíngüe.

Sendo, conseqüentemente, o escopo do presente trabalho o de examinar o desempenho lingüístico da pesquisadora em contato com um falante com o qual desenvolve diariamente interações bilíngües, foram desconsiderados os erros e/ou inadequações apresentados por seu interlocutor nas ocasiões em que este fala espanhol, sua língua não materna.

Entretanto, fenômenos englobáveis sob a denominação geral de code-switching no discurso do bilíngüe desequilibrado foram sinalizados nos casos em que exerceram, direta ou indiretamente, influência sobre a produção oral da falante eqüilíngüe.

Foram desprezadas longas conversas em português durante as quais não estiveram presentes nenhum dos fenômenos lingüísticos pertinentes à análise. Dirigiu-se especial atenção, justamente, para os momentos em que as línguas se alternavam durante o diálogo.

Finalmente, durante a fase de transcrição, foram deixados de lado todos os trechos em que houve referência direta a pessoas ou a fatos de cunho demasiadamente íntimo.

4 ANÁLISE DE DADOS

A partir da análise crítica do corpus em estudo, o qual consta da produção oral levada a cabo pela pesquisadora equilíngüe quando em situação de interação informal e familiar com seu marido bilíngüe desequilibrado nos seus dois idiomas - português e espanhol -, é possível organizar os dados segundo algumas categorias.

A alternância de códigos ou code-switching *lato sensu* pode ser observada em absolutamente todos os diálogos gravados e transcritos, embora obedecendo a razões distintas e podendo configurar-se de maneiras diferenciadas. Os dados coletados serão apresentados em cinquenta e duas vinhetas através das quais se procederá à sua descrição e análise.

Primeiramente, serão examinadas as situações onde há code-switching intra-sentencial, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado) quanto sob a forma segmental (a alternância de código constitui um segmento do enunciado).

A seguir, será descrito um conjunto de vinhetas onde poderá ser observado o code-switching intersentencial, aquele existente quando uma sentença é dita em uma língua e a seguinte, correspondente ao próximo turno do mesmo falante, na outra.

Por último, serão analisados os casos de code-switching entre enunciados produzidos no curso de um mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua de base da interação estiver relativamente distante da primeira frase pronunciada no sistema alternativo. Conforme Dabène & Moore (1995: 30), há quem considere este tipo de comportamento lingüístico como sendo, na verdade, um fenômeno de mudança de código e não de simples alternância de idiomas.

4.1 Code-switching intra-sentencial

A partir das vinte vinhetas descritas abaixo serão interpretadas as motivações que conduzem a falante equilíngüe a alternar entre seus dois sistemas disponíveis dentro de uma mesma sentença.

4.1.1 Code-switching intra-sentencial unitário

O fenômeno mais freqüente, segundo Cook (1991: 65), é o da inserção no discurso de palavra de outra língua. Tal inserção pode ocorrer com perfeita adaptação à estrutura e à pronúncia do idioma no qual se desenrola a conversa, porém, contrariamente, o item ou o

segmento podem não sofrer nenhuma espécie de adaptação à língua de base sendo pronunciados exatamente como no seu idioma original.

A seguir, serão analisados quinze casos em que um item lexical do outro idioma é inserido com *perfeita adaptação* à língua de base, aqui considerada como a língua na qual vem ocorrendo a interação verbal entre os falantes.

Tal fenômeno pode ocorrer devido à necessidade de suprir uma falha nessa língua, já que, no momento, *o termo equivalente não é acessível na memória a longo prazo ou permanente*, dentro da qual, segundo Scliar-Cabral (1991: 157), estão armazenados, de forma estruturada, o conjunto de conhecimentos, de crenças e as linguagens.

(1)

Isabella

Fábio

**bueno,⁴ la beba no me vio pasar
pero desconfió⁵==⁶**

¿ah?

**la beba no me vio pasar pero
creo que lo sospechó, ¿viste?**

pero, ¿dónde estabas?

A pesquisadora eqüilíngüe, Isabella (doravante I), demonstra a seu interlocutor, Fábio (doravante F), por meio da entonação, empregando um tom jocoso, que a palavra **desconfió** está mal empregada no contexto específico. Devido ao fato de que as palavras

⁴ As interações em espanhol são transcritas em negrito.

⁵ O sublinhado indica que o termo ou o sintagma não pertence à língua de base.

⁶ O sinal == indica o tom jocoso da fala.

estão armazenadas na memória com suas características gramaticais, I aproveita a pergunta de F para ganhar tempo e acessar rapidamente na memória o verbo correto para a circunstância em questão, qual seja, **sospechó**.

Conforme Scliar-Cabral (1991: 108), quando ocorre uma permuta entre palavras durante o discurso elas sempre pertencem à mesma classe sintática.

O português e o espanhol, línguas extremamente próximas, apresentam, segundo Hoyos Andrade (1992: 8), numerosas palavras com forma semelhante ou idêntica que, no entanto, não querem dizer a mesma coisa ou compartilham apenas alguns significados.

Em espanhol o verbo **desconfiar** existe mas não é empregável no contexto do exemplo (1), devendo-se utilizar o verbo **sospechar** no caso sob exame. Contudo, houve uma perfeita adaptação da idéia do *desconfiar* do português à estrutura da frase justamente porque, havendo tal palavra em espanhol, não foi necessário fazer-lhe modificações para que soasse de forma coerente com o resto da frase.

Além de ter acessado o verbo adequado para a circunstância em questão, I completou a sua sentença acrescentando-lhe o pronome complemento de objeto direto **lo**, elemento indispensável em espanhol, embora correntemente apagado em português.

Li (1996: 11) afirma que o processo em análise baseia-se na similaridade formal entre o termo oriundo de uma língua e um outro não relacionado ou relacionado parcialmente do ponto de

vista semântico e pertencente à outra língua que o hospeda dentro do discurso bilíngüe. Essa transferência semântica é típica de casos de pares de idiomas muito aparentados.

Devido à acentuada semelhança entre os dois idiomas em pauta, é esse, possivelmente, um exemplo típico de “traição” lingüística e cultural a despeito da monitoração e conseqüente correção.

Observe-se que, para a pesquisadora, o code-switching motivado por falha na memória, por falta de disponibilidade de determinado item em qualquer que seja a língua que está empregando durante a interação é o único que não aprecia, já que, dentro do estereótipo do bilingüismo altamente equilibrado, constitui um elemento perturbador.

Em (2) e (3) ocorre o mesmo fenômeno, o da não disponibilidade imediata do item adequado ao caso específico, embora I não necessite de tempo para resgatá-lo, corrigindo-se imediatamente e não demonstrando de maneira explícita a F que houve “traição”.

(2)

I

yo te digo que si el tipo hablara dijera lo mismo en portugués, tampoco iban a entender porque son tarados

F

no entienden nada

bueno es verdad

(3)

I

F

che, no tomamos nuestro whisquito,

**nuestro este cosito licor
y no...yo ayer me acordé viste pero
como vos no hablaste no dijiste nada
yo pensé éste no quiere**

no...pero hoy hoy lo lo tomamos

sí, qué lindo

Evidencia-se a influência do português, língua na qual os verbos *falar* e *dizer* apresentam, na atualidade, configuração de sinônimos em grande número de situações, tendo o primeiro absorvido usos anteriormente exclusivos do segundo.

Sabedora de que tal regra não é compartilhada pelo espanhol, I, apresentando uma atitude repressiva no que se refere à sua própria atuação, corrige-se e utiliza, imediatamente após a produção do verbo **hablar**, a forma adequada: o verbo **decir**. No entanto, não deixa evidente a F a sua “traição” por um certo sentimento de pudor, já que, freqüentemente, ela o corrige quando ele, falante não nativo de espanhol, faz o mesmo.

Pela mesma razão, tampouco demonstra a seu interlocutor o deslize cometido no exemplo seguinte.

(4)

I

pero es un asco

no...pero...

**pero podía ser un pan duro con gusto
a pan, viste, pero es un asco**

es horrible, horrible

F

es un es un pan duro te digo==

un pan consistente==

es un pan de gourmet ==

no, no es un asco==

Não é costume empregar em espanhol o “pretérito imperfecto” **podía** em substituição ao “condicional simple” **podría**. Em português, idioma ao qual I está constantemente exposta, no entanto, é extremamente comum a troca do “futuro do pretérito” *poderia* pelo “pretérito imperfeito” *podia*.

O que impede que I se corrija, apesar de ter percebido de imediato a transferência de uma língua para a outra, pode ser o fato de que F, embora em tom de brincadeira, a esteja contrariando quanto ao assunto em pauta na interação. A virtual autocorreção por parte de I, além de deixar claro que comete uma inadequação do mesmo tipo das de F, desviaria a atenção do que realmente importa no momento: a discussão.

Segundo Paradis & Lebrun (1983: 11), os fenômenos descritos acima encontram explicação no fato de que o indivíduo bilíngüe possui dois subsistemas de conexões neuronais, um para cada língua (os quais podem ser ativados ou inibidos de maneira independente) sendo que é, ao mesmo tempo, detentor de um sistema mais vasto, o da linguagem, dentro do qual pode selecionar indiferentemente elementos de um ou outro idioma.

Tais idéias são confirmadas por Peregman (1989: 236), para quem o nível pré-lingüístico conceptual reflete propriedades da mente humana sendo comum aos dois sistemas do falante bilíngüe. O nível semântico-lexical, entretanto, difere segundo se trate de um ou de outro idioma, o que significa que os dois níveis são funcionalmente independentes.

Quem domina mais de um código lingüístico tem, portanto, a faculdade de empregar, de maneira alternada ou simultânea, elementos de cada um deles. No momento em que o bilíngüe procura na sua memória um termo, é possível que evoque espontaneamente, dentre os sinônimos, algum pertencente à outra língua pela razão de que lhe é mais habitual ou porque foi utilizado mais recentemente.

Os dados seguintes demonstram que a inserção de um item não existente na língua na qual se desenrola a interação pode ocorrer por *desconhecimento do seu equivalente na mesma*.

(5)

I	F
la beba está linda, se durmió, se comió un yogur	
	bueno
ahora va a comerse algo con leche, no sé si un un [mingau]⁷ == o algo, qué sé yo, no sé	
	bueno

Segundo Ervin-Tripp (1968: 206), por mais equilibrado que um bilíngüe seja, não possui experiências totalmente equivalentes nas suas duas culturas, o qual ocasiona diferenças na função desempenhada por cada idioma e implica relativa falta de familiaridade com o léxico de determinadas áreas.

Devido ao fato de ter passado a sua infância em um ambiente doméstico onde só se falava português, I desconhece alguns termos específicos da linguagem que os pais dirigem aos filhos pequenos ao lhes falarem em espanhol. O emprego de *mingau* é exemplo disso: nunca ouviu

ou, pelo menos, não tem registro de ter ouvido o vocábulo equivalente. Ainda que suponha que o termo adequado à situação possa ser **papilla**, prefere dizer aquilo que a remete à sua própria experiência, à época em que lhe preparavam *mingau* em português.

Assim, de maneira consciente - observe-se o tom jocoso -, o adapta à pronúncia do espanhol através de um mínimo ajuste fonético e o integra facilmente a seu discurso sem sentimentos de cunho negativo em relação ao seu desempenho: aceita o fato de que, devido às características do desenvolvimento do seu bilingüismo, há coisas peculiares a ambas as culturas veiculadas através de suas duas línguas às quais não pôde ter acesso durante a infância, época em que as adquiriu.

Em (6) ocorre um fenômeno do mesmo tipo, porém o desconhecimento do termo *danoninho* não se deve à mesma razão descrita em (5).

(6)

I

**la Navidad está bien, a la mañana se
comió su su su de siempre [danoniño],
¿no?**

F

¿cómo está la Navidad?

sí, que le encanta

Não morando na Argentina há vários anos, I não tem a informação de que precisa: de que maneira a marca Danone - existente naquele país - designa esse tipo de produto. Supondo-se que a empresa siga a mesma estratégia e dê a seus queijinhos o diminutivo de seu nome, estes seriam, então, denominados “danonitos”.

⁷ Os colchetes indicam inserções conscientes.

A opção de I - após alguma hesitação - pela forma “aportuguesada” **danoniño**, a qual imita através de sons em espanhol, pode ser explicada pelo desejo de que F - de quem é principal fonte de insumo lingüístico - não a tome por modelo e não venha a empregá-la seriamente.

Como pode ser observado em (7), F compreende o procedimento de I, já que mais tarde, no mesmo diálogo, utiliza tal termo de forma irônica.

(7)

I
**sí sí, le vamos a dar otra cosa como qué
 sé yo, no sé, algún postrecito de maisena**

F
**¿qué postrecito? ¿qué es esto?
 ella no tiene postrecitos, ella tiene
 eh... [danoniño] y yogures==**

**no, pero le vamos a hacer con leche y
 huevito**

Outras motivações podem fazer com que haja inserções. Em (8) ocorre a inserção, durante a conversa em espanhol, de termos inexistentes nessa língua como uma forma encontrada por I para não corrigir F e para lhe demonstrar solidariedade, já que ele quer lhe prestar um favor naquele momento.

(8)

I
¿me vas a traer el sandwichito?==

F
**y a ver a ver, no sé, ¿de qué
 querés?==**

**(RISOS) y éste con huevos y qué
 sé yo**

¿el chester?

sí

¿o te parece que el otro es más rico?

y bueno, traeme éste

pero no hay problema o si no traeme el otro, qué sé yo, cualquier cosa...

a mí me gustan los dos, ya te dije

sí, o [pernil] o [chester]

entonces, el de huevo

huevo podrido==

sí

y no, el chester es bárbaro, a mí me encanta

y bueno, pero el problema es que el huevo va a estar helado, frío, ¿viste?

sí, pero ¿cuál querés? ¿querés de de pernil por ejemplo?

¿los dos?

ah sí, pero tengo que elegir uno

el chester

(RISOS) y decime, ¿qué hay para comer?

Mesmo sabendo que, a rigor, **pernil** existe em espanhol, I o considera uma adaptação do português, já que, por não fazer parte do léxico do seu dialeto, por não pertencer à variante lingüística do Rio da Prata, jamais o ouviu nem produziu nessa língua.

Embora F pressinta que tais termos não pertencem ao espanhol a que está exposto diariamente, os pronuncia, demonstrando excelente competência fonética, nesse idioma. Nota-se a resistência de I no que tange a contrariar F através da correção e, ao mesmo tempo, a resistência a empregar **chester** e **pernil** no seu discurso.

Por fim, após ter sucumbido à insistência de F e de ter empregado termos não pertencentes à língua da interação, I dá por terminado o tópico da escolha do sanduíche que F lhe trará citando um verso de uma cantiga de roda infantil conhecida por ambos cujo único ponto em comum com o assunto em pauta é a palavra **huevo**, o que a torna absurda dentro do contexto do diálogo e, por isso mesmo, cômica.

A inserção de termo da língua que não está sendo falada no momento pode se dever, como em (9), a razões de lealdade para com um idioma.

(9)

I

F

^{o8} **bueno, la beba recién se comió
estaba comiéndose un yogur enorme
con el [bocón] que abre ahora,
¿viste?==**

(RISOS) **¿y cómo está la beba?**

bien

Calcado na expressão do português *abrir um bocão*, surge um equivalente que não existe em espanhol - **el bocón que abre** - através do qual I busca fazer rir o seu interlocutor ao mesmo tempo em que exprime uma nuance diferente da que seria possível se tivesse dito **la gran boca**.

⁸ O sinal ° indica a presença de Marina, filha bebê de I e F.

O emprego dessa expressão é plenamente consciente, já que a palavra **bocón** nem mesmo seria viável em espanhol, idioma no qual os aumentativos raramente se formam com o sufixo -ón e no qual é mais rara ainda a mudança de gênero por conta de tal formação.

Ainda que exista um acordo entre I e F determinando que o espanhol é a língua a ser falada com a filha de ambos ou diante dela, pode acontecer que, às vezes, no meio de uma conversa nesse idioma cujo tema seja o bebê, surja em I um sentimento de lealdade para com o português - língua que associa ao ambiente do seu lar durante a sua infância - e, mesmo sem empregá-lo abertamente, adapte algumas expressões desse sistema à conversa em espanhol.

Segundo Herman (1968: 500), um sentimento tal como o descrito acima pode ser responsável pelo uso de uma determinada língua em situações que o falante não tenha previsto de maneira nenhuma.

No exemplo (10) pretende-se adaptar ao espanhol uma construção engraçada do português de modo a expressar ironia.

(10)

I
¿yo los tengo que llamar a ellos?

ah, bueno==

¿alguna algo te [sobró] a vos o no?==

F

todos

tá?

a mí nada, sólo trabajar==

bueno, está bien, ya es algo==

Evidencia-se o recurso estilístico utilizado por I quando da sua reação, ao mesmo tempo contrariada e divertida, ao pedido anteriormente formulado por F: se é ela quem deve telefonar a todas as pessoas, o que sobra para que ele faça? Nota-se que, antes da réplica em que I insere o termo calcado da expressão brasileira, F alterna entre os dois códigos partilhados por ambos e fala português com o objetivo de deixar clara a sua posição quanto ao tema e finalizar o tópico.

O code-switching em questão influencia o discurso de I ao ponto que, embora não dê o assunto por encerrado como deseja F, começa seu turno dizendo **alguna** para, em seguida, trocá-lo por **algo**. Pode-se fazer a suposição de que vai quase pronunciar * **¿alguna cosa te sobró a vos o no?** expressão exatamente igual ao modelo na outra língua (*alguma coisa sobrou pra ti ou não?*).

Tal produção estaria, portanto, duplamente inadequada, já que, apesar do verbo **sobrar** existir em espanhol e estar corretamente conjugado no diálogo acima, se estivesse falando com um monolíngüe, I perguntaria a mesma coisa formulando sua questão da seguinte maneira, por exemplo : **¿y a vos te quedó algo por hacer o no?**

O calco de palavras ou expressões similares quanto à forma mas diferentes quanto ao significado e/ou quanto à função é um dos processos mais produtivos de transferência lexical entre línguas, segundo Li (1996: 14).

Em (11) também ocorre a inserção de uma expressão inexistente em espanhol com a intenção de provocar riso.

(11)

I	F
sí y ahora está jugando con C.	uia, ¿y tu mamá?
anda por acá [borboleteando]==	(RISOS) bueno

A expressão *borboletear* no sentido de dar voltas e não fazer nada de proveitoso é tão peculiar ao português que o seu emprego por parte de I no meio do discurso em espanhol provoca riso em F, justamente o efeito buscado desde o momento em que dá à frase uma entonação divertida. A palavra *borboleta* não existe em espanhol, sendo **mariposa** seu termo equivalente.

De acordo com Sankoff & Poplack (1981 apud Hamers & Blanc, 1989: 150), a formação de * **borboleteando** é perfeitamente plausível em espanhol devido ao respeito à regra de restrição do morfema livre segundo a qual não pode existir alternância linguística entre um morfema preso e uma forma lexical a menos que esta seja integrada fonologicamente à língua do morfema. A forma lexical da palavra inexistente em espanhol se adapta corretamente à terminação do gerúndio -eando e resulta, assim, em um vocábulo bem constituído.

O que resulta tão cômico, então, é a possibilidade de criação de algo que poderia existir em espanhol mas que não existe e que, justamente, só pode ser compreendido por alguém que

seja bilíngüe e que, além de conhecer o termo porque fala a língua onde este se originou, tenha sensibilidade para apreciar a transgressão lingüística proposital.

Contudo, no exemplo seguinte a reação esperada por I não ocorre: seu interlocutor não compreende que se trata de uma transposição do que poderia ter sido dito em português - *então, traduzindo, ela é horrorosa* - e, além de não rir, pede esclarecimento. I renuncia, então, ao efeito cômico que havia imaginado provocar e diz a mesma coisa de modo mais simples.

(12)

<p>I</p> <p>pero es un monstruitín</p> <p>sí claro, como todos los bebes, pero</p> <p>(RISOS) [traduciendo], es un asco==</p> <p>es muy feúcha</p>	<p>F</p> <p>sí, pero es querida, pobrecita</p> <p>sí, es horrible</p> <p>¿ah?</p> <p>y feuchísima, y bueno...</p>
--	---

Em certas ocasiões, brinca-se tanto com a língua de base que se chega ao ponto de adaptar à sua pronúncia e à sua estrutura palavras do inglês ou do francês.

Para Sharwood Smith (1989: 198) bilíngües apreciam utilizar as línguas que compartilham com outros falantes para realizar brincadeiras, sendo que o fator lúdico é uma forma de empregar conscientemente seus duplos recursos lingüísticos, bem como de prolongar o prazer de manipular seus códigos simultaneamente.

(13)

I

nada nada**porque como una ridícula me olvidé
de apretar el botoncito de grabar****sólo el “play”, viste, pero entonces la
la cinta [pleió] todo el tiempo==**

F

(RISOS) ¿por qué?**sólo==****claro, pero no [recordó]==**

Como o assunto em pauta é a gravação e como os gravadores trazem em inglês as palavras “play” (tocar) e “record” (gravar), com a intenção de provocar um efeito cômico, I toma o primeiro termo e o “espanholiza”. F, por sua vez, faz o mesmo com o segundo termo para responder à altura de I e cria outro sentido para o verbo **recordar** cujo significado original é “lembrar”.

Mais adiante, retoma seu intento e inventa o verbo **estopar** calcado no inglês “stop” (parar). Para tal, insere um e- no começo da palavra, obedecendo às regras de espanhol que - tal como o português - impedem a existência do encontro consonantal -st na mesma sílaba e, que, determinam, outrossim, que verbos novos terminem em -ar e pertençam à primeira conjugação.

(14)

I

sí, si querés

F

¿y podemos [estopar] esto?==

(15)

I

*eu? eu? Isabella Mozzillo?==**que o mundo há de enterrar e chorar
e [regretar] quando eu morrer?==*

F

*então tu liga pra lá e convida⁹**é==**é==*

Regretar é uma adaptação inexistente do verbo “regretter” (lamentar, sentir saudades) pertencente ao francês, idioma falado por ambos os interlocutores, a qual é feita seguindo a regra do português no que à terminação se refere: inovações fazem-se dentro da primeira conjugação verbal.

Os cinco casos abaixo descrevem situações em que o code-switching dentro da mesma sentença ocorre com a inserção de palavra da outra língua mas *sem* que ocorra *adaptação* à pronúncia daquela na qual está acontecendo a interação.

Conforme Li (1996: 3), existe uma suposição tácita que permeia muitas explicações sociolinguísticas a respeito do code-switching *lato sensu* e que é responsável pela idéia de que toda expressão não pertencente à língua de base que é inserida no discurso poderia ter sido substituída, de alguma maneira, por uma expressão semanticamente “equivalente”.

Para o autor citado acima, nem sempre é possível expressar a mesma idéia em ambas as línguas através daquilo que o dicionário aponta como sendo sinônimos ou equivalentes.

⁹ As interações em português são transcritas em itálico.

O bilíngüe, portanto, quando faz inserções de variado tipo de um idioma no outro, reluta em empregar termos prescritos como equivalentes porque sabe ou pressente que pode não haver congruência semântica entre os mesmos e que se, em nome da pureza lingüística, insistir no uso de determinadas palavras poderá haver perda parcial ou total de significado.

(16)

I
isso aqui é lá de Punta, né?

F
*é do **Devoto***

Devoto...ah aquelas masitas do Devoto
que maravilha, né?

A necessidade de citar algum estabelecimento localizado em um dos países representados para I e F pelo português ou pelo espanhol os motiva a empregar sempre a sua língua original.

Assim, o português é utilizado para referir coisas peculiares ao Brasil, evidentemente, e o espanhol é o código através do qual se nomeiam produtos exclusivos da cultura da Argentina e também do Uruguai - como no exemplo acima - devido à grande similaridade cultural entre esses dois países.

Tanto o nome do supermercado **Devoto** quanto o dos docinhos específicos da cultura do Rio da Prata, as **masitas**, foram pronunciados em espanhol por causa da referência direta a Punta del Este, cidade uruguaia na qual I e F passam freqüentemente férias e na qual compram, por óbvio, tais produtos utilizando essa língua. O fato de que tais doces não

existam no Brasil propicia a sua referência no idioma de sua região de origem, já que nenhum termo em português poderia dar conta da especificidade das **masitas**.

(17)

I
hay berenjenas y verduritas
le dije a la boluda hacé una verdura
y repollo y la tipa hizo *couve e espinafre*

F
¿qué verduritas hay?
¿pero de nuevo?

(RISOS)

Criada em Buenos Aires, onde se desconhece couve, I não tem o hábito de empregar nem tampouco de ouvir a palavra específica em espanhol (**col**). Para ela, tal termo não se reporta à verdura em questão, já que, desde a sua infância, apenas a come no Brasil.

Na hipótese de que I tivesse pronunciado o termo **col** para continuar empregando a língua de base, sentiria grande artificialidade pois que jamais produziu essa palavra em circunstâncias naturais de fala. Desse modo, vê-se forçada a trocar de língua para poder expressar comodamente o que deseja.

Ellis (1994: 320) comenta a resistência que impede, de certo modo, que o falante realize transferências de formas marcadas de uma língua para a outra na qual as formas correspondentes sejam não marcadas. Em (17) I toma um termo que não é marcado em português (*couve*) para substituir o seu equivalente em espanhol (**col**) que seria, ele sim, marcado no contexto em questão.

A produção de *couve* em português condiciona, pelo princípio da economia - segundo o qual existe uma preferência por continuar empregando certos termos de uma língua em virtude de um menor esforço lingüístico (Li, 1996: 42) - o uso do mesmo sistema na produção da próxima, qual seja, *espinafre*.

Além disso, o que motiva I a continuar o seu discurso em português é o desejo de marcar claramente quais são as verduras preparadas pela empregada, uma vez que, ainda que em espanhol o termo **espinaca** seja, lingüística e culturalmente, passível de ser empregado, a retomada de tal idioma com a conseqüente utilização da forma não marcada implicaria perda de força na mensagem que tem a intenção de veicular.

Em (18), o nome de um tango argentino é inserido no diálogo em português e tem a sua pronúncia original preservada.

Uma das razões para tal pode ser a de que, na memória da falante, o tango em questão apenas está disponível no seu próprio idioma e que traduzi-lo ou adaptá-lo à pronúncia da língua de base do diálogo significaria esforço inútil e resultado marcado demais para o propósito da sua citação.

(18)

I

F

um tango do Gardel que diz uma

não, não, esse é Cambalache

Cambalache

*coisa assim né que o burro vale
mais que o professor*

como?

Em (19) o termo do português inserido na língua de base não obedece à estrutura e à pronúncia do espanhol por motivações de caráter enfático.

(19)

I

**y sí, vamos a intentar, pero me traés
una película *prestável***

**ay, por amor de Dios, cuidado, porque
vos me traés cada porquería==**

F

**voy a trabajar un poquitito, che,
¿llevo una película?**

**sí, voy a llevar una película de
acción creo, me parece, tengo ganas**

Para Nawa (1989: 200), é através da mudança de código que o bilíngüe determina sua postura diante de certas situações e enfatiza o contraste sócio-simbólico existente no uso das duas línguas quando manipula os significados sociais durante a interação.

Com o intuito de deixar muito claro que o filme que F trará deve ser do seu agrado, I utiliza um termo peculiar e exclusivo do português sem moldá-lo à língua na qual ocorre o diálogo de maneira a torná-lo uma forma marcada. Note-se, entretanto, que, apesar do recurso persuasivo empregado por I e da conseqüente anuência de F, este insiste em trazer um filme de ação. Tal atitude motiva outro pedido por parte de I, porém é a exclamação exagerada aliada à entonação irônica o que dará ênfase à sua réplica.

Em (20) é o nome de uma província argentina que se insere na língua de base da interação - o português - respeitando-se exatamente sua pronúncia original. Sempre que se refere a regiões de seu país, I o faz em espanhol porque assim estão disponíveis em sua memória.

(20)

I

bom, mas pode ter...não assim na fronteira em espanhol eu não conheço, graças a Deus, linguagem de fronteira em espanhol

*não, por isso eu tô dizendo, eu não conheço linguagem de fronteira, graças a Deus, pode ser que ali no **Entre Ríos** se diga pra pra...*

F

gozado, porque aqui pra nós na fronteira...mas tem que ter alguma coisa, querida, porque na fronteira as pessoas chamam de bolicho

não, talvez tu conheças mal

é, essa é uma expressão, digamos assim, popular né

Apesar da clara intenção de enriquecer o seu argumento citando uma região de fronteira, o descaso de I para com o assunto em questão a impele a dar como exemplo justamente uma província que não é limítrofe com o Brasil, informação não partilhada, evidentemente, por F, o qual continua insistindo sem suspeitar que o exemplo não se enquadra na conversa.

4.1.2 Code-switching intra-sentencial segmental

Além das inserções de palavras alheias à língua de base com ou sem adaptação estrutural e fonética, outro fenômeno pode também ser constatado no discurso de I, a saber, aquele em

que se alternam partes de um idioma com partes de outro dentro da mesma frase deixando ambos inalterados.

A seguir, serão descritos dezesseis casos de tal fenômeno.

(21)

I	F
<i>que mais? me conta mais coisas, contame</i>	¿qué querés que te cuente? ¿qué querés que te cuente?
y...no sé	<i>comprei a “Gula”</i>

Segundo Milroy & Li (1995: 151), o code-switching serve para repetir a mesma idéia com mais vigor do que vinha sendo usado na língua de base. Nesse exemplo, ao pronunciar **contame**, I reproduz, marcadamente pois que em espanhol, a mesma idéia antes dita em português.

A passagem do português ao espanhol na mesma frase, pode ser motivada, neste caso, a um desejo de persuasão de I em relação a F, o qual não se disporia a continuar a conversa não fosse a insistência. A reação de F demonstra, então, a total falta de entusiasmo para seguir o assunto naquele instante, já que, além de não contar nenhuma novidade, ainda pergunta a I o que ela quer que ele relate.

Contudo, o recurso de alternar o código para o espanhol surte efeito porque F, finalmente, apresenta uma informação nova: a compra de uma revista de culinária apreciada por ambos.

O mesmo recurso é empregado por I em (22), a qual, embora sem obter um resultado completamente satisfatório, consegue que F não desligue o telefone naquele momento e prolongue a conversa durante mais alguns segundos.

(22)

I	F
<i># acho bem, eu gosto dele¹⁰</i>	
	<i>hum</i>
<i>e o que mais, bicho?== y bueno,</i>	
<i>y qué sé yo, todo lindo==</i>	
	bueno
hoy me compré mis cremitas	
	sí

Procedimento diverso pode ser observado em (23). À medida que se desenvolve a negociação entre as partes, as línguas se alternam dentro e fora das sentenças.

(23)

I	F
	<i># tenho que ligar pra secretária do</i>
	<i>J., me lembrei agora</i>
<i>pra quê?</i>	
	<i>ela tinha me ligado de manhã, querida,</i>
	<i>então tá meu amor</i>
<i>mas que que ela quer contigo?</i>	
	<i>deve ter saído alguma intimação pro J.</i>
	<i>e ela quer que eu olhe pra</i>
	<i>pra ver o que que é</i>
<i>hum</i>	
	<i>porque o J. não tá aí né, tá viajando</i>
<i>hum</i>	
	<i>tá minha bichinha?</i>

¹⁰ O sinal # indica que a conversa é telefônica.

hum

tá, plomísimo esto eh

bueno

bueno, então tá

tá bom, meu querido

**sí, sí, cuando vuel vuelvas a casa
te voy a internar**

hola, hola

**pero es que...perdoname, nena,
perdoname**

pero esto está una locura, ¿viste?

¿eh?

**¿y me adorás? cuidame, ¿está bien?
cuidame**

Nas duas ocasiões em que há alternância lingüística dentro da mesma frase, a intenção de I é a de expressar desagrado. Desde o instante em que F anuncia o fim do telefonema dizendo ter de ligar para outra pessoa naquele momento, I demonstra seu inconformismo.

Notando tal reação, F tenta captar a sua boa vontade passando a falar espanhol, língua empregada pelo casal em circunstâncias onde prevalece a emoção. O intento de F frustra-se quando I responde ao **hola, hola** com um *tá* em português.

Contudo, compreendendo a tentativa de F, alterna imediatamente para o espanhol e explica que acha toda a situação muito aborrecida. Do mesmo modo, quando F, ainda em espanhol, pede que ela o perdoe, I concorda no mesmo idioma mas, sem fazer nenhuma pausa, alterna para o português de forma a terminar definitivamente a conversa telefônica. Não é secundada por F, que, tomando o turno, insiste ainda em espanhol.

Diante da negativa de I em retomar a língua que exprime maior emoção, F faz uma pergunta direta a respeito de sentimentos e obtém, finalmente, dupla confirmação: uma resposta afirmativa e dada em espanhol. Não obstante, I ainda deixa clara a sua insatisfação ao afirmar que vai interná-lo quando ele chegar.

Marcuschi (1991: 88) explica que há uma tendência no sentido de que o locutor espere ações positivas por parte do interlocutor e que, portanto, sempre que alguém não corresponde a tal expectativa, surge durante a resposta uma forma marcada por um sinal verbal ou não-verbal.

Por duas vezes, durante o micro-diálogo acima, houve, por parte de I, o emprego de formas marcadas através do uso do português, língua não esperada por F no contexto em pauta mas cujo uso, justamente, obedeceu ao propósito de demonstrar a recusa em aceitar à situação.

Em (24) o code-switching intra-sentencial deve-se a razões enfáticas.

(24)

I

bueno *eu não agüento mais, tô louca
pra falar contigo há horas*

F

bárbaro, bárbaro

que horror né que horror

O estado anímico que permeia um diálogo motiva a utilização de um ou de outro código linguístico, conforme Herman (1968: 502).

No intuito de deixar claro o seu sentimento de ansiedade, I alterna do espanhol - língua com a qual tinha respondido ao comentário prévio de F, também formulado nesse idioma - para o português, língua empregada nas interações de cunho mais sério e compromissado. Respeitando sua mudança, F responde dentro do mesmo código.

Exemplo de respeito à alternância lingüística detonada pelo interlocutor pode também ser observado em (25).

(25)

I	F
#y bueno, y después más tarde voy a ver si toma más lechecita	
y...bueno	claro
<i>al sí... ¿y a qué hora venís?</i>	<i>alô?</i>
	diez y media, por lo menos, las once menos cuarto

O código empregado pelo interlocutor desempenha um papel de indiscutível importância no que à manutenção da língua em uso se refere. Tal afirmação é confirmada no momento em que I, ainda que não manifeste a intenção de permanecer falando português, respeita a mudança comandada por F e, por um segundo, alterna para o idioma do mesmo. No entanto, decide não utilizá-lo e interrompendo o seu *alô* antes de tê-lo pronunciado por completo, o substitui por um *sí* e continua o diálogo na língua original.

Considerando-se que *alô* é uma expressão utilizada diariamente por I e que nunca é pronunciada em espanhol, já que sempre atende o telefone falando português, sua produção

automática deve ser conscientemente substituída pelo equivalente na língua na qual deseja conversar. Para Auer (1995: 121) o fato de que o mesmo termo seja repetido em ambas as línguas de maneira sucessiva pode indicar a intenção do falante no sentido de fazer uma acomodação ao seu código preferido.

A alternância de idiomas na mesma sentença pode obedecer a motivações de troca de tópico tal como exemplificado em (26).

(26)

I
pero la tipa quería ser simpática

sí, sí, querida no se dice

(RISOS)

(RISOS) **sí**

**qué vivo que sos==tá, meu bichinho,
me conta como é que foi**

ay, pero qué tipo idiota

F

**pero es simpática, ¿no? es ^
querida¹¹**

pero es una interlengua==

después contá a tu profesor==

**que utilizamos palabras de la otra
lengua en español==**

**hoy tuve que discutir con S. porque
me decía que el portugués
tiene muchas más palabras que el
inglés**

O emprego do português dentro da sentença que começa em espanhol, língua na qual está acontecendo a interação e que, portanto, no momento, é não marcada, tem o poder de

¹¹ O sinal ^ indica inadequação na língua espanhola por parte de F.

demonstrar claramente ao interlocutor que o tópico está esgotado e que se deseja passar a outro assunto.

De fato, ao trocar de código, I solicita a F que este lhe relate algo não relacionado com o que falam até aquele momento e impede que ele responda ao comentário anterior feito por ela a respeito do que ele vem dizendo até então. É compreendida por F, o qual muda de assunto mas segue falando em espanhol - no que é secundado a seguir por I - já que o code-switching em questão não pretende alterar definitivamente a língua de base daquele diálogo.

No exemplo seguinte, o code-switching intra-sentencial ocorre também com o objetivo de trocar de tópico e de deixar claro o desejo de não mais tratar o assunto em questão. Contudo, o interlocutor, respeitando a alteração, passa a falar a língua escolhida por I.

(27)

I
**después mañana por ahí empiezo
a escribir**

sí empie...sigo escribiendo

sigo escribiendo *tá e tu e tu me conta
tudo*

ah?

(RISOS)

F

¿mañana empezás a escribir?

qué lindo

*ah, eu tô numa loucura aqui, sabe
quantas notas saíram pra mim hoje no
jornal?*

*uma duas três quatro cinco seis
sete oito nove dez onze doze treze
catorze...*

É nítida a intenção de dar por terminado o tema que trata daquilo que está sendo escrito e de passar a outro assunto qualquer. F acata a decisão de I no que se refere a deixar de falar em espanhol e continua a conversa em português, língua que será empregada a partir da alternância comandada pela equilíngüe.

Observa-se que, enquanto o diálogo versa sobre o trabalho que I leva a cabo em sua casa, a língua utilizada é o espanhol mas que, quando se trata das atividades de F, desenvolvidas em um escritório fora do ambiente doméstico, o idioma que permanece é o do exterior, o português.

(28)

I

*fica ruim pra gravar porque vai sair
o televisor, as conversas, o palhacinho,
o choro da Marina, né?*

***já tá ° che, bebida, te pongo paradita,
te pongo paradita, oh, mirá***

F

tá gravando aí já?

°bebu, bebu...

Nesta ocasião particular, nota-se o code-switching motivado, não apenas pela troca de tópico, mas, especialmente, pela presença do bebê a quem é dirigida a palavra. Ambos, I e F, falam em espanhol com a filha, razão pela qual a língua de interação é automaticamente modificada por quem primeiro se dirige a ela e tal troca é respeitada pelo outro.

O pacto familiar que diz respeito ao fato de que é o espanhol a única língua falada com o bebê traz implicações variadas como no exemplo (29) onde pode ser observado que a

própria pronúncia do nome da menina em português é sentida pelos pais como sendo artificial.

Embora F e I cantem uma música brasileira que sempre conheceram e cantaram, mesmo antes do nascimento da filha, I não se controla e, sem o desejar, produz o nome Marina em espanhol, após o qual se corrige e prossegue normalmente em português.

(29)

I
*essa música antes da Marina existir,
de saber que ela ia se chamar Marina,
eu já mudava o ritmo*

você se pintou

(CANTANDO) **Marina** Marina
mas eu estou de mal

(CANTANDO) *de mal com você*

F

(CANTANDO) *Marina, morena,
você me...*

se pintou

(CANTANDO) *desculpe, morena
Marina, mas eu tô de mal*

Em (30) é confirmada a idéia de que falar na filha constitui um fator altamente motivador da passagem do português ao espanhol, que, segundo o conceito descrito por Cadiot (1987: 141) constitui-se na “língua do coração” para a família em questão.

(30)

I
*e dava nojo, eu sei que eu levei horas
mas aí depois ela se acalmou e dormiu
com a mãe*

F

e agora, como é que ela tá?

agora tá brincando, tá bem **está bárbara**
te extraña, me parece

uia, yo también la extraño

Sendo o espanhol o idioma através do qual as emoções são mais bem expressas dentro da família em estudo, pode-se observar claramente que, quando o assunto da conversa recai sobre o bebê, essa língua é ativada de forma automática e, conforme Nawa (1989: 203), a troca de código ocorre sem aparente modificação na fluência do discurso, já que não se notam hesitações, pausas ou mudanças de entonação.

(31)

I

F

*as tuas velhinhas, as tuas velhinhas lá,
tu não falasse mais com elas*

*não, a última vez que eu falei foi quando
a gente tava esperando a
Marina*

qué lindo a gente tava esperando
qué lindo ° ay amor, sos tan linda, te
estábamos esperando con tanto amor,
nosotros, ni idea tenés...

\\ esse filme a gente já viu, não viu?¹²

já vimos

*eu me lembro que eu gostei mas não
me lembro qual era, qual era esse filme?*

No momento em que F se refere à filha, I reage alterando a língua de base da conversação.

Dentro da sentença que ela profere ocorre, também, um code-switching explicável pelo fato de que deseja dar ênfase àquilo que F diz e que, justamente, motiva a troca de código. O comentário que faz a F estende-se ao bebê, a quem sempre se dirige em espanhol. Por fim,

após ter esgotado o tema sentimental, muda totalmente de tópico e, voltando a falar com F, retoma o idioma original do diálogo, até mesmo porque o filme que estão vendo na televisão é falado em português.

Fenômeno semelhante ocorre em (32).

(32)

I

F

noite escura, né?

*não gravei aquela hora porque tocou o telefone, tu dissesse pega o tatuzinho e eu na hora **¿por qué yo?** seria interessante saber por que eu perguntei assim, né?*
 ° **¿por qué yo si este bichito de luz está con su papá?**

y bueno, ¿no la agarraste por qué?

porque no sé

O português é deixado de lado nesse caso porque há uma evidente remissão a um fato ocorrido há uns minutos e que é, justamente, questionado por I: por que falou espanhol se tudo ocorria na sua outra língua? Ao se dirigir ao bebê, complementa a pergunta em espanhol da maneira como ela deveria ter sido formulada quando da sua real produção. Seu interlocutor respeita sua alternância de código e abandona o idioma previamente em uso.

¹² O sinal \ indica que o televisor está ligado ao tempo da interação.

Em (33) apesar da alteração de código ter sido decidida por I, seu interlocutor não a acata e segue falando espanhol.

(33)

<p>I</p> <p>estos jazz modernitos que son horribles y deprimentes</p> <p>¿qué cositas? ninguna más==</p> <p>ah, sí sí imagina que chique a S. chegando no teu escritório, tu todo engravatado, dando uma de bom de fazendo pose e ouvindo Rush==</p> <p>¿te parece?==</p>	<p>F</p> <p>sí, sí, el jazz y esas cositas, ¿no?</p> <p>y así...Rush por ejemplo==</p> <p>(RISOS) puede ser lindo, ¿eh?==</p>
---	--

O code-switching neste caso não parece obedecer a razões de mudança de tópico, já que se continua falando basicamente sobre a mesma coisa. O que motiva I a trocar de idioma pode ser o fato de que imaginar o ambiente do escritório de F e a virtual visita de S remetem-na diretamente para o português, língua materna e dominante de F, a qual é, por óbvio, empregada com exclusividade em circunstâncias de trabalho.

Apesar de I não estar no ambiente de trabalho, este, de algum modo, condiciona o emprego de um dos códigos utilizados por ela em sua interação familiar diária, o correspondente ao país onde mora. Afirma Sharwood Smith (1989: 198) que a associação com fenômenos culturalmente idiossincráticos da comunidade de uma dada língua, assim como a referência a efeitos ou a tópicos contextualizados em ambientes onde esse idioma é empregado podem causar no falante alternância de sistema lingüístico.

Tal relação entre ambiente de trabalho e língua, entretanto, não é feita por F, que não respeita a troca levada a cabo por I e, prendendo-se não à visita da cliente mas ao fato de ouvir Rush - assunto começado em espanhol -, prossegue no emprego da língua de base da interação.

Há casos em que o code-switching dentro da mesma sentença deve-se a uma razão de estilo, ao desejo de fazer um jogo lingüístico.

(34)

I
*bom, mas não custa nada cada tanto
passar ali, né?*

*podia roubar o da tua mãe lá....trocava
por outro== ja ja ja*

ji ji ji tenés que decir jo jo jo

ju ju ju

*tá bom, então tá, terminou a nossa
relação, a nossa amizade?==*

*e eu tô no meio duma dissertação
de mestrado ja==*

que pode me levar pra cadeia==

F

bom, é verdade, é verdade

je je je

jo jo jo

(RISOS) *então tá, meu bichinho*

(RISOS) *eu tô no meio duma petição
que pode levar o meu cliente pra
cadeia==*

pois é

(RISOS)

Evidencia-se nesse trecho o intento de I no sentido de esclarecer que aquilo anteriormente afirmado não passa de uma brincadeira. Além da entonação divertida, a falante lança mão, durante o seu discurso oral, de uma imitação da risada natural através do que, em espanhol, é usado convencionalmente na linguagem escrita para reproduzir tal som (**ja**).

O fato de que o faça nessa língua denota um duplo desejo de que seu interlocutor assim o compreenda. Seu objetivo é atingido, já que F responde dentro da mesma linha e imita, também de maneira propositalmente artificial, risadas de despeito, representadas em espanhol por meio de **je**.

Continuando com o tom jocoso, I inicia propriamente o jogo com a língua a partir da série de onomatopéias e da explicitação a F da maneira como este deve dar seqüência à brincadeira. Certificando-se da resposta positiva de F, I inventa uma última forma possível de exprimir riso, o qual provoca exatamente tal reação em F.

Contudo, embora tenha rido, este decide dar por terminado o tópico e se despedir. Alternando o código comunicativo para marcar sua resolução e aproveitando a pausa motivada pelas risadas, volta a falar português. Obtém a solidariedade de I no que à escolha da língua se refere, já que esta não mais emprega o espanhol no seu turno seguinte.

Como última tentativa de marcar, mais uma vez, o efeito cômico de seu enunciado, I retoma a onomatopéia citada segundos antes, no qual não é secundada por F, que não abandona a língua por ele escolhida.

Em (35) e (36) um segmento de outra língua é apensado à frase. Em ambos os casos, existe a reprodução de uma música e, após o fim do canto, um comentário.

(35)

I
(CANTANDO) ° **Marina, morena**
Marina, usted se pintó... Marina,
no sé lá o que...

F

me faça o favor...

(36)

I
(CANTANDO) **que el mundo fue y será**
una porquería ya lo sé, en el trescientos
diez y en el dos mil también, que siempre
ha habido chorros, maquiavelos y estafaos
larilalarara sei lá e aí segue

F

¿y el burro dónde está?

As situações acima têm em comum o fato de que I desconhece a continuação da letra da música e o demonstra por meio da alternância de código. No primeiro exemplo, a própria letra da música é cantada no idioma que não é o seu original, tendo sido traduzida para o espanhol devido à presença de sua filha à qual dedica a canção. No momento em que chega a uma passagem que não recorda, I informa não mais saber o que deve cantar. Apesar de começar a dizê-lo na mesma língua na qual vem cantando, alterna para o português no meio

da sentença de modo a deixar claro que o que dirá a seguir não faz parte da sua versão musical.

Seu interlocutor fornece a informação solicitada, completa o que falta na letra da música, no entanto, o faz no idioma da composição: não é sua intenção continuar a tradução.

No segundo exemplo, não há modificação na letra do tango, sendo este cantado conforme sua versão original. I demonstra a F desconhecer a continuação do mesmo através de uma imitação do ritmo e da produção de um **larilalarara**.

Com o propósito de separar o seu comentário daquilo que cantou há um momento, alterna para o português, língua distinta da que vem empregando para reproduzir a música. F tampouco conhece bem a letra e não pode fornecer o auxílio como em (35). Desconsidera, então, a passagem de I para o português e continua a interação em espanhol, já que, mesmo que lhe fosse possível ajudá-la, só poderia fazê-lo na língua dos argentinos.

4.2 Code-switching intersentencial

A seguir, serão apresentados dez exemplos de, casos de alternância de código não mais dentro do mesmo turno da falante, mas em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação.

O fato de que ambos os sistemas lingüísticos em questão não estejam em situação diglössica, mas apresentem igual status sócio-cultural no ambiente onde são utilizados pelos falantes em estudo, propicia a livre alternância fora de quaisquer pressões externas.

(37)

I	F
sí, ¿cómo sabés?	¿cómo estás? hablaste con A., ¿no?
le hablé le hablé le hablé	yo...este... ^ lo hablé
<i>ele me nos convidou pra ir lá né mas...</i>	le hablé y me lo contó
	<i>pois é</i>

Observa-se que I corrige diretamente F no que ao pronome se refere e que este modifica seu enunciado na língua que não domina como um nativo, empregando a forma adequada. Com o intuito de voltar ao assunto que comentavam antes da interrupção, I passa para o idioma não falado durante a interação de modo a marcar que está respondendo à primeira pergunta e não mais julgando o desempenho de F.

(38)

I	F
la beba está jugando a romper revistas	(RISOS) mais uma coisa que
<i>é, mas são daquelas que pode, né, das</i>	<i>nós damos pra ela destruir?</i>
<i>podres</i>	
claro	<i>ah sim ella es tan linda, ¿no?</i>

Evidencia-se que a alternância de um sistema lingüístico para o outro é motivada pelo interlocutor da pesquisadora. O que parece ter determinado a mudança de idioma por parte de F é o assunto ligado diretamente ao bebê, o comentário afetuoso a respeito da filha com quem sempre fala em espanhol, língua através da qual a interação entre os membros da família ocorre normalmente.

Herman (1968: 503) assegura que a quebra do padrão lingüístico de interação pode causar, muitas vezes, sensação de artificialidade tendo em vista que o idioma passa a ser parte intrínseca da relação familiar previamente estruturada.

Enquanto se trata de um comentário sobre o comportamento dos pais em relação ao que pode ou não ser dado a ela, o português pode funcionar como idioma neutro, no entanto, F marca o que diz ao empregar o espanhol. Respeitando a mudança efetuada por F e compreendendo sua intenção, I responde em português e retorna ao espanhol tão logo F volta a falar nessa língua. Observa-se que as risadas propiciam a retomada da fala na outra língua.

(39)

I
*agora, num hotel a gente pode pedir
uma cama de bebê ou alguma coisa,
deve ter, né?*

*será que hotéis têm berço? eu nunca
vi isso*

F

é, pois é, é melhor ir um dia antes

	<i>también não</i>
deben tener cunitas, ¿no?	y no sé, si no hay vamos a pedir
	que lo hagan
y sí, que se rejodan y que pongan	
la cuna y déjense de hinchar==	
	y...
<i>ou se não, eles arrumam um cantinho</i>	
<i>no chão, qualquer coisa</i>	
	<i>claro</i>

Nesse exemplo, pode ser observado que o espanhol serve como um momento de digressão dentro do discurso de I, a qual, devido à menção do berço do bebê, alterna para essa língua repetindo exatamente a mesma idéia exprimida anteriormente em português de modo a fazer breve parêntese dentro da conversa.

Como F a secunda e passa, também, a falar espanhol, afirmando que pedirá providências ao hotel no sentido de colocarem uma cama para a filha, I prossegue na mesma língua, ameaçando, comicamente, o pessoal do hotel se não o fizerem. Apesar da intenção demonstrada por F de seguir empregando o mesmo código, I interrompe a sua fala e volta a falar em português para marcar o fim da brincadeira e mostrar que realmente está preocupada com a acomodação da filha. Mais uma vez, F demonstra solidariedade e acata a troca.

Em (40) vê-se claramente que o fim do assunto referente ao bebê libera F, de alguma maneira, da necessidade de falar em espanhol.

(40)

I

F

sí, es divina

mil beijos

tchau querido

yo también la extraño

sí, bueno *então tá meu bich
meu amor, vou lá, um beijo
pra ti*

te adoro

Já que F se despede ao telefone em português após ter finalizado em espanhol o tópico referente à filha, I acata sua decisão e responde na mesma língua. Ainda que F retome o idioma dos sentimentos para uma última despedida, I não volta a alternar de código para finalizar de uma vez a conversação.

Uma digressão também ocorre em (41).

(41)

I

*agora, quando eu terminar, que
fantástico, tchê*

bah

**ay, ¿qué vamos a hacer para
conmemorar, entonces?**

**y bueno, no sé, vamos a pasar
una semana a Punta del Este**

pois é, mas como, onde?

O espanhol é empregado como meio de expressar a sensação de alívio que I sentirá quando terminar a tarefa de que vem falando em português com F. Este prossegue o diálogo em

F

é né? (RISOS)

deve ser sensação de alívio, né?

lo que quieras vos

claro, cómo no *seria bom agora a gente
a gente passar uma semana em
Punta del Este*

espanhol até o momento em que passa a considerar realmente a possibilidade de, tal como sugerido por I, sair de férias. Acatando a alternância de idiomas proposta por ele, I considera a hipótese voltando a empregar o português, língua na qual se tratam assuntos sérios na família em estudo.

Em (42) existe a intenção de persuadir F a fazer algo que este não deseja.

(42)

I	F
<i>tu achas?</i>	
¿por qué sos tan malo?==	<i>é, o Fábio não vai ligar convidando</i>
<i>é?</i>	<i>não, eu tenho mais o que fazer</i>
<i>bom, então tá, se é assim o negócio==</i>	<i>é</i>

Conforme Giacalone Ramat (1995: 52), a troca de uma língua pela outra durante a conversação pode obedecer ao desejo de produzir efeitos contrastivos, especialmente quando motivada por uma atitude emocional do falante, tal como ocorre no exemplo acima e como ocorrerá no próximo também.

Apesar da passagem de I à língua mais descompromissada com a realidade e apesar do tom irônico empregado para indagar a razão da negação por parte de F no que se refere a telefonar convidando alguém, este não cede e se resiste a ligar, o que é visível, também, por sua negação a passar a falar espanhol. A firmeza e a determinação de F no sentido de não telefonar o impedem de mostrar-se colaborativo e o impelem a não tomar conhecimento da

pergunta feita por I em espanhol. Tal atitude de recusa diante da ação e da troca de língua influencia I, a qual retoma o português e, mostrando-se ela sim solidária, desiste de tentar convencer o seu interlocutor.

Intenção de tornar a conversa mais amena pode ser observada em (43).

(43)

I
não, é porque eu acho que eles são meio sujos

ah, tu achas que todo comerciante é sujo?

é?

ay, qué horrible, qué idea maravillosa, ¿eh?==

F
é, eles são, não sei, como todo comerciante, né?

nesse sentido assim de não pagar pra ganhar dinheiro, é

ah é, se não se não, é dono de bolicho, pra ser um grande comerciante tem que ser, se não, não consegue

no es una idea, es una verdad, ¿viste?==

Na tentativa de reduzir o impacto do que F afirma em português, I alterna seu discurso para o espanhol ao tempo que dá à sua fala entonação irônica. É secundada por ele, o qual, apesar de passar a usar tal língua e dar, também, tom irônico ao que diz, não ameniza suas idéias.

O caso de alternância de código entre sentenças descrito a seguir demonstra o intento por parte da falante no sentido de fazer seu interlocutor modificar a seriedade do tom.

(44)

I

tá, tu vais comer toda a berinjela que tiver?

ué

ah, e a couvezinha, tá bom, tá bom, três, tri legal==

che, podemos comer las frutillitas

tá

é que hoje ela tá dedicada só à Marina, quer dizer, a mãe não tá aqui, né?

hum hum okey okey==

agora daqui a pouquinho eu apareço porque quando eu aparecer a Marina não vai me largar mais, né?

F

claro

e o espinafre com ovinho por cima

tá?

claro *manda essa guria limpar*

né?

tá, e tu pega a Marina um pouquinho e manda ela limpar tudo, lavar e deixar na geladeira

ah?

desde que horas tu não vês a Marina?

Apesar do emprego do diminutivo *ovinho* e da resposta **claro** em espanhol, F dá mostras da sua resistência a se tornar mais simpático durante a interação. Na primeira tentativa de I no sentido de chamar sua atenção para um assunto que poderia ser de seu agrado, o de comer morangos, F usa o espanhol por um segundo e retorna de imediato ao português para dar a ordem sobre a limpeza de tais frutas. A passagem ao português coincide também com o fato

de que o diálogo de ambos com a pessoa à qual ele se refere ocorre sempre nessa língua.

Com a “guria” só se fala, evidentemente, português.

I parece desistir de seu intento e passa também a falar a língua de base da interação.

Contudo, não resiste à nova ordem de F, que mesmo falando sobre o bebê, não troca de língua, e marca sua ironia empregando mais uma vez o espanhol, no qual não é secundada por F, que não leva em consideração a sua alternância e não estranha a volta de I ao português.

Em (45) a tentativa dá resultado: F acata a mudança de código iniciada por I e aproveita a oportunidade para amenizar a conversa.

(45)

I

por quê?

¿el español que zzzzz que zzzzz?==

la democracia

F

e tô matando aula, né?

*claro, eu tinha que tar na aula lá
do troço aquele mas
mas deixa assim
mas eu não agüento mais, tchê*

**é, éste que habla así, la la ^
democracia y la libertad**

**la democracia y la libertad son
muy importantes**

No momento em que I imita comicamente a pronúncia do palestrante da Espanha, o qual, conforme característica fonética de algumas regiões daquele país, produz uma consoante fricativa interdental surda, F, após breve resposta ainda em português, aceita sua mudança e,

mesmo cometendo um erro de prosódia e sendo corrigido por I, opta por continuar a conversa em espanhol.

(46)

I

tá

eu não...na guerra das Malvinas==

**policía federal argentina, queda
detenido en nombre de la ley==**

*eu completei ali, inclusive o meu
antigo passaporte que tu não botaste
ali*

o cara botou ali pra ti

F

*tu tens que levar o teu título de
eleitor, tá querida?*

*título de eleitor e certificado
de reservista...tu serviste?==*

**a la pucha, no sé qué va a pasar
porque si no hiciste el servicio
militar obligatorio, no te podés
sacar el pasaporte==**

(RISOS)

*é porque eu não sabia o que que era
aquilo*

A passagem de um tema sério - a listagem de documentos necessários para renovar o passaporte - dá lugar à brincadeira por parte de F, que formula uma pergunta inviável em se tratando de uma mulher. Ainda em português, I responde no mesmo tom mas a menção à guerra argentina detona o espanhol em F.

Ocorre, então, o code-switching na sentença seguinte: I prossegue o jogo, reproduzindo a fórmula usada pela polícia de seu país nos casos de detenção. Após constatar o efeito produzido em F com a sua língua, com a entonação e com a frase propriamente dita, I retoma a língua de base a fim de deixar clara a mudança de tópico e o retorno ao assunto importante no momento. Os risos de F propiciam também a pausa útil para que a língua seja trocada mais facilmente.

Em (47) a alternância de código obedece a razões de finalização de tópico.

(47)

I	F
	bueno, tenemos que charlar mucho==
y sí, voy a tener que charlar con vos que no quería, ¿no?==	
(RISOS) <i>tá queridinho, me conta coisas</i>	sí, sí, esto es horrible==
	no sé porque me quedé toda la mañana ahí en la Universidad
¿haciendo qué?	

No momento que I decide não mais continuar com o tópico que vinha desenvolvendo até então em espanhol, passa à outra língua de modo a marcar novo tema. Sua intenção é compreendida por F, embora este não acate sua decisão e prossiga seu relato sem trocar de código. O retorno de I ao espanhol demonstra que o code-switching anterior tem como única finalidade a mudança de assunto.

4.3 Code-switching entre enunciados

Serão examinados abaixo cinco exemplos do mecanismo em estudo no curso de uma mesma interação lingüística, casos de alternância de uma língua para a outra após um período de emprego da primeira. Geralmente, tal mudança lingüística está condicionada pelo enunciado imediatamente precedente e permite aos interlocutores a passagem de um tipo de interação para outro (Dabène & Moore, 1995: 32).

(48)

I

calma, calma, que mais?

que mais?

ai, que horror

e a que horas?

e a que horas vol...

a que horas voltarás?==

ah, tem pizza

tem pizza

F

sei lá, não termina nunca esse troço, tchê, tô cheio disso

ah?

foi só, loucura pra cá e pra lá o dia inteiro, né? agora eu já vou sair pra Universidade

é

é o que me resta, é o que me resta

ah?

volto às dez e meia, né?

alô

tem pizza

bueno

pero sí, ¿te pensás que soy tonta?==

claro, claro que hoy no tanto, ¿no?

hoy no tanto

por que que tu tá surdo aí, hein?

é, mas eu tô em cima do mic

ah?

*tem pizza **bueno, es lindo, a
mí me encanta la pizza***

***y y bárbaro, ¿comieron el el
la pastita de ayer?***

estaba linda, ¿no?

¿ah?

***sí, porque hoy estaba así
pastosa***

*porque tu fala com esse troço
e não fica bom, né, meu amor*

Trata-se de um code-switching entre enunciados relativamente longos produzidos pela falante dentro de uma mesma conversação. Primeiramente, o diálogo entre os participantes ocorre em português e versa sobre o tema do acúmulo de trabalho e do que haverá para o jantar. F, decidindo tornar mais amena a conversação, alterna para o espanhol para elogiar o prato que comerá, sendo secundado por I, a qual também passa a falar a língua normalmente empregada em situações mais relaxadas.

Contudo, após ter tido que repetir suas idéias várias vezes durante toda a conversação, I demonstra impaciência e, retomando o português, língua na qual são tratados assuntos mais sérios, pergunta diretamente a F a razão de sua surdez. Este, irritado, volta imediatamente ao seu idioma para responder que a responsável pela comunicação truncada é ela própria. Não

havendo condições emocionais de trocar novamente o código lingüístico, I se desculpa ainda na língua não especialmente afetiva.

Em (49) nota-se nitidamente a passagem para o português no momento de tratar com seriedade um tema.

(49)

I

(RISOS) **bueno**

(RISOS)

bueno, estoy arriba del micrófono, arriba

sí estoy toda...

qué asco

tá, eu te contei que amanhã eu vou lá na M.L. ter aulas com ela?

te lembra que eu te contei que a gente que eu e a M. combinamos de ter uma aula por semana com a M.L.

de francês, não é meu amor

não, ah é, te lembra que eu te contei isso?

aí falei com a M.L. e amanhã nós começamos

F

dale, dejá ahí que tenemos que grabar muchas cosas, no te preocupes

escucho mal y te pido que me lo repitas

así está bien, está bárbaro

mi teléfono hace ruidos bizarros sabés, ¿no?

eh, sí, es una cosa asquerosa

não, aula de quê?

de quê, meu amor?

ah, tu e a M., eu entendi eu e a M.

me lembro

que bom, querida, que bom

Através de um *tá* I deu por terminado o tópico que, até então, vinha tratando em espanhol com F. Passa a relatar algo importante e sua vida profissional e, para tal, emprega o português, língua que emprega, por óbvio, fora de casa nas suas atividades de trabalho e de estudo. Como ocorre na maior parte das vezes, F respeita a mudança de código determinada por I e segue o diálogo na sua língua.

Em (50) nota-se o mesmo fenômeno, o tema torna-se grave e o português toma lugar.

(50)

I
pero hoy le dolían demasiado las muelas
le puse nenedent
sí, se mordía los dedos y se mordía mi
ropa y desesperada de dolor

sim, eu acho que tão os dentes meio que começando, os de trás ou alguma coisa porque ela botava a mão lá dentro dos dois lados e com um choro desesperado depois do almoço, aí peguei um cotonete

choro

peguei um cotonete, molhei no nenedent, passei na gengiva em cima e em baixo meio com com problemas porque ela botava a língua, né?

F
pobrecita
¿sí? pobre

é mesmo, querida?

choro?

ah é?

claro

Devido ao relato de I a respeito da dor de dentes da filha de ambos, F abandona o espanhol, idioma através do qual não tem o costume de exprimir muita preocupação e passa a falar, então, o português. Essa mudança é respeitada por I, já que, além do fato de que, em geral, um locutor acata o code-switching do outro, esse tópico é, também para ela, mais cômodo de ser tratado na língua que ouviu durante toda a sua infância no seu ambiente familiar.

O exemplo (51) demonstra de que maneira a passagem para um tópico de conversação mais próximo dos sentimentos implica a mudança da língua da interação.

(51)

I

que chatice, né?

que audiência era essa que tu tava recém?

bueno, pero me querés, ¿no?

bueno

bueno bueno

bueno, ¿y a qué hora venís?

F

e aí em seguida vou pra Rio Grande, eu preciso protocolar uma coisa lá na nessa Universidade

muito chato, muito chato mas faz parte

a a audiência no fim acabou não saindo, adiou, mas é que aí eu tava interpondo um agravo e dá uma trabalhadeira, a gente tem que ir no correio, é uma coisa chatíssima, tchê

yo te adoro

te adoro

y ahora todo bien, voy a trabajar un poquitito acá en mi cucha==

y...tempranito, ¿no?

A decisão tomada por I no sentido de interromper o relato cansativo de F sobre suas atividades profissionais remetem diretamente na direção da troca da língua de interação. Perguntando sobre os sentimentos de F e em espanhol, I assegura-se de não mais retomar o assunto que vem sendo narrado e no qual não tem mais interesse.

Em (52) observa-se, também, a mudança de código como um recurso empregado para finalizar o que vem sendo narrado ou discutido e para marcar a nova coisa que se deseja dizer.

(52)

I
é, não te preocupa, a que horas tu vens?

tá, nem sei se precisa isso, daqui a pouco gente se fala

é a minha unha aqui no telefone

não, tô tô encostando a unha no telefone

bueno, basta entonces, ¿eh?

¿qué? ¿qué es esto ya me lo tengo podrido?

*j'en ai marre?*¹³

(RISOS) no se dice así...yo estoy podrido

F

não sei, querida

então tá, que que tá fazendo um barulho estranho aí?

que que tás fazendo? tás lixando a unha?

bueno

y ^ bastilla, no, bastilla porque ^ ya me lo tengo podrido==

no sé==

é

¹³ Expressão em francês que significa “estou cheio”.

bueno	estoy podrido, ¿viste?
	ya no te ya no te ^ supuer...
	^ soporte más==
soporto más, bueno==	era mentira, son todos
	juguetes==
(RISOS)	<i>tá, querida?</i>
<i>tá</i>	<i>então tá, me chama depois</i>
<i>tá bom</i>	

O desejo manifestado da parte de F de encerrar o assunto que vem sendo tratado o motiva a passar a falar espanhol e a marcar o começo de uma despedida telefônica. Sua produção inadequada nessa língua determina o prolongamento do diálogo por mais alguns instantes, já que I, pretende ensinar a maneira correta de exprimir a idéia mas precisa se certificar de tê-la bem compreendido.

A passagem ao francês, idioma no qual ambos se desempenham como não nativos, bilíngües desequilibrados que são, serve como território neutro para a negociação do significado daquilo que F quer expressar em espanhol.

A resposta dada por F em português não provoca a mudança de código por parte de I, a qual continua a empregar o espanhol e a corrigir seu interlocutor. O que, finalmente, a faz retomar o português é o emprego dessa língua na despedida, na última e exitosa tentativa que F faz para concluir a conversação, troca propiciada, também, pela pausa na conversação devido ao riso de I.

A partir da observação do conjunto de dados coletados foi possível constatar a existência de constante alternância de códigos lingüísticos na interação verbal entre a pesquisadora I e seu marido F.

Foram examinados três tipos de alternância, quais sejam, o code-switching intra-sentencial - em suas duas modalidades: a de inserção de unidades com ou sem adaptação à língua de base e a de segmentos -, o code-switching intersentencial e o code-switching entre enunciados.

Os resultados de tal exame serão explicitados de maneira mais abrangente no próximo capítulo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após terem sido examinadas as cinquenta e duas vinhetas através das quais os dados deste estudo foram apresentados, foi possível elaborar uma listagem das motivações que impelem a alternância entre o português e o espanhol no discurso familiar da pesquisadora.

Criada em um ambiente doméstico onde apenas o português era falado pois que seus pais e empregadas eram brasileiros, teve esta a oportunidade, devido às circunstâncias especiais de sua infância, de também falar o espanhol, língua do país em que nasceu e onde morou até os dezoito anos e meio.

Embora dominando tais idiomas equilibradamente ao ponto de passar por uma nativa diante de falantes monolíngües de cada um, durante o período em que viveu na Argentina, a pesquisadora não os alternava nos mesmos meios, não passava de um sistema lingüístico ao outro com os mesmos interlocutores.

Tal comportamento explica-se pelo fato de que as pessoas com quem interagiu fora de sua casa não dominavam evidentemente o português e também, por outro lado, porque aqueles

que poderiam falar as duas línguas, seus familiares, não estimulavam essa prática, reservando-a apenas para fins muito específicos.

Já instalada no Brasil, passou a conviver a diário com um interlocutor brasileiro que se tornou, por seu intermédio, falante de espanhol como língua estrangeira. Para que seu marido adquirisse esse idioma, a pesquisadora começou a lhe fornecer insumos lingüísticos sempre que possível e, sem tê-lo premeditado, com maior ênfase na função emotiva da língua.

Assim, o português passou a ser empregado predominantemente para cumprir funções de cunho referencial, o que implicou a paulatina especialização das duas línguas no ambiente doméstico onde convivem os falantes em estudo.

Contudo, no momento em que o desempenho em espanhol por parte do marido da pesquisadora atingiu um nível razoável, vários assuntos puderam ser tratados também nessa língua e a interação entre ambos solidificou-se dentro de um modelo de bilingüismo cotidiano. Qualquer tópico de conversação pode ser tratado, a rigor, em qualquer um dos dois sistemas lingüísticos disponíveis - embora existam preferências por um ou por outro - já que a passagem de uma língua para a outra durante a mesma conversa mostra que a atividade intelectual independe, de certo modo, da expressão verbal.

O fenômeno do code-switching, praticamente inexistente no discurso da falante eqüilíngüe antes do convívio com seu marido, tornou-se prática constante em sua comunicação habitual e padrão de interação familiar.

Através do que pode ser observado nos micro-diálogos descritos no capítulo anterior, conclui-se que motivações variadas determinam a alternância de código por parte da pesquisadora quando em contato com um falante de seus dois idiomas.

Tendo em vista que, no caso sob exame, o fator motivador em sentido amplo de todo code-switching - dentro das sentenças (salvo nos exemplos de falta de disponibilidade na memória), entre as mesmas ou entre enunciados no discurso - é, na verdade, o desejo consciente ou inconsciente de marcar o discurso, a necessidade imediata de expressar a idéia da maneira mais significativa, podem ser elencadas várias razões para a sua prática, a saber :

1. **motivações lingüísticas** - nos casos em que a passagem para o outro código, com ou sem adaptação das palavras à pronúncia da língua de base, deve-se à falta de disponibilidade de um termo nesse idioma. (Vinheta 6);
2. **motivações sociolingüísticas** - nas ocasiões em que a presença da filha bebê do casal determina a mudança de código para o espanhol, regra familiar que, se violada, acarreta grande sensação de desconforto. (Vinheta 28);
3. **motivações estilísticas** - como nas oportunidades em que, de modo a obter a colaboração ou simples reação do outro falante, aproveita-se a semelhança entre as

línguas para levar a cabo jogos lingüísticos, brincadeiras, invenções de sentido para termos ou criações verbais. (Vinheta 11);

4. **motivações cognitivas** - presentes nos casos em que o desconhecimento de palavra em espanhol implica a inserção de termo em português - adaptado ou não - ao discurso em desenvolvimento. (Vinheta 5);

5. **motivações emocionais** - nas ocasiões em que o assunto remete a vivências que se expressam melhor em determinada língua por serem rotinas trazidas da infância, por exemplo. Também nas vezes em que se pretende marcar o estado anímico, dar ênfase a idéias, amenizá-las ou tentar persuadir ou dissuadir o interlocutor. (Vinheta 19);

6. **motivações ambientais** - nos exemplos em que o que detona a alternância de código lingüístico é a remissão, durante o discurso, a um ambiente no qual uma dada língua é utilizada com exclusividade. (Vinheta 33);

7. **disponibilidade na memória** - exemplificada nas vezes em que, devido à incapacidade momentânea de produzir uma palavra na língua da base, há apelo imediato e inconsciente a um termo equivalente no outro idioma, o qual é detonado automaticamente. (Vinheta 1);

8. **solidariedade com o interlocutor** - segundo o tópico de conversação desenvolvido, pode haver alternância ou mesmo manutenção do código lingüístico com o fim de exprimir sentimentos de companherismo ou compreensão. (Vinheta 45);
9. **demonstração de poder** - nos casos em que a alternância de código é levada a termo exitosamente, o que influencia o interlocutor para que acate a mudança e passe também a empregar a mesma língua. (Vinheta 27);
10. **lealdade a uma cultura** - em determinados casos, o emprego de uma determinada língua se impõe como o único possível pela necessidade de expressão plena de traços culturais. (Vinheta 16);
11. **estratégia de manutenção do código** - nas ocasiões em que, para não ter de corrigir o interlocutor, por exemplo, não se deseja marcar o discurso por meio da troca de língua, pretendendo-se, assim, continuar o emprego do idioma que está sendo falado, ainda que com adaptação sutil de termos alheios ao mesmo. (Vinheta 8);
12. **mudança de tópico** - nos casos em que justamente o que se pretende é trocar de língua para poder mudar o tópico da conversação. (Vinheta 49);
13. **realização de digressões** - nas vezes em que há comentários na outra língua que não a de base a respeito do assunto que vem sendo tratado. (Vinheta 39);

14.comicidade - nos exemplos em que o efeito pretendido é o de divertir o interlocutor, imitar a fala de alguém ou expressar ironia. (Vinheta 12);

15.preferência pessoal - muitas vezes, o que detona a troca de sistema lingüístico é a maior comodidade de expressão de certas idéias ou sentimentos em uma língua por questões de domínio do tópico ou experiência lingüística. (Vinheta 17).

Dentre as motivações que colaboram para a ocorrência do fenômeno do code-switching elencadas acima, algumas não são registradas pela literatura à qual se teve acesso, como, por exemplo, a que diz respeito a fatores de digressão ou a que atribui a maior parte do code-switching ao desejo de marcar o discurso.

As digressões são momentos de alternância de língua através dos quais não se deseja cortar um assunto, não se objetiva terminar a conversa nem tampouco se quer encontrar uma maneira de realizar a despedida telefônica: pretende-se apenas fazer um parêntese, colocar um aposto dentro do discurso.

Tampouco é facilmente encontrada na literatura exemplificação de code-switching motivado justamente pela necessidade de manter o código em uso em vez de alterá-lo.

A marcação do que se pretende expressar através da alternância de código constitui o fator observado de maior relevância nas interações aqui examinadas.

Conforme indicam as vinhetas, dentro da produção da equilíngüe, a língua de base na qual houve maior número de inserções de termos estrangeiros na sentença foi o espanhol com catorze ocorrências (exemplos 1 a 6, 8 a 13, 17 e 19), enquanto que, em quatro oportunidades (exemplos 15, 16, 18 e 20), termos foram inseridos dentro de sentenças que vinham sendo faladas em português.

Isso se deve ao fato de que, embora a pesquisadora siga se desempenhando como uma nativa do espanhol aos olhos de monolíngües, a falta de contato freqüente com falantes exclusivos desse idioma acarreta uma menor exposição a termos e expressões peculiares de tal sistema, os quais se tornam, por conseguinte, menos acessíveis na memória de longo prazo.

No entanto, nos casos em que são inseridos elementos do espanhol nas conversas em português, observa-se a intenção de deixá-los inalterados, o qual marca o discurso e reflete a disponibilidade de acesso a certos termos específicos da cultura argentina na memória permanente.

Quanto aos casos de alternância lingüística dentro da mesma sentença, porém com acréscimo de segmentos inalterados à língua de base, observa-se que, na metade das vezes, partes em

espanhol foram aditadas a frases que vinham sendo produzidas em português (exemplos 21, 22, 23, 28, 29, 30, 32 e 34).

Por outro lado, nos exemplos 24, 25, 26, 27, 31, 33, 35 e 36, houve aditamento de segmentos falados em português a frases produzidas primeiramente em espanhol. Tal número de ocorrências demonstra a existência de grande equilíbrio no relativo ao recurso de marcar o discurso através do emprego da outra língua compreendida pelo interlocutor, no intuito de provocar comicidade, exprimir sentimentos com clareza, demonstrar o desconhecimento de algum tópico, falar com o bebê.

Em se tratando de code-switching intersentencial, a passagem de um idioma para o outro obedece, geralmente, ao propósito de fazer alguma digressão dentro daquilo que está sendo dito no momento ou ao de modificar o tom do diálogo que se está levando a cabo, isto é, deixar de ser irônico, beligerante, neutro ou interrogativo, por exemplo.

A opção por uma ou outra língua dependerá exclusivamente daquela na qual a interação está sendo desenvolvida: sendo o objetivo do code-switching o de marcar o discurso, o código empregado para tal deverá ser, por óbvio, o contrário do de base.

O mesmo pode ser afirmado nos casos de troca de código entre enunciados no curso de uma mesma interação lingüística: o efeito buscado é o de marcar a idéia que se deseja expressar e

o meio empregado para tal é a passagem da língua na qual se está falando para aquela que não está sendo utilizada no momento.

O falante marca também o seu discurso através de ênfases na entonação, de pausas, de gestos, de olhares, entre outros. Contudo, no presente estudo não são levados em conta tais marcadores.

É interessante observar que, dos trinta e sete casos de ocorrência de alternância lingüística durante a conversação bilíngüe com a conseqüente aceitação por parte do outro falante, houve treze situações em que a equilíngüe comandou a mudança da conversa do português para o espanhol, oito situações em que a mesma detonou a troca do espanhol para o português, oito ocasiões em que seu interlocutor promoveu a alteração do português para o espanhol e oito vezes também em que a mudança realizada pelo mesmo acarretou a passagem do espanhol para o português.

Conclui-se a partir de tal contagem que, na maior parte das vezes, é o bilíngüe desequilibrado quem dá demonstração de solidariedade no sentido de apoiar a escolha que a equilíngüe faz pelo espanhol. As demais ocorrências de aceitação e acato às alternâncias lingüísticas distribuem-se de maneira equilibrada, o que significa que a pesquisadora não alterna tão freqüentemente para o português mas que quando o faz é também secundada por seu interlocutor. Do mesmo modo, ocorre engajamento nos casos em que este toma a decisão de

trocar de código e marcar o seu discurso empregando exatamente a língua contrária àquela em uso até então.

O modo como são organizados neste trabalho os casos em que ocorre o fenômeno em análise é inovador no sentido de que, geralmente, existe grande confusão na literatura no que diz respeito aos exemplos de code-switching intersentencial e code-switching entre enunciados.

O fato de que os primeiros ocorram quando se produzem sentenças na outra língua dentro do mesmo tópico de conversação e no próximo turno de fala constitui a razão para que tenham sido apresentados separadamente dos últimos, os quais acontecem quando, após um período relativamente longo de emprego de uma língua, há uma mudança condicionada pelo enunciado anterior dando lugar a uma modificação no tipo de interação. Nos casos de alternância de código entre enunciados observa-se, outrossim, que a primeira frase produzida no idioma que é introduzido encontra-se relativamente distante da primeira fala na língua de base da interação.

Este trabalho não pretende abarcar a descrição e interpretação completa de todos os aspectos presentes nos atos de fala dos interlocutores sob exame tendo em vista as especiais limitações de análise - levada a termo através de uma observação participada - do próprio discurso da pesquisadora equilíngüe.

Contudo, o exame das interações das mesmas pessoas durante vários dias, em diferentes situações e tratando de assuntos diversos pode se constituir em uma contribuição à ciência da linguagem, uma vez que não estão disponíveis na literatura especializada exemplos deste tipo. Descrições detalhadas de um grande número de micro-diálogos durante os quais os interlocutores alternam entre as línguas que dominam em variado grau realizadas pelo próprio sujeito bilíngüe para detectar as causas do seu code-switching não são comumente objeto de estudo.

Em virtude tanto dos próprios preconceitos sobre a função de cada uma de suas duas línguas, como dos estereótipos a respeito de sua alternância de código lingüístico, como também da atitude repressiva em relação ao code-switching motivado por falhas de acesso na memória, é possível que algumas motivações não tenham sido suficientemente explicadas ou interpretadas pela pesquisadora, o qual poderá vir a ser investigado mais adiante.

Passíveis de pesquisa posterior são também alguns dos aspectos não enfocados durante a análise dos dados coletados, porém abordados ligeiramente no capítulo introdutório cujo objetivo foi o de descrever brevemente um caso individual de equilingüismo. Os seguintes tópicos podem, assim, constituir sugestões de temas para futuras pesquisas na área do discurso bilíngüe :

1. A influência que exerce o pacto lingüístico familiar quanto à manutenção exclusiva do idioma de origem dentro de casa no desenvolvimento do equilingüismo precoce em língua doméstica/língua do ambiente externo.
2. Os sentimentos negativos experimentados por equilíngües precoces diante da insistência de observadores que lhes exigem demonstrações constantes de suas habilidades lingüísticas.
3. O desenvolvimento da atividade reflexiva ou metalingüística através de jogos verbais por parte da criança equilíngüe a partir do momento em que percebe dominar mais de um código.
4. O desenvolvimento da leitura e da escrita no idioma não aprendido formalmente na escola partindo da habilidade interlingüística subjacente a ambos.
5. O desenvolvimento do orgulho de ser bicultural, de dominar línguas peculiares às manifestações culturais de cada um dos países representados pelas mesmas.
6. O paradoxo que constitui o fato de que, muitas vezes, embora a língua adquirida em casa seja a dominante na maioria das circunstâncias, o falante prefere, para expressar seus sentimentos e emoções, aquela que também foi adquirida durante a infância mas no ambiente externo.

O fato de que algumas passagens de uma língua para a outra sejam sentidas pela pesquisadora como exemplos típicos de traição - como nos casos de inserção de termos não disponíveis de imediato na memória de longo prazo - não significa que o code-switching não constitua, na verdade, elemento fundamental e repleto de sentidos na sua comunicação diária.

Um dos seus significados mais importantes e também o mais apreciado nas circunstâncias até aqui descritas é justamente o de elemento definitivo de expressão da identidade cultural. Assim, tal aspecto constitui motivação fundamental na escolha do idioma empregável em certas passagens discursivas pela falante que tem à sua disposição dois inventários lingüísticos e culturais da mesma categoria, embora rica e afortunadamente díspares, aos quais pretende, sempre que possível, demonstrar lealdade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUER, Peter. "The pragmatics of code-switching: a sequential approach" MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching.** Cambridge : University Press, 1995. 115-135.
- CADIOT, Pierre. "As misturas de língua" in VERMES, G. & BOUTET, J. **Multilingüismo.** Campinas : Editora da Unicamp, 1987. 139-154.
- COOK, Vivian. **Second Language Learning and Teaching.** London : Edward Arnold, 1991.
- CUMMINS, Jim. "Second language acquisition within bilingual education programs" in BEEBE, L.M. **Issues in Second Language Acquisition.** New York : Newbury House Publishers, 1988. 145-166.
- DABÈNE, Louise & MOORE, Danièle. "Bilingual speech of migrant people" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching.** Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 17-44.
- DE HEREDIA, Christine. "Do bilingüismo ao falar bilíngüe" in VERMES, G. & BOUTET, J. **Multilingüismo.** Campinas : Editora da Unicamp, 1987. 177-220.
- DEPREZ, Christine. **Les enfants bilingues : langues et familles.** Paris : Didier, 1994.
- ELLIS, Rod. **The study of second language acquisition.** Oxford : Oxford University Press, 1994.
- ERICKSON, Frederick. "Advantages and disadvantages of qualitative research design on foreign language research" in FREED, B. **Foreign Language Acquisition Research and the Classroom.** Lexington : D.C. Heath and Company, 1991. 338-353.

- ERVIN-TRIPP, Susan M. "Interaction of language, topic and listener" in FISHMAN, J.A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 192-211.
- ESTEVA FABREGAT, Claudio. "El biculturalismo como contexto del bilingüismo" in ZAMALLOA, K. A. et al. **Bilingüismo y Biculturalismo**. Barcelona : Ediciones CEAC, 1978. 9-51.
- GARDÈS-MADRAY, Françoise & BRÈS, Jacques. "Conflitos de nomação em situação diglössica" in VERMES, G. & BOUTET, J. **Multilingüismo**. Campinas : Editora da Unicamp, 1987. 155-173.
- GARDNER-CHLOROS, Penelope. "Code-switching in community, regional and national repertoires : the myth of the discreteness of linguistic systems" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 68-89.
- GENESEE, Fred. "Neuropsychology and second language acquisition" in BEEBE, L.M. **Issues in Second Language Acquisition**. New York : Newbury House Publishers, 1988. 81-112.
- GIACALONE RAMAT, Anna. "Code-switching in the context of dialect/standard language relations" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 45-67.
- GROSJEAN, François. **Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, Mass. : Harvard University Press, 1982.
- _____ "A psycholinguistic approach to code-switching : the recognition of guest words by bilinguals" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 259-275.
- GUMPERZ, John J. "Verbal strategies in multilingual communication" in ALATIS, K.E. **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics**. Washington : Georgetown University Press, 1970. 129-147.
- HAKUTA, Kenji. **Mirror of Language. The Debate on Bilingualism**. New York : Harper Collins Publishers, 1986.
- HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, Angus & STREVEN, Peter. "The users and use of language" in FISHMAN, Joshua A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 138-169.

- HAMERS, Josiane F. & BLANC, Michel H. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989.
- HARDING, Edith & RILEY, Philip. **The Bilingual Family. A Handbook for Parents**. Cambridge : Cambridge University Press, 1986.
- HERMAN, Simon R. "Exploration in the social psychology of language choice" in FISHMAN, J.A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 492-511.
- HOYOS ANDRADE, Rafael. "Prólogo" in FEIJÓO HOYOS, B.L. **Dicionário de falsos amigos do espanhol e do português**. São Paulo : Página Aberta : Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.
- HYLTENSTAM, Kenneth & OBLER, Loraine. "Bilingualism across the lifespan: an introduction" in HYLSTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across the lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989. 1-12.
- HYLTENSTAM, Kenneth. "The code-switching behavior of adults with language disorders with special reference to aphasia and dementia" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 302-343.
- HYMES, Dell H. "The ethnography of speaking" in FISHMAN, J.A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 99-138.
- KÖPPE, Regina & MEISEL, Jürgen M. "Code-switching in bilingual first language acquisition" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 276-301.
- LANZA, Elizabeth. "Can bilingual two-years-olds code-switch?" in **Journal of Child Language**, 19, 1992. 633-658.
- LI, David Chor-shing. "Explaining code-alternation : Resistance to transfer and reluctance to translate". Paper presented at the AILA World Congress held at the University of Jyväskylä, Finland, 1996.
- MACKEY, William F. "The description of bilingualism" in FISHMAN, J.A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 554-584.

- MACNAMARA, John. "Bilingualism and thought" in ALATIS, J.E. **Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics**. Washington : Georgetown University Press, 1978. 25-45.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo : Ática, 1991.
- MEISEL, Jürgen. "Early differentiation of languages in bilingual children" in HYLSTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across the lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989. 13-40.
- MILROY, Lesley & LI, Wei. "A social network approach to code-switching : the example of a bilingual community in Britain" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 136-157.
- MILROY, Lesley & MUYSKEN, Pieter. "Introduction : code-switching and bilingualism research" in MILROY, L. & MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge : Cambridge University Press, 1995. 1-14.
- MYERS-SCOTTON, Carol. **Social Motivations for Code-switching. Evidence from Africa**. Oxford : Clarendon Press, 1993.
- NAJAB, Faycal. "O sujeito bilíngüe : abordagem cognitiva" in VERMES, G. & BOUTET, J. **Multilingüismo**. Campinas : Editora da Unicamp, 1987. 221-245.
- NAWA, Takako. "Bilingüismo e mudança de código : uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília" in TARALLO, Fernando. **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas : Editora da Unicamp, 1989. 199-215.
- PARADIS, Michel. "Language and thought in bilinguals" in McCORMACK, W. & IZZO, H. **The sixth LACUS Forum**. Columbia : Hornbeam Press Inc., 1979. 420-431.
- _____ & LEBRUN, Yvan. "La neurolinguistique du bilinguisme : représentation et traitement de deux langues dans un même cerveau" in **Langages**, n° 72, décembre 1983. 7-13.
- _____ "Bilingual and polyglot aphasia" in BOLLER, F. & GRAFMAN, J. **Handbook of Neuropsychology**. Amsterdam : Elsevier Science Publisher, 1989. 117-140.
- _____ "Language lateralization in bilinguals : Enough Already !" in **Brain and Language**, 39, 1990. 576-586.

_____ “The Loch Ness monster approach to bilingual language lateralization : a response to Berquier and Ashton” in **Brain and Language**, 43, 1992. 534-537.

_____ “Neurolinguistic aspects of implicit and explicit memory : implications for bilingualism” Unpublished paper, lately published in ELLIS, N. **Implicit and Explicit Language Learning**. New York : Academic Press, 1994.

_____ “The role of the right cerebral hemispher in the acquisition and learning of second languages”. Paper presented at the AILA World Congress held at the University of Jyväskylä, Finland, august 1996.

PERECMAN, Ellen. “Language processing in the bilingual : evidence from language mixing” in HYLTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989. 227-244.

POPLACK, S.; WHEELER, S. & WESTWOOD, A. “Distinguishing language contact phenomena : evidence from Finnish- English bilingualism” in HYLTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989. 132-154.

RUBIN, Joan. “Bilingual Usage in Paraguay” in FISHMAN, J. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague : Mouton, 1968. 512-530.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à psicolingüística**. São Paulo : Ática, 1991.

SELIGER, Herbert. “Deterioration and creativity in childhood bilingualism” in HYLTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge : Cambridge University Press, 1989. 173-184.

SELINKER, Larry. “Interlanguage” in SCHUMANN, J.H. & STENSON, N. **New Frontiers in Second Language Learning**. New York : Newbury House, 1974. 114-136 (First published in IRAL, 1972).

SHARWOOD SMITH, Michael A. “Crosslinguistic influence in language loss” in HYLTENSTAM, K. & OBLER, L. **Bilingualism across lifespan. Aspects of acquisition, maturity and loss**. Cambridge ; Cambridge University Press, 1989. 185-201.

SIGUAN, Miguel. “Bilingüismo y personalidad” in ZAMALLOA, K.A. et al. **Bilingüismo y Biculturalismo**. Barcelona : Ediciones CEAC, 1978. 275-306.

SNOW, Catherine. "Relevance of the notion of a critical period to language acquisition" in BORNSTEIN, M.H. **Sensitive Periods in Development : Interdisciplinary Perspectives**. Hillsdale : LEA, 1987. 183-209.

TABOURET-KELLER, Andrée. "Questões relacionadas a uma psicologia clínica do bilingüismo" in VERMES, G. & BOUTET, J. **Multilingüismo**. Campinas : Editora da Unicamp, 1987. 247-261.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact. Findings and Problems**. The Hague : Mouton, 1953.

ANEXO

ANEXO

AMOSTRA DE UM DIÁLOGO DESENVOLVIDO ENTRE OS FALANTES SOB EXAME

ISABELLA

puse, puse

como una boba sí==

acá, fui a cerrar la puerta

bueno, la beba me no me vio pasar pero desconfió==

la beba no me vio pasar pero creo que lo sospechó, ¿viste?

yo en la cocina tomando un té

sí, me tomé un café con pan con manteca y queso

y...

y me leí quinientas mil porquerías y ahora voy a seguir un poquito más, una hora más más o menos, por ahí voy a leer, no escribí nada, estoy leyendo varias cosas para dejar todo marcado más o menos qué es lo que es importante

después mañana por ahí empiezo a escribir

sí empie... sigo escribiendo

sigo escribiendo tá e tu e tu me conta tudo

FÁBIO

bueno, ¿pusiste todo todo correcto?==

bueno, ¿y dónde estás que no te escucho?

ah bueno==

¿ah?

pero, ¿dónde estabas?

qué lindo

uia...

y decime, ¿trabajaste?

bueno

¿mañana empezás a escribir?

qué lindo

ah eu tô numa loucura aqui sabe quantas notas saíram

ah?

(RISOS) e o “queics”?

isso não é bom?

e qual é o prazo?

e o prazo

(RISOS)

es lindo es lindo, ¿no te parece?

(RISOS) **sí pero no, ¿qué quiere decir eso?**

no sé, no sé esto no sé==

por quê?

¿el español que zzzzz que zzzzz?==

la democracia

¿y los tipos entienden algo, los boludos que escuchan?

pero esto también...

yo te digo que si el tipo hablara dijera lo mismo en portugués tampoco iban a entender porque son tarados

pra mim hoje no jornal?

uma duas três quatro cinco seis sete oito
nove dez
onze doze treze catorze...

pois é...

é trabalho tudo, são catorze processos
que eu tenho que
trabalhar, né?

ah?

o de cinco dias

(RISOS)

sí pero no...

no, es horrible, ¿viste? es horrible

e tô matando aula, né?

claro eu tinha que tá na aula lá do troço
aquele mas mas deixa assim
mas não agüento mais tchê

**é, éste que habla así, la la^
democracia y la libertad**

**la democracia y la libertad son
muy importantes**

creo que no entienden nada, ¿viste?

no entienden nada

bueno es verdad==

así que, viste, no es por el idioma es por el contenido==

¿sí? ¿y cuándo termina esto?

calma, calma, que mais?

que mais?

ai, que horror

e a que horas?

e a que horas vol...?

a que horas voltarás?==

ah, tem pizza

tem pizza

tem pizza

bueno

pero sí, ¿te pensás que soy tonta?==

claro, claro que hoy no tanto, ¿no?

hoy no tanto

por que que tu tá surdo aí, hein?

é, mas eu tô em cima do mic

então vam...eu vou passar pro normal

(RISOS) bueno

claro claro y pero ya me ya me estoy podrido, ¿viste?

sei lá não termina nunca esse troço, tchê, tô cheio disso

ah?

foi só, loucura pra cá e pra lá o dia inteiro, né? agora eu já vou sair pra Universidade

é

é o que me resta, é o que me resta

ah?

volto às dez e meia, né?

alô

ah?

tem pizza **bueno, es lindo, a mí me encanta la pizza**

y...y bárbaro, ¿comieron el el la pastita de ayer?

estaba linda, ¿no?

¿ah?

sí, porque hoy así estaba pastosa

porque tu fala com esse troço e não fica bom, né, meu amor

é, mas fica ruim o som

no, grabamos, grabamos

(RISOS)

bueno, estoy arriba del micrófono, arriba

sí, estoy toda...

qué asco

tá eu te contei que amanhã eu vou lá na M.L.
ter aulas com ela?

te lembra que eu te contei que a gente que
eu e a M. combinamos de ter uma aula por
semana com a M.L.

de francês, não é meu amor!

não, ah é, te lembra que eu te contei isso?

aí falei com a M.L. e amanhã nós começamos

terças às cinco e meia sem sem compromissos
de trabalhos e coisas, que eu tô com a tese e a
M. com estudando pro concurso

mas pra gente dar uma recauchutada, né

uma vez por semana assim, sem compromisso
também se um dia não dá pra ir tchau, quer
dizer, aquelas coisas assim, né?

e pra M.L. é bom porque nós claro que nós
vamos ser as melhores alunas do curso dela
(RISOS)

e pra nós nem se compara, quer dizer, é uma
maravilha, né?

**dale, dejá ahí que tenemos que
grabar muchas
cosas no te preocupes**

**escucho mal y te pido que me lo
repitas**

así está bien, está bárbaro

**mi teléfono hace ruidos bizarros
sabés, ¿no?**

eh, sí es una cosa asquerosa

não, aula de quê?

de quê, meu amor?

ah, tu e a M., eu entendi eu entendi eu e
a M.

me lembro

que bom, querida, que bom

sim

claro

ah

claro

ah vamos, não sei quanto, mas vamos

não, amanhã nós vamos conversar lá porque ela tá ela tem horários pra duas vezes por semana tudo e como nós vamos ser uma vez só ela vai fazer um esquema lá de não sei, não sabia quanto ia cobrar

então, mas porque é um trabalho todo diferente ela...não sei se nós vamos ler texto que que nós qualquer coisa eu disse pra ela que a gente faça com tal que ela me corrija me ajude me...

me diga, olha tens que revisar tal coisa, porque tu acaba perdendo o parâmetro, né?

não tem a menor idéia se tá bárbaro ou se tá horrível ou tá...

então

bueno

bueno, quereme, ¿no?

bueno

la beba está linda, se durmió, se comió un yogur

ahora va a comerse algo con leche no sé si un un [mingau] == o algo, qué sé yo, no sé

y la sopita toda

pero hoy le dolían demasiado las muelas

le puse nenedent

sí se mordía los dedos y se mordía mi ropa y desesperada de dolor

sim, vão pagar também, né?

ela não cobrou ainda?

sim

claro

é verdade

claro claro

toda razão, então tá, meu bichinho

vou enlouquecer mais um pouquinho, tá?

te estoy adorando

te extraño mucho

bueno

bueno

está bien

pobrecita

¿sí? pobre

é mesmo, querida?

sim, eu acho que tão os dentes meio que
começando os de trás ou alguma coisa porque
ela botava a mão lá dentro dos dois lados e com
um choro desesperado depois do almoço aí peguei
um cotonete

choro

peguei um cotonete, molhei no nenedent, passei
na gengiva em cima e em baixo meio com com
problemas porque ela botava a língua, né?

e dava nojo, eu sei que eu levei horas mas aí
depois ela se acalmou e dormiu com a mãe

agora tá brincando, tá bem **está bárbara te
extraña me parece**

sí, es divina

choro?

ah é?

claro

e agora como é que ela tá?

uia, yo también la extraño

sí, bueno então tá